

Vasco amanhece no Galeão

Braune inocenta o juiz

UEG forte na Primavera



O tempo na Guanabara estará instável no dia de hoje, segundo previsão do SM, havendo ameaça de chuvas esparsas. A temperatura entrará em declínio.

# Botafogo vence Flu azarado: 1-0

*Antunes  
ainda é  
dúvida*

Pág. 5

*Olaria  
derruba  
Madureira*



Pág. 2 Roberto recebendo um lançamento de Gerson completou com decisão, evitando a intervenção do goleiro Márcio que saiu em desespero, marcando o gol

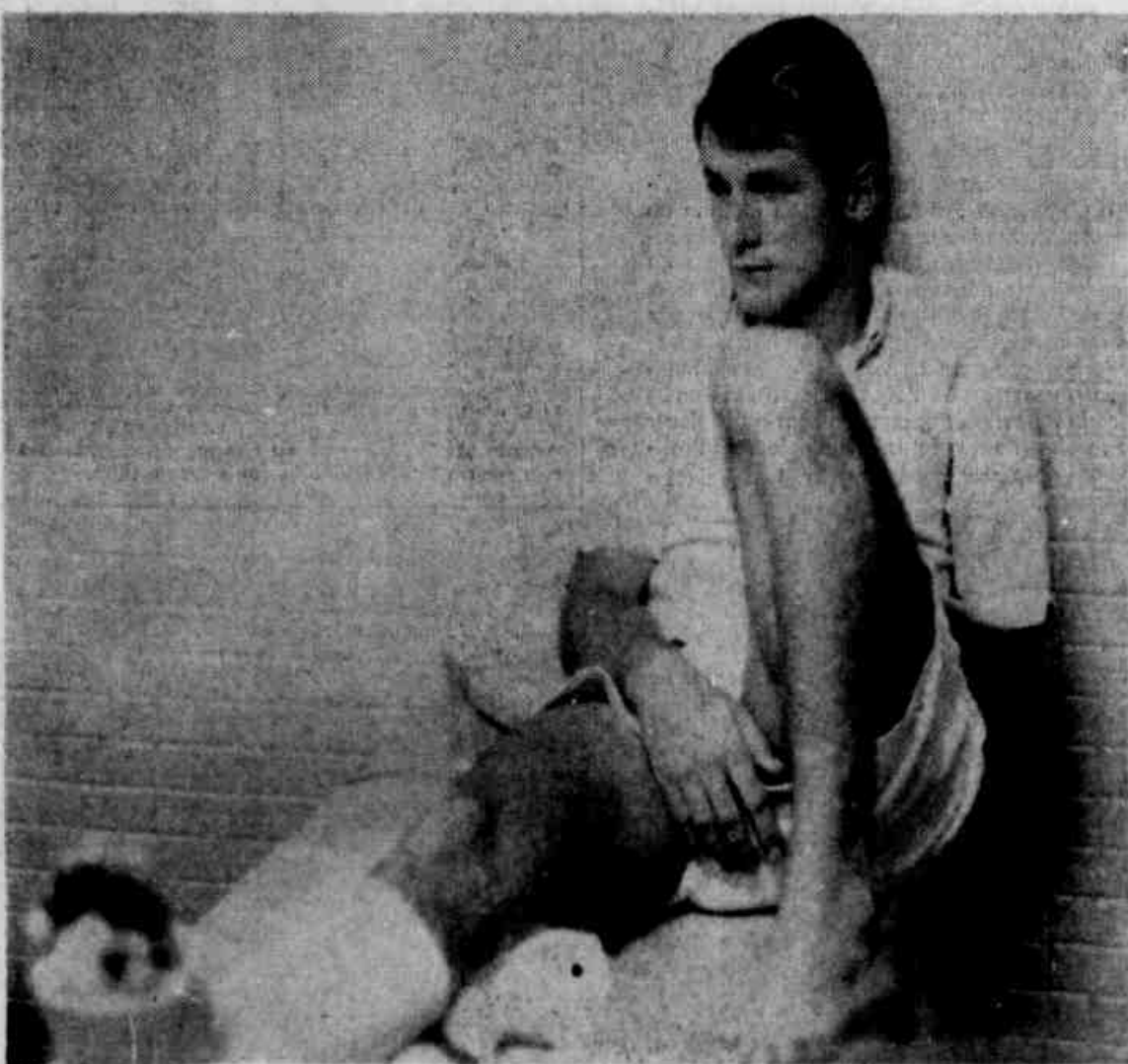
## FLA COM AMORIM EM C. GRANDE



— Desperdiçando várias chances de gol no 1.º tempo, o Fluminense acabou derrotado pelo Botafogo graças a um gol de Roberto, ontem à tarde, no Estádio Mário Filho. O alvinegro manteve assim a liderança do certame, juntamente com o Bangu e Flamengo, pois o Madureira que era ponteiro perdeu por 3 a 0, na preliminar, para o Olaria.

— Satisfeito por saber que os seus jogadores expulsos contra o América só serão julgados na próxima semana, o Campo Grande não aceita os argumentos do Flamengo mantendo o jogo para domingo, em Italo Del Cima. Bria tem Amorim preparado para jogar no lugar de Nelsinho que voltou a sentir a virilha.

— A delegação do Vasco desembarca hoje cedo, no Galeão, com Gentil ameaçando entregar o cargo, caso o clube não concorde em se desfazer de vários jogadores.



Camilo com a perna gessada é mais uma baixa para o Fluminense

## Gentil ameaça renunciar se Vasco não fizer dispensas



BOTAFOGO DIA A DIA

Presença de Renato Estelita

A data de amanhã assinala o primeiro aniversário do falecimento de um dos mais abnegados botafoguenses de todos os tempos: Renato Estelita.

Seu nome está ligado indissolúvelmente ao futebol de General Severiano, ardoroso defensor e inteligente executor que foi da arrojada política do grande profissionalismo com a qual o nome do Botafogo adquiriu extraordinário realce em todo o território nacional e no exterior.

A ele assim se referiu o Grande Benemérito Paulo Azeredo, em 1959, ao propor ao Conselho Deliberativo que lhe fosse outorgado o título de Benemérito, proposta esta aprovada por aclamação:

"Fidelidade e constância ao pavilhão alvinegro, em síntese, é a vida de Renato Estelita. Ao ser nomeado diretor de futebol do nosso Botafogo, deu-se por inteiro, sem restrições, nem compensações, à grande campanha que culminou com o memorável campeonato de 1957. Renunciou a tudo o mais para se consagrar, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, aos complexos problemas que surgiam a cada passo, mas que encontravam na sua inteligência e na sua fé inabalável, a solução própria e adequada."

Pouco depois de sua morte, que consternou todos os botafoguenses, a Diretoria aprovou a proposta do então Diretor da Divisão de Futebol, Engenheiro Dirceu Palva Guimarães, a fim de que na sala do Diretor da referida Divisão, fosse colocado seu retrato, passando a mesma a ser chamada Sala Renato Estelita, num preito de saudade ao grande Diretor, que se tornou um exemplo para seus sucessores.

A inauguração será feita amanhã, às 17h30m, após o jogo entre as equipes de aspirantes do Botafogo e Bangu, em General Severiano. Pela manhã, às 10h, na Igreja de São Paulo Apóstolo, por iniciativa da Família Estelita, será rezada missa pela boníssima alma do nosso inolvidável Benemérito.

Atividades do fim desta semana

Sábado, dia 9

As 14h — Futebol — Botafogo x América; campeonato infanto-juvenil; Estádio de General Severiano.

As 15h30m — Futebol — Botafogo x Bangu; torneio de aspirantes; Estádio de General Severiano.

As 17h30m — Inauguração do retrato do saudoso Benemérito Renato Estelita, na sala de Divisão de Futebol, em General Severiano.

As 18h30m — Basquete — Botafogo x Riachuelo; campeonato de juvenis e de infanto-juvenis — Quadra do Riachuelo.

Domingo, dia 10

As 9h — Basquete — Botafogo x Riachuelo; campeonato infantil — Quadra do Riachuelo.

As 16h — Futebol — Botafogo x Bangu; primeiros quadros de profissionais; Campeonato Carioca, Estádio Mário Filho.

Das 17h às 21h — Iê-lê-lê — conjuntos The Four Demons e The Kinkys; sede de Venâncio Brás.

DIÁRIO DO FLAMENGO

SÓCIOS PATRIMONIAIS

Comunicamos aos portadores de títulos de Sócio-Patrimonial que, visando o estrito interesse dos mesmos, está sendo processada a troca de carteiras de identidade social, estando as antigas com o prazo definido de validade. Outrossim, para evitar naturais atropelos de última hora, encarecemos aos senhores associados que se orientem pelas seguintes normas: 1) requerer no Departamento de Títulos Patrimoniais, na Av. Rui Barbosa, 170 — bloco "C" — térreo (Tel. 25-6000), a troca de suas carteiras; 2) apresentar no ato do requerimento 2 (duas) fotografias, tamanho 3x4; 3) pagar no ato da requisição NCR\$ 1,00 (um cruzeiro novo), correspondente ao custo da nova carteira, e 4) estar quitas com seus pagamentos (prestação ou taxa de manutenção).

Plantão do tesourário

No plantão que a Tesouraria vem mantendo, diariamente, das 9 às 12 e das 15 às 18h, no Parque Desportivo da Góvea, também os sócios-patrimoniais, desde que apresentem o recibo do último pagamento, poderão efetuar a regularização de suas mensalidades e taxa de manutenção. Essa novidade, que visa facilitar a tarefa dos senhores associados, estará em vigor a partir de segunda-feira, dia 11.

Campanha pró-ampliação da flotilha

Prossegue com a mais carinhosa receptividade a Campanha Pró-Ampliação da Flotilha do CR Flamengo. Em breve o objetivo será totalmente atingido, mas, para tanto, há necessidade de que cada rubro-negro envie, pelo menos, duas cartas de luz (já pagas), para serem trocadas por ações na Eletrobrás, conforme já esclarecemos e, posteriormente, serem transformadas em dinheiro para a compra de novos barcos. Esperamos que, cada flamenguista, cumpra com o seu dever nesse movimento que foi iniciado pelo Vice-Presidente dos desportos aquáticos, Dr. Lon Teixeira de Menezes.

VASCO EM REVISTA

\* Jantar-dança

Hoje, dia 8, na Sede Náutica da Lagoa, com o Conjunto "Homero e seu Ritmo", Jantar-Dança, das 21h a 1h. Traje esporte.

\* Tarde-dança

Aos domingos, Tarde-Dança, das 19h às 23h na Sede Náutica da Lagoa com o Conjunto "The Grave Diggers", Traje esporte.

Tarde-Dança em Hi-Fi, das 18h às 22h em São Januário. Traje esporte.

\* Baile da Primavera

Sábado, dia 23, Baile da Primavera, eleição e coroação da Rainha da Primavera de 1967 com Conjunto "Bob Marney", das 23h às 4h, na Sede Náutica da Lagoa. Traje passeio completo.

\* Baile dos Debutantes

Dia 28 de outubro, na Sede Náutica da Lagoa, com Orquestra Violinos de Varóvia, das 23h às 4h. Traje rigor.

Inscrições abertas na Secretaria do clube, na Av. Rio Branco, 161 — 9.º andar, diariamente.

\* Natação

O Departamento de Desportos Aquáticos comunica aos associados que estão abertas as inscrições para:

**CURSO DE NATACAO** — para ambos os sexos, idades de 8 a 13 anos, início previsto para o dia 9 de setembro.

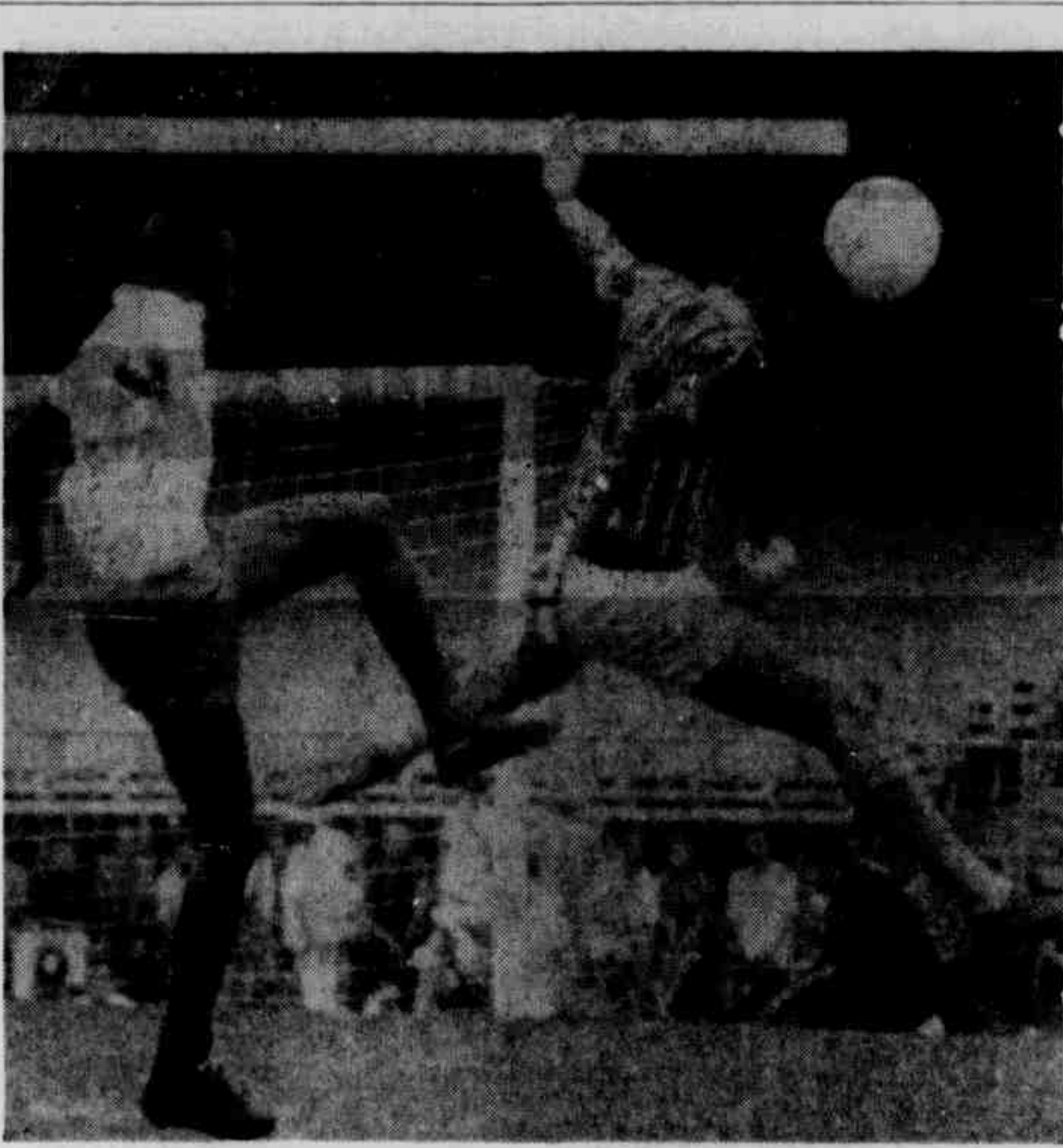
**CURSO DE NATACAO PARA SENHORAS** — ministrado por professora especializada início previsto para o dia 15 de setembro.

Inscrições na Secretaria do Departamento de Desportos Aquáticos, diariamente, das 14h às 18h.

\* Revisão de carteiras

A Diretoria avisa aos sócios Patrimoniais e seus dependentes que só terão ingresso nas dependências do clube com a carteira revisada pela Tesouraria. Esta revisão será feita mediante a apresentação da carteira acompanhada do carnê do titular, na sede da Av. Rio Branco, 161 — 9.º andar.

# Gentil sai se não houver expurgo



Silva ganha com a cabeça uma disputa com Ecurinho

## Madureira surpreende caindo para o Olaria

Com surpresa geral o Madureira caiu para o Olaria por 3 a 0 no primeiro dos jogos realizados no Estádio Mário Filho, ontem à tarde, não conseguindo manter em três rodadas seguidas a posição de líder invicto que vinha ocupando, e seu pecado maior foi justamente essa preocupação de não perder — traçado na defesa, sem ter a ousadia de ir à frente, deixou o adversário passear em seu campo.

Ao contrário, o Olaria entrou com muita garra e à base de uma velocidade que deixou o Madureira meio tonto, mostrando um jogo bem diferente de suas duas primeiras apresentações no campeonato, no qual se destacava o papel de Eliseu no meio de campo e os de Antoninho e Sabará brigando na frente, este com uma estreia excelente e feliz em seu novo time.

Apático

Desde os primeiros momentos tornou-se evidente a inibição do time do Madureira, preso a seu campo, com uma esquematização de retrencia sem o necessário dinamismo em armar contra-ataques que obrigassem uma maior vigilância do Olaria na defesa.

Começou com certa tranquilidade, mas era evidente sua preocupação de jogar para os lados, insistindo nos passes laterais com o objetivo de prender a bola de pé em pé, esquecendo que ainda havia muito tempo de futebol pela frente.

Enquanto seus atacantes no primeiro tempo só chutaram três únicas bolas a gol, o Olaria sempre que pôde pressionou à área contrária, levado por Eliseu, que acionava a briga de Sabará e Antoninho contra a defesa do Madureira pelas finalizações.

Desse constância na área do Madureira nasceu o primeiro gol, quando o zagueiro Silva, já nervoso, cortou com a mão um cruzamento sem maiores pretensões de Naldo, cometendo pênalti. Mura cobrou com perfeição, entrando a bola por um lado enquanto Laerte ia para o outro.

O Madureira voltou para o segundo tempo com os mesmos defeitos, isto é, preso demais à defesa, ao passo que o Olaria continuava a explorar a velocidade de Ecurinho e o ímpeto de Antoninho, aliada à disposição de Sabará, para ter o domínio do jogo.

Continuava o Olaria mais sóto, sempre na frente, até que Laert saiu mal numa bola, do que se aproveitou Antoninho para encobri-lo e marcar o segundo gol. Ai acabou o Madureira.

O terceiro gol liquidou qualquer vontade do Madureira de descontinuar, justamente quando o time de Conselheiro Galvão procurava esboçar uma reação. Antoninho centrou da linha de fundo e, ante a indecisão da defesa do Madureira, Sabará entrou e marcou. Daí em diante o Olaria passou os dez minutos finais trocando passes numa minúscula de olé.

No Olaria os melhores foram Mura, Eliseu, Antoninho, Sabará e Ecurinho, enquanto no Madureira salvaram-se Luis Almeida, Joel e Pereira, este tentando levar seus companheiros à frente, mas o esforço foi em vão.

Olaria 3 x Madureira 0

Campeonato Carioca.  
Local: Estádio Mário Filho.  
Primeiro tempo: Olaria 1 a 0. Gol de Mura, de pênalti, aos 33m.

Segundo tempo: Olaria 3 a 0. Gols de Antoninho aos 10m e Sabará, aos 36m.

Olaria: Ubarajara; Mura, Miguel, Esteves e Alfinete; Mafra e Eliseu; Naldo, Antoninho, Sabará e Ecurinho. Técnico: Paulinho.

Madureira: Laerte; Luis Almeida, Joel, Silva e Pereira; Elmo e Marcelino; Anísio, Nando, Miguel e Edson. Técnico: Esquerdinha.

Juiz: Alvaro Siqueira.

Auxiliares: José Ferreira de Sousa e Rubens de Sousa Carvalho.

Anormalidades: Esteves, do Olaria, expulso aos 30m, por jogo violento.

## ESQUERDINHA VIU DIA RUIM

Ambiente de tristeza era como se apresentava o vestiário do Madureira, os jogadores calados, sentados e sem ânimo, mas o técnico Esquerdinha demonstrava calma, achando justo o resultado, pelo que o time jogou. Em princípio não quis em mexer nele, embora tudo dependa de estudos futuros.

A única baixa, segundo informou o Dr. Ivá José da Silva, é o jogador Anísio, que voltou a sentir o tornozelo machucado, tendo logo o médico imobilizado com ataduras a região atingida e prescrito muito repouso e bolsa de gelo. O Diretor de Futebol Didimo de Almeida mostrava-se desolado, não encontrando explicação pelo fraco desempenho do time, achando que faltou raça, garra e vontade de vencer.

Excursão

Ainda no vestiário, foi confirmada a viagem, hoje, às 18h, na Estação Rodoviária Novo Rio, com destino a Governador Valadares, onde jogará domingo contra o Democrata, campeão da cidade mineira.

## UMA PEDRINHA NA CHUTEIRA

Depois que os barbadinhos se transferiram do morro do Castelo para a Tijucas nunca mais fomos à missa da primeira sexta-feira de cada mês para receber as santas bênçãos que nos livravam do mau olhado, da sepelheia caída, das más linguas e más vizinhas.

Quando os barbadinhos estavam no morro do Castelo, todas as primeiras sextas-feiras de cada mês subíamos a ladeira da Misericórdia, contornávamos o Observatório Nacional, entrávamos na Rua do Castelo e dali nos dirigíamos ao Covoadu das Barbadinhos.

Com bom ou mau tempo, nós e milhares de pessoas subiam o histórico morro em busca do lenitivo para as nossas máis, quase sempre falta de sorte e dinheiro, já que saúde, naquela época, tínhamos para dar e vender.

Como éramos fregues de cadeira da missa celebrada na primeira sexta-feira de cada mês, levávamos sempre uma porção de pedidos de pessoas que, por qualquer motivo, não podiam ir aos Barbadinhos.

Por isto ou por aquilo, todos os nossos pedidos eram atendidos. Lembramos-nos que certa vez, quando as f-

nador Valadares, onde jogará domingo contra o Democrata, campeão da cidade mineira.

O Sr. Didimo de Almeida, que chefiará a delegação, deu a relação dos que seguirão: Técnico Esquerdinha; Dr. Horácio Bernardo; roupeiro Nilson e os jogadores Laerte, Luis Almeida, Joel, Silva, Pereira, Elmo, Marcelino, Anísio, Nando, Miguel, Edson, Gonçalo, Kelé, Orlando, França, Barreto e Altamiro.

Foroh

O médio Farah, que já pertenceu ao Madureira e está atualmente em disponibilidade no América, possivelmente será emprestado ao seu clube de origem até o fim do ano, sem qualquer ônus, dentro da política de boa vizinhança entre América e Madureira. O assunto deverá ser resolvido hoje ou amanhã.

quancas andavam curtas, pedimos a graça de ganhar no elefante. Jogamos no elefante e não deu outra coisa. No dia imediato voltamos a jogar no elefante e para nossa alegria deu o bichinho de tromba, na cabeça. Aventuramos o terceiro dia e o elefante não falhou. No quarto dia, porém, deu o burro. Era abusar muito do elefante e sua respeitável tromba.

Fomos nós que aconselhámos o Dr. Luis Murgel a levar os jogadores do Fluminense aos Barbadinhos na primeira sexta-feira do mês de setembro.

Acontece que o Dr. Luis Murgel não acredita em forças misteriosas.

Para convencermos o nosso ilustre amigo Dr. Luis Murgel, contamos-lhe o caso do elefante que nós levamos, na época, de grandes aperturas financeiras.

O Dr. Luis Murgel sorriu e disse-nos: — Ze de São Januário, o quadro do Fluminense anda com tanto azar que, se nós pedíssemos aos Barbadinhos para dar elefante, de tarde corre a sorte e dá sobra na certa.

LISBOA (Especial para o JS) — Inconformado com os resultados obtidos na Taça Carranza, o técnico Gentil Cardoso colocou-se numa posição delicada, dizendo que, se o Presidente João Silva não iniciar imediatamente o expurgo do elenco, os seus dias como técnico do Vasco estarão contados. Ainda em Lisboa, o treinador citou os jogadores Fontana, Brito, Jorge Andrade, Jadir, Bianchini, Ari, Silas, Sérgio, Edson, Zé Carlos e Moraes como candidatos ao corte. Quando chegar ao Rio conversará com o Presidente João Silva a respeito do destino de cada um, e ao mesmo tempo explicará os principais motivos do fracasso da excursão.

Regresso

Após o último jogo contra o Sporting, de Lisboa, quando conseguiram a reabilitação, vencendo por 3 a 1, o Vasco embarcou ontem, às 17h, para Madri, onde tomou um avião da Iberia aos 30 minutos de hoje, devendo desembarcar às 6h30m no Galeão.

Os jogos que poderiam ser efetuados nos Estados Unidos ou na cidade do Porto foram todos cancelados pelo Presidente João Silva, que ordenou que a delegação retornasse após o jogo contra o Sporting, devido aos compromissos no Campeonato Carioca.

A delegação compareceu ontem a uma solenidade na Embaixada do Brasil, em comemoração à data da Independência.

Expurgo

Nas várias entrevistas concedidas aos jornalistas portugueses, manifestando seu desejo de dirigir a equipe do Sporting, escalando Eusebio no lugar de Pelé, Gentil Cardoso tocou no assunto dominante entre os dirigentes vacasinos, o expurgo total, para uma renovação completa no elenco.

Bafo abre ensaios para 1968

O Bloco Carnavalesco Bafo da Onça, dos mais tradicionais da Guanabara, inicia seus ensaios para o carnaval de 1968, sábado próximo, dia 10, no ginásio do Esporte Clube Minerva, das 14h às 18h, e domingo, dia 11, no ginásio de Alvaro Silva, das 14h às 18h. O bloco, sob a presidência de Alvaro Silva, ex-Relevo da Policia do Bafo da Onça, e o bloco terá ensaios, também, às sextas-feiras, no mesmo local, a partir do mês de outubro. O Minerva situa-se a Rua Tapirú, 1.305.

## Chanteclair na Rota do Esporte

Falando ontem após o jogo com o Botafogo, o Vice-Presidente Dilson Guedes negou que o Fluminense estivesse inclinado a rescindir o contrato do técnico Alfredo Gonzalez. Frisou o Sr. Dilson Guedes, que a situação do futebol do seu clube não permite que se responsabilize apenas o técnico, porque outros fatos têm acontecido para agravar ainda mais as condições da equipe.

Lembrou que o quadro tem sido constantemente modificado devido as contusões e citou o exemplo de ontem, em que o atacante Camilo contundiu-se logo de início e o Fluminense teve que suportar um adversário de grande categoria com apenas dez homens. O Presidente Luis Murgel que ouviu a reação do seu Vice-Presidente, pediu tranquilidade e disse que o desespero não solucionaria o problema.

A Agência Chanteclair de Viagens está tecnicamente aparelhada para traçar o seu plano de viagem e lhe oferece ainda condições que não lhe será possível encontrar em qualquer outra parte. Faça a sua consulta e verá que vale a pena recorrer à Agência Chanteclair na hora em que você pensar em realizar o seu cruzeiro turístico. Informações na Rua México, 119, 8.º andar ou então pelos telefones 42-8688 e 22-3081.

O Sr. Norberto Alcântara confirmou ontem a sua condição de candidato ao próximo pleito presidencial do Olaria. Observou que a sua presença no pleito se deve ao seu desejo de dar ao Olaria uma orientação capaz de transformá-lo num dos maiores clubes dos nossos subúrbios. Pretende o Sr. Norberto Alcântara dinamizar todos os setores do clube e fazer com que cada associado tenha em Olaria, os meios necessários para a sua recreação.

Quando você viajar para o exterior procure a Lufthansa, cujos serviços lhe deram um prestígio muito grande no setor da aviação comercial. A Lufthansa possui linhas para todas as partes do mundo e está capacitada a transformar a sua viagem num acontecimento tranquilo e bastante agradável. A Lufthansa se orgulha do tratamento que tem dispensado aos seus passageiros.

Jornal dos Sports S. A.	
EDIÇÃO NACIONAL	
Redação, Oficinas e Administração Rua Tenente Posado, 15/25	
Telefone:	32-2111
Publicidade:	32-4034
Rio de Janeiro	
EDIÇÃO MINEIRA	
Diretor Responsável JOSE DE ARAUJO COTTA	
Diretor Superintendente EURO LUIS ARANTES	
Chefe de Produção: JOAO DANGELO	
Rua da Bahia, 1.148 — Conjunto 600 Tel.: 4-1721	
Belo Horizonte	
Rua S. Paulo — Rua Sete de Abril, 135 — 1.º andar Telefone: 33-0880	
Vendas avulsas: GB — Est. do Rio — São Paulo	
Dias úteis	NCR\$ 0,20
Domingos	NCR\$ 0,30
Interior — Via Aérea — Distrito Federal	
Minas Gerais:	
Dias úteis	NCR\$ 0,20
Domingos	NCR\$ 0,30
Maranhão — Mato Grosso — Sergipe — Piauí — Pernambuco — Paraíba — Alagoas — Bahia — Goiás — Santa Catarina — Espírito Santo — Paraná — R. G. do Sul	
Dias úteis e domingos	NCR\$ 0,30
Amazonas — Pará — Ceará — Rio Grande do Norte	
Dias úteis	NCR\$ 0,30
Domingos	NCR\$ 0,40
Interior — Via Rodoviária — Minas Gerais e Bahia	
Dias úteis	NCR\$ 0,20
Domingos	NCR\$ 0,30
Assinaturas Postais:	
Semestral:	NCR\$ 10,00
Anual:	NCR\$ 20,00



# Botafogo ganha Fluminense no jogo da sorte

Após duas bolas na trave, além de mais outras duas defendidas milagrosamente pelas pernas dos zagueiros botafoguenses, tudo nos primeiros 15 minutos de jogo, o Fluminense voltou a sofrer a ausência de um mínimo bafejo de sorte, perdendo Camilo antes dos 20 m. Depois disso, o Botafogo desafiou sua defesa e arriscou as primeiras jogadas de ataque, até que, na terceira vez que foi decididamente à frente, conquistou o gol da vitória, através de Roberto, que soube concluir bem uma jogada que apresentou dois deslizes: o excelente lançamento de Gerson e a decisiva falha de Jardim.

No segundo tempo, com 11 contra 10, o Botafogo preocupou-se inevitavelmente com o contra-ataque tricolor, razão pela qual, Moreira, que avançava no primeiro tempo, planejou-se atrás, iniciando uma linha de zagueiros que apresentava Leonidas como verdadeiro líbero. Além da indiscutível defesa de Leonidas, ficou o dedo técnico no Fluminense: Samarone, inexplicavelmente, ficou preso entre os zagueiros e Suíngue, peça de grande valor na armação e no apoio, era deslocado para a lateral do campo, pela esquerda. Sem ponta-direita e também pecando pela ausência de Jardim, naquele setor, o ataque tricolor limitou-se a Roberto.

## Começo do Jogo

Ainda no limiar do jogo, no primeiro minuto, Rinaldo perdeu a primeira chance, chutando sobre Zé Carlos, na conclusão de uma jogada iniciada por Robertinho, que foi à linha de fundo e centrou para Samarone abrir as pernas, deixando o ponta-esquerda inteiramente livre. No minuto seguinte, novamente o Fluminense forçava, agora pela esquerda, voltando a perder boa chance com o chute errado de Denilson.

Com deslocamentos em todos os setores de ataque, o Fluminense envolvia constantemente a defesa adversária, criando inúmeras oportunidades de gol. No meio-campo, bastante estádio, Carlos Roberto e Gerson perdiam o combate para Suíngue e Denilson. Daí nasciam os lançamentos para o ataque tricolor, como aconteceu aos 7 m, quando Robertinho foi lançado e centrou para Samarone, que chutou e a bola bateu nas pernas de Manga, voltando para Leonidas aliviar.

Os constantes avanços de Moreira, permitiam a resposta tricolor por aquele setor, destacando-se Rinaldo na melhor partida que realizou desde que chegou a Alvaro Chaves. Era patente a superioridade tricolor e o gol esperado por todos.

tamalha a carga contra os botafoguenses. Aos 21m, depois de um córner cobrado por Rinaldo, que Manga soltou, Camilo chutou contra o travessão, caindo contido depois. Ele, que marcava em campo, não agüentou mais e foi para a ponta-esquerda.

## Vira o Botafogo

Com a perda de uma preocupação — Camilo incomodava realmente a defesa, principalmente a Zé Carlos e Leonidas — o Botafogo resolveu impor seu ritmo, fazendo com que Gerson aparecesse mais em campo, ora tentando tabelar, ora lançando em profundidade para Rogério ou Lula, enquanto Ailton e Roberto também saíam para buscar jogo.

Depois de uma bonita jogada de Denilson — que fez embaixada na frente de Roberto e atrasou de balãozinho para Márcio — o Botafogo tomou conta do primeiro tempo, exatamente aos 25m, mudando completamente o panorama da partida. Lula começou a vencer o combate com Jardim, o ataque botafoguense conseguia tramar até à área tricolor. Márcio já era solicitado aos 37m, depois de violento chute de Roberto.

Aos 40m, quando maior era a pressão alvinegra, Rogério dribla Altair e cruza forte para dentro da área. A bola passou por vários jogadores, sobrando para Lula que, na corrida, fuzilou violentamente, indo a bola explodir na trave esquerda, com Márcio completamente batido. O Botafogo buscava decididamente a abertura do marcador.

Gerson cantava o jogo e se responsabilizava por excelentes lançamentos para os atacantes. Em uma de suas jogadas características, quando ajeita a bola com o lado do pé, olhando toda a extensão do campo, Gerson notou a corrida de Roberto e lançou-o a bola em profundidade, exatamente na entrada da área do Fluminense. Jardim bobiou, o atacante ajudou com o calcanhar e fuzilou no canto esquerdo, aos 43m, conquistando o gol que seria o da vitória botafoguense.

O primeiro tempo terminaria com a vitória parcial do Botafogo, por 1 a 0. O placar, deduzindo-se o que aconteceu nos 45m inicial, era mais uma vez injusto ao Fluminense. Se o Botafogo reagiu no final, o tricolor ganhou o início, concluindo-se bastante justiça em um empate, já que a sorte negara condições ao Fluminense para vencer o primeiro tempo.

## Últimos tiros

Confirmada a impossibilidade de manter Camilo em campo — o atacante havia sido encaminhado ao Raio-X — Gonzalez tentou alguma cartada decisiva. Robertinho caiu decididamente no chão, deixando o vazio, na direita, que deveria ser explorado por Jardim ou Suíngue. A medida, ainda que corajosa, não surtiu o efeito desejado, complicando mais e mais o ataque tricolor.

Samarone era queimado entre os zagueiros, pois sua principal característica, a de sair jogando, era impedida pela presença de Robertinho e Rinaldo no seu setor, embolando e atacando e facilitando o trabalho da defesa botafoguense, que indiscutivelmente voltou a campo disposta a não se arriscar e sofrer contra-ataques.

Ninguém, dos zagueiros botafoguenses, arriscava o ataque, existindo sempre quatro zagueiros para conter dois ou três atacantes. Com o recuo de Carlos Roberto, a situação piorou mais, complicando-se mesmo quando Suíngue deslocou-se para a esquerda, esperando um avanço de Moreira que não aconteceu.

Sem ponta-direita, sem a cobertura dos laterais — que nunca tentaram atacar — e mantendo Denilson, um pouco tonto e perdido, sozinho no meio-campo, o Fluminense entregou o jogo completamente ao Botafogo, limitando-se a tentar algumas jogadas através da velocidade de Robertinho ou da garra de Samarone, insuficientes para compensar a superioridade numérica dos zagueiros adversários.

## Erros táticos

A fragilidade tricolor e o completo desinteresse botafoguense, no segundo tempo, fizeram com que o jogo descaísse bastante, tornando-se monótono e sem qualquer atrativo para os torcedores, que chegaram mesmo a enfileirar algumas vaia, principalmente os do Fluminense, ainda que os chafalados por Tarzan também pedissem "mais um", tentando despertar seu time em campo, pois o placar não era ainda tranquilo.

O recuo de Denilson, para a lateral, deslocando Jardim para o meio, tornava-se tão necessário que a própria torcida o comentou e desejou, pois o apoiador, mancando do calcanhar, era completamente dominado no meio-campo, não conseguindo apoiar nem destruir. Outra falha gritante do

Fluminense, foi a ausência de ponteiros durante o jogo. Robertinho e Rinaldo, escalados naqueles setores, nada fizeram de especial, a não ser Robertinho, que realmente tentou a linha de fundo, Rinaldo conseguiu aparecer, mas nunca na ponta-esquerda.

Não foi só o Fluminense que errou taticamente. O Botafogo esqueceu-se da vantagem numérica, tanto de jogadores como a do marcador, preocupando-se excessivamente em cuidar o jogo, recuando algum contra-ataque dos tricolores, o que era plenamente desconsiderável, bastando lembrar a constante vantagem de dois ou três defensores.

Gerson, que no primeiro tempo fora um apoiador veia e de grande decisão nas jogadas, esfriou o ritmo dos botafoguenses, rolando sempre a bola lenta e para os lados, despreocupando-se totalmente com o ataque e realizando pouquíssimos lançamentos em profundidade.

## Graças a Deus

O panorama do jogo não se modificou até o final, confirmando-se a vitória do Botafogo, já então justa, pois o Fluminense nada apresentou no segundo tempo. Somente o espírito de luta de seus jogadores merecia citação, depois de um jogo onde Cláudio Magalhães foi um juiz fraco e inseguro nas marcações, das quais inverteu várias. Não fosse o ritmo e a definição imediata do jogo, outros seriam os comentários sobre a arbitragem, tamanhas foram as falhas do mediador.

## Botafogo 1 x Fluminense 0

Local — Estádio Mário Filho.  
Renda — NCr\$ 36.933,45.  
Público — 13.563 pagantes.  
1º tempo — Botafogo 1 a 0, gol de Roberto, aos 43 m.  
Final — Botafogo 1, Fluminense 0.

Botafogo — Manga; Moreira, Zé Carlos, Leonidas e Valtencir; Carlos Roberto e Gerson; Rogério, Roberto, Ailton e Lula. Técnico — Zagaló.

Fluminense — Márcio; Jardim; Valtinho, Altair e João Francisco; Denilson e Suíngue; Robertinho, Camilo, Samarone e Rinaldo. Técnico — Alfredo Gonzalez.

Juiz — Cláudio Magalhães.

Auxiliares — Amílcar Ferreira e Antônio Vlug.

# Camilo engessado também pára até outubro



Roberto cai de cabeça num lance disputado com Valtinho na área do Fluminense

## ROBERTO DEU GOL E FÔRÇA

Mostrando uma vitalidade excepcional, dominando e chutando bem a bola, e ainda tendo assinalado um gol espetacular, o atacante Roberto foi o melhor jogador do clássico de ontem. Outro que esteve bem na equipe vencedora foi o jovem Carlos Roberto, que é um emérito destruidor e cumpriu com acerto sua missão.

No Fluminense, praticando uma série de boas defesas, o melhor foi o goleiro Márcio, seguido de perto pela dupla de área Valtinho-Altair, que mostrou regularidade.

### Botafogo

**MANGA** — Teve algum trabalho apenas no primeiro tempo, quando contou inclusive com a sorte, pois duas bolas bateram na trave. No segundo tempo nunca foi molestado.

**MOREIRA** — Somente foi empenhado no primeiro tempo, pois com a contusão de Camilo o Fluminense ficou sem ponta-esquerda, facilitando sua ação. No final do jogo não apoiou como outras vezes devido instruções de Zagaló. Teve uma boa atuação.

**LEONIDAS** — Disputou uma boa partida, apesar de ter passado mal algumas bolas. No segundo tempo esteve absoluto pelo seu setor, pois atuou sempre na sobra.

**VALTENCIR** — Levou desvantagem com Roberto no primeiro quarto de hora. Depois firmou-se e esteve no mesmo nível dos companheiros de zaga.

**CARLOS ROBERTO** — Mais uma vez foi perfeito na destruição, deixando que Gerson trabalhasse mais à vontade.

**GERSON** — Estêve bem, mas poderia avançar mais pois tinha campo para isso, desde que o Fluminense ficasse com Camilo contido. Seu passe para o gol de Roberto foi perfeito.

**ROGÉRIO** — Foi apenas regular. Passa bem pelo seu marcador, mas depois se complica e finaliza péssimamente. Necessita aprimorar a pontaria.

**AILTÓN** — Também foi apenas regular, pois esbarrava sempre em Valtinho ou Altair, não conseguindo passar pelos mesmos.

**ROBERTO** — Ótimo desempenho. Foi um leão dentro de campo, levando constante perigo ao gol de Márcio, através de jogadas individuais. O gol que assinalou foi uma beleza, embora a bola lançada por Gerson tenha sido na medida.

**LULA** — O melhor do ataque depois de Roberto, principalmente no primeiro tempo, quando quase marca um gol espetacular, ao pegar a bola de primeira, que foi defendida por Márcio em excelente intervenção. No segundo tempo, seu trabalho de destruição e ajuda ao meio campo foi muito bom.

### Fluminense

**MÁRCIO** — Praticou uma série de boas defesas, demonstrando segurança. No primeiro tempo fez duas defesas realmente excepcionais. Uma num chute de Lula e outra num de Roberto, quando demonstrou perfeito reflexo, pois a bola foi à queima-roupa.

**JARDEL** — Fraco. Envolvido várias vezes e ainda apelando para a violência.

**VALTINHO** — Jogou muito bem e demonstrou bom entendimento com Altair, por ocasião do jogo de cobertura.

**ALTÁIR** — Também esteve bem, impedindo as jogadas do Botafogo pelo centro da área.

**JOÃO FRANCISCO** — Regular. Demonstrou ser ainda muito inexperiente. No primeiro tempo cobrou uma falta, indo a bola no travessão do gol de Manga.

**DENILSON** — Muito irregular. Faz uma boa jogada para, logo depois, errar um passe infantil.

**SUÍNGUE** — Bem superior a Denilson, demonstrou vitalidade e bom controle de bola. Todavia estava praticamente sozinho no meio campo e isso prejudicou sua atuação.

**ROBERTO** — Começou muito bem, envolvendo a Valtencir em algumas jogadas. Depois foi caindo de produção, como todo o ataque do Fluminense.

**SAMARONE** — Estêve apenas regular, atuando fora de suas características que é a de vir apanhar o jogo na intermediária. Jogou todo o primeiro tempo no meio dos zagueiros alvinegros e pouco fez além correr muito.

**CAMILO** — Jogava bem até se contundir seriamente no tornozelo, aos 19 minutos, e ir parar na ponta-esquerda, até o final do primeiro tempo, para não voltar no período final. No lance em que se machucou, foi justamente quando enviou lindo chute que bateu na trave de Manga.

**RINALDO** — Jogou bem, ajudando inclusive o meio-campo quando o Fluminense ficou com apenas 10 jogadores.

## Zagaló diz que foi vitória da cautela

Alegria apenas moderada no vestiário do Botafogo após o jogo de ontem, tendo o técnico Zagaló considerado como "a vitória da cautela" ao mesmo tempo que explicava que não mandou seus zagueiros avançarem no segundo tempo para que Leonidas ficasse sempre sobrando na intermediária alvinegra, como autêntico líbero.

Disse Zagaló, que de ardeur como ia a partida na sua etapa final, o Fluminense só teria possibilidades de conquistar um gol, na base de contra-ataque, isto se o Botafogo avançasse, o que não aconteceu por determinação sua.

### Todos bem

O Dr. Lídio Toledo, após um rápido exame em alguns jogadores, declarou que não há contusões, embora Roberto se queixasse de dores no tornozelo esquerdo, o mesmo que o impediu de enfrentar ao Olaria no último domingo, em General Severiano.

O Presidente Nei Cidade Palmeiro era bastante cum-

primetido e, ao receber um abraço do Sr. Luís Murgel, disse que a má fase que o clube tricolor atravessa é passageira, que o negócio é aguentar firme", principalmente agora que o time melhorou muito, como demonstrou hoje, quando com apenas 10 jogadores deixou os botafoguenses em suspense até o apito final do árbitro.

Depois de permanecer 30 minutos em campo, contundido seriamente na perna direita, o atacante Camilo, que foi submetido a exames de raios-X no próprio Estádio Mário Filho, acabou sendo obrigado a engessar a perna direita, confirmando-se violenta enfiar na região atingida em um choque involuntário contra Leonidas, o que lhe obrigará a permanecer, pelo menos, 15 dias afastado de qualquer atividade no Fluminense.

Conforme afirmação do Dr. Valdir Luz, não existem outros problemas para o jogo de amanhã, contra o Olaria. Os jogadores regressaram à concentração da Rua das Laranjeiras e Gonzalez programou treino recreativo, está tarde, para os que jogaram, enquanto os que ficaram de fora vão se movimentar com Geraldo Cunha pela manhã.

Dilson Guedes, bastante re-

voltado com os comentários de que estaria escalando o time do Fluminense, negou-se imediatamente, chamando de mentirosos e falsos os que garantem tal participação de um Vice-Presidente de Futebol.

"Justamente no clube considerado de melhor organização e que tem um dos melhores técnicos do futebol brasileiro",

**CRÉDITO NA HORA**  
**MAGAZINE**  
**LOUVRE**  
Rua da Carioca, 12 e 14  
(entre Uruguiana e Ramalho Ortigão)

sempre que você comprar o **Jornal dos Sports**

levará também para casa o **SOL**

sempre que você comprar o **SOL**

levará também para casa o **Jornal dos Sports**

**PAGUE POR UM E LEVE PARA CASA DOIS GRANDES JORNAIS**

**Jornal dos Sports E SOL**



# Jornal dos Sports

## PRESIDENTE

Célia Rodrigues

## DIRETORES

Mário Júlio Rodrigues

Henrique Gigante

J. G. Bastos Padilha

## EDITORES

Ennio Sêrvio

Paulo Ney Doria

## Jogo perigoso

### PROTESTO NO ELEVADOR

Um torcedor subia o elevador do Estádio Mário Filho, anteontem, logo após o término do jogo preliminar entre Bangu e Bonsucesso. Cara zangada, procurou desabafar: — Como castigaram o Bonsucesso. Esses juizes são todos uns comprados, como apela-

lam... As palavras foram dirigidas a um cidadão de paletó quadriculado, que estava silencioso no canto do elevador. O cidadão olhou para o chão, muito desconsolado, riu baixinho, mas nada respondeu.

Era o Sr. Eusébio de Andrade.

### ARRASA-QUARTEIRÃO

*Gentil Cardoso — se não estiver cansado da viagem — será o convidado de honra do "Samba Arrasa-Quarteirão", que a Ala da Bateria da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira realizará na noite de amanhã, na quadra de ensaios da Rua Visconde de Niterói. Além do técnico do Vasco da Gama, estarão presentes à noite de samba gostoso, o bicampeão mundial Garrincha, a cantora Elza Soares e o compositor Zé Ketil. O Sr. João Silva, Presidente do Vasco da Gama, prometeu comparecer e, se o fizer, segundo decidiram os sambistas da Mangueira, dará a batida inicial do grande espetáculo de ziriguidum.*

### ADEMIR SÓ SEGUNDA

Ademir Meneses, o "Queixada", pediu para adiar o seu depoimento no Museu da Imagem e do Som para segunda-feira. Motivo: tem um compromisso inadiável, hoje, data anteriormente marcada pelo Sr. Ricardo Cravo Albini, ou seja, um jogo do time de veteranos da ADEG.

### GUERRA ENTRE PEQUENOS

A melhoria técnica dos times pequenos é lançada a crédito na luta pela classificação entre os oito primeiros no campeonato. Como motivação, não há melhor. Ontem, por exemplo, o antigo Diretor de Futebol do Bonsucesso, Sr. Rubens de Araújo Reis, opinou que pior para o seu clube a derrota frente ao Bangu foi a vitória de outro pequeno, o Campo Grande, sobre o América.

— Temos que lutar de igual para igual — disse — com os demais pequenos, mas se os nossos concorrentes vencerem os grandes estaremos em desvantagem para a classificação. De qualquer maneira, o campeonato está começando agora e muita água vai rolar debaixo da ponte.

### ELIMINAÇÃO DE NIVALDO

O Bonsucesso vai pedir a eliminação do juiz Nivaldo dos Santos do quadro da FCF, em ofício a ser encaminhado hoje, à Federação, por iniciativa do Presidente Zacarias Ferreira da Silva, que já fez um protesto verbal junto ao Sr. Otávio Pinto Guimarães, logo após o jogo contra o Bangu, quando chegou a se exaltar e ficou muito nervoso.

— Sei que é difícil eliminar o juiz, mas pelo menos faremos uma tentativa. Vamos gritar muito.

O Sr. Zacarias da Silva passou toda a manhã de ontem em Teixeira de Castro e sentiu a reação dos sócios e torcedores, unânimes em condenar a arbitragem que julgou facciosa e altamente prejudicial aos interesses do Bonsucesso.

### PEDIDOS RECUSADOS

Falando a um jornalista seu amigo, no aeroporto Santos Dumont, pouco antes de embarcar para Belem, onde atualmente dirige o Clube do Remo, Zizinho declarou que não vê solução a curto prazo para o Vasco da Gama e acusou o presidente João Silva de sabotá-lo quando de sua passagem por São Januário.

Segundo Zizinho os três jogadores por ele pedidos ao presidente foram Gerson, Cabralzinho e Abel. O primeiro tinha sido oferecido por NCr\$ 250 mil. O segundo seria uma briga com a qual Cabral estava de acordo e o terceiro também colocado à sua disposição por NCr\$ 150 mil.

Segundo Ziza, o Sr. João Silva tornou públicas várias conversas secretas mantidas com ele, contratando à sua revelia e contra o seu voto vários jogadores, inclusive Nei.

### UMA HISTÓRIA

O Sr. Zacarias da Silva ficou tão desolado com a arbitragem de Nivaldo Santos na partida Bangu x Bonsucesso que contou uma história, revelando seu encontro com o referido juiz na segunda-feira, quando perguntou-lhe por que deixara de apitar futebol para se dedicar ao futebol de salão.

— Nivaldo respondeu-me que precisava de um padrinho para apitar na FCF e perguntou se o Bonsucesso não podia ajudá-lo. Eu, que sempre o tive em conta de um bom rapaz e sabendo-o um juiz de predicações, prometi-lhe encaixar na partida. A indicação foi feita e o Bangu aceitou-o. O Bonsucesso não queria benefício, de modo algum, mas também não desejava ser prejudicado e por isso, a revolta é muito grande. Contam muita coisa por aí, mas vamos tomar providências.

## Regra inadiável

A contusão do atacante Camilo, do Fluminense, na partida de ontem contra o Botafogo, foi valioso subsídio para a conveniência da substituição de mais um jogador além do goleiro, já autorizada pela FIFA, e poderoso argumento para se perguntar com estranheza: por que a CBD adiou a vigência dessa e de outras modificações nas regras de futebol, depois de havê-las anunciado oficialmente para o dia 4 deste mês?

Não importa julgar se a entrada de outro jogador no lugar de Camilo alteraria o andamento da partida e o seu resultado final. Citamos o exemplo de ontem pela oportunidade, como episódio que ilustra o acerto de uma revisão da regra, já adotada pela FIFA.

E afirmamos assim cogitando do aspecto mais profundo da questão: o jogo de ontem pode não ter sofrido nenhuma influência direta pelo fato de uma das equipes ter ficado a maior parte do tempo com 10 jogadores, mas o espetáculo foi gravemente atingido. E, no futebol moderno, é impossível ignorar que uma partida, independentemente do que ela represente para a colocação ou a definição de campeonatos ou torneios, tem o caráter de espetáculo.

Não se compreende a atitude da CBD na aplicação das novas determinações da FIFA, que abrangeram a substituição de dois jogadores (um deles o goleiro), a punição do retardado de jogo pelos goleiros e novas instru-

ções a respeito da cobrança de pênaltis. Se havia dúvidas, elas deveriam ter sido levantadas de início, como preliminar de esclarecimento exigida pelo futebol brasileiro.

Contudo, primeiro a CBD baixou circular, publicada em boletim, comunicando as mudanças e estabelecendo o dia 4 de setembro para a sua entrada em vigor. Após ampla divulgação e expectativa transferiu, sine die a obrigatoriedade das novas regras, alegando um pedido de informações à FIFA, destinado a desfazer controvérsias relativas à substituição de jogadores.

Convenhamos que esse titubeio não recomenda a organização do setor de arbitragem da CBD. Ontem mesmo, se viu o inestimável valor que contém a última interpretação dada à Regra 3, que, ao que parece, apenas a CBD não alcançou, isto numa fase em que muitos países, inclusive da América do Sul, já adotaram as disposições aprovadas pela International Board e ratificadas pela FIFA.

Esperamos que, como remédio para o seu erro de análise, a CBD acelere o processo junto à FIFA, no sentido de que as respostas às suas indagações venham o quanto antes. Em matéria de tamanha significação, a ordem dos calendários anuais não pode se sobrepôr ao bom senso. Se as regras existem e são oficiais, que sejam utilizadas imediatamente, mesmo com a temporada em curso. A CBD não deve protelar uma reclamação da lógica, de total interesse dos torcedores.

## Problema de comando

As arbitragens no Campeonato Carioca voltaram a provocar agitação. Quarta-feira, foram ouvidas novas queixas de dirigentes e jogadores, protestando contra a atuação dos Srs. Idovã Silva e Arnaldo César Coelho, juizes, respectivamente, dos jogos Bangu x Bonsucesso e América x Campo Grande.

Esqueçamos, entretanto, o aspecto clubístico. Fixemos exclusivamente no nível das arbitragens, pondo de lado as eventuais reclamações em dia de derrota, que levam muitas vezes os dirigentes a análises infundadas. E, em abono dessa tese, invocamos o Sr. Cláudio Magalhães, que ontem dirigiu Fluminense x Botafogo. Na qualidade de derrotado, o Fluminense não fez qualquer restrição ao juiz. Porém, sua atuação foi muito deficiente, calçada na insegurança do trabalho.

A Federação Carioca de Futebol precisa olhar com todo cuidado esse capítulo das arbitragens. Parece que as balbúrdias e até insinuações graves feitas na Taça Guanabara já foram apagadas da memória. E assim como aquela competição quase se incendiou nos bastidores por causa dos juizes, o Campeonato Carioca está sujeito ao mesmo rumo perigoso, se providências energéticas não forem adotadas.

Que providências seriam? Repisamos, inicialmente, no velho problema da uniformidade de interpretação das regras. Cada juiz con-

tinua marcando com critério pessoal. O mesmo lance, de total clareza, merece julgamentos diferentes. A coibição à indisciplina também fica ao sabor da maior ou menor paciência dos árbitros, que, ou toleram tudo, ou expulsam de campo a qualquer deslize.

Acima das questões técnicas, todavia, colocamos a hierarquia de função. O que mais se observa no comportamento dos juizes é o reparo que acima fizemos sobre o Sr. Cláudio Magalhães, na partida de ontem: insegurança. Não podemos deixar de associar tal defeito à situação que atravessa o Departamento de Arbitros.

Desde a saída do Comandante Celso Melo Franco, para assumir o cargo de Diretor do Departamento de Trânsito, o Departamento de Arbitros da Federação está com a sua chefia vaga. Por mais que se reconheça no presidente da entidade condições para responder provisoriamente pelo setor, um órgão tão importante deve atuar pleno de autoridade própria. A dúvida quanto a essa autoridade cria entraves para os juizes e abre campo às especulações, que acabam atingindo as arbitragens.

A Federação deve, sem nenhuma protelação mais, resolver o impasse do Departamento de Arbitros. É um detalhe do problema. Mas, sem abordá-lo, o problema continuará insolúvel, a despeito de outras medidas que venham a ser tomadas.

### NELSON RODRIGUES

## A OITAVA

1 — Amigos, "há mais coisas num clássico e numa pelada, do que supõe a nossa filosofia", diz um personagem shakespeariano. Ai está o óbvio ululante. E será um erro crasso querer reduzir o jogo de ontem, no Estádio Mário Filho, aos seus aspectos estritamente técnicos, táticos e físicos. Houve lances, na partida, que escapam à humana sabedoria, ao humano raciocínio.

2 — Senão vejamos. O Fluminense entrou comendo a bola. Era fulminante a progressão do nosso ataque. Perdemos, nos primeiros minutos, três gols feitos. Uma cambaxirra entevada os faria. Mas a bola não entrou. Por três vezes, o grito de gol morreu na nossa garganta. Amigos, quando perdemos a terceira chance, alguém estrebucou a meu lado: — "É o Sobrenatural de Almeida!"

3 — Realmente, só o Sobrenatural de Almeida pode explicar as coisas que estão acontecendo no Tricolor. Na história do Fluminense não há nada parecido. Ontem, sofremos a oitava derrota. Notem: — nem duas, nem três, mas oito. Quando encontro um sujeito falando sozinho no meio da rua, imagino: — "Eis um pó-de-arroz!" Sim, amigos, No momento, estamos fazendo uma espécie de monopólio da depressão nacional.

4 — Ontem, aconteceram coisas do arco da velha. De repente, cai o nosso Camilo. Estava atuando muitíssimo bem, com elan, garra, vontade de estourar as redes inimigas. Pois caiu e perguntou: — Foi alguma jogada de choque? Alguma botinada? Não, mil vezes não. A coisa nada teve de mágica. Ninguém tocou em Camilo e ele caiu, magicamente.

5 — Cabe então a pergunta: — Se não foi o adversário, quem foi? Ainda uma vez, o abominável So-

brenatural de Almeida. Por três vezes, ele salvava o Botafogo; e, não contente, ainda derrubou Camilo. Este caiu, sem que nada e ninguém o roçassem. Até o final do primeiro tempo, ficou fazendo número. E esse Camilo manco só atrapalhava.

6 — Escrevi que o Sobrenatural de Almeida foi culpado de vários lances capitais. Mas não é só. Além do Sobrenatural, há outro culpado: — o próprio Fluminense. Quando Camilo parou, em virtude da contusão, o Tricolor assumiu uma atitude que já era uma confissão de derrota: — o recuo em massa e suicida. Esse movimento de renúncia foi lamentável.

7 — Ali, renunciemos ao ataque, renunciemos a qualquer veleidade ofensiva e assumimos um tristíssimo fatalismo. Não me venham dizer que estávamos em inferioridade numérica. Não importa. Com dez elementos, o Botafogo obteve uma emocionante vitória contra o América. E pior foi no segundo tempo, em todo o segundo tempo. Durante quarenta e cinco minutos, o Fluminense não ameaçou o arco de Manga uma única e escassa vez.

8 — Tenham paciência: — já então o Sobrenatural de Almeida estava fora de cena. Era o Fluminense que cavava, com as próprias mãos, o abismo em que, finalmente, se enfiou. Ainda bem que o Botafogo, não obstante o seu domínio, não tentou a ampliação da contagem. Até o final da partida, o Tricolor exauriu-se em passes curtos para os lados e para trás. Não ocorreu a ninguém a única tentativa cabível que era o lançamento em profundidade. Assim sofremos a oitava derrota consecutiva.

ALBUM DE FAMÍLIA — Hoje, nova representação de ALBUM DE FAMÍLIA, a peça de Nelson Rodrigues, no Teatro Jovem. Amanhã, duas representações noturnas.

## BATE-BOLA

Paulo Gomes de Azevedo

Guanabara

"O resultado do jogo América e Campo Grande não me surpreendeu. É verdade que eu seria incapaz de acreditar, antes da partida, que o time de Gradiim fosse impor um revés ao de Evaristo. Mas é preciso levar em consideração que a campanha que o Campo Grande inicia, demonstra que há um trabalho realizado, lá em Italo del Cima. Quem viu o jogo Campo Grande com o Fluminense, pode ter atribuído deméritos maiores aos tricolores do que méritos aos rapazes da Zona Rural. Mas isso seria injustiça. Gradiim armou um time com muita sabedoria. O Campo Grande se retranca e deixa só dois homens na frente, mas sabe atacar em bloco, quando é necessário. E foi nessa que foram o Flu e, agora, o América. Podem reparar que o onze que tirou um ponto do Flu e dois do América, ainda vai fazer muita lenha no Campeonato. Para vencer ao Campo Grande, faz-se necessário que o time adversário entre em campo, sabendo que vai enfrentar um conjunto de valor. Subestimar, é fatal. Quem escreve estas linhas é um rubro-negro, temeroso pela sorte do Flamengo no jogo que, ao que tudo indica, será realizado lá em Campo Grande. É preciso que a moçada da Gávea se compenetre de que não vai jogar uma partida com o Campo Grande, mas com onze jogadores dispostos a vender caro a derrota. Quem avisa amigo é".

José Ribeiro Gonçalves

Guanabara

"Li em vários jornais que, a partir de 4 de setembro, entrariam em vigor umas modificações das Regras de Futebol. Não entendi bem o que li, mas uma coisa eu guardei: aquela punição à cera dos goleiros. Passou o dia quatro e não vi coisa alguma. Será que esqueceram de dizer para os juizes? Ou os juizes se esqueceram disso, nos dois jogos que houve quarta-feira, à noite, no maior estádio do mundo? O senhor pode me explicar o que houve?".

Houve apenas o seguinte: a CBD não compreendeu uma das modificações. Aquela da Regra Três. A modificação é a seguinte: os times poderão entrar em campo com dezesseis jogadores, todos eles assinando a súmula. Cinco são reservas e dois deles poderão entrar em campo para substituir quaisquer outros jogadores, em qualquer momento da partida. A novidade aqui é que são dois jogadores quaisquer. Na Regra Três em vigor, não adotada aqui no Rio, pode ser substituído um jogador qualquer se machucado, durante a primeira etapa, e o goleiro, em qualquer tempo. A modificação visou dar mais liberdade aos técnicos. Poderá substituir quaisquer jogadores e em qualquer momento da partida, em que haja a resalva da contusão. A CBD, ao que parece, acha que goleiro não é jogador, e diz que não atendeu, tendo feito uma consulta à Comissão de Arbitragem da FIFA, perguntando: — e o goleiro? Assim sendo, aqui no Brasil, mais uma vez, estaremos colocando nossos jogadores em inferioridade técnica, face aos de outras partes do mundo, o que poderá ser fatal em qualquer partida que joguemos com times estrangeiros, da qual até que volte a resposta da FIFA.

Válter Gomes

Guanabara

"E o Vasco venceu, viva o Vasco. Afinal de contas isso tinha de acontecer. Lá fora, longe do barulho dos descontentes, o Marechal pôde colher uma vitória tranquila. Como torcedor do Vasco quero dar meus parabéns ao Presidente João Silva. Para a frente é que se anda. Avante, Vasco da Gama".





# Campo Grande não caiu na conversa do Fla

O Flamengo viu negada a sua pretensão de passar o jogo contra o Campo Grande para o Estádio Mário Filho, porque o técnico Gradim vetou a transferência, entendendo que seria mais fácil ao time da Zona Rural obter a vitória, ou pelo menos chegar mais perto, dela atuando no Estádio Italo del Cima, como garante a tabela.

Competiu ao Diretor de Futebol, George Heil, tentar a mudança, mas o Presidente Constantino Magalhães respondeu ser impossível, explicando que o time tem pretensões a se classificar entre os oito primeiros no campeonato e que também o clube não pode tirar um direito do seu quadro social, que é o de assistir ao jogo em local de mais fácil acesso.

A primeira consulta foi feita ao Sr. Otávio Pinto Guimarães, e o Presidente respondeu que pessoalmente nada tinha a ver. Mesmo assim, houve acordo seria necessário resolver outro problema, na ADEG, referente à máquina impressora de ingressos e naturalmente uma concordância para se realizar três partidas no mesmo dia.

**Negativa**  
Ontem, encontrando-se com o Vice-Presidente da FCF e pessoa ligada à Diretoria do Flamengo, Sr. Radamés Latari, o Sr. George Heil foi ouvir a negativa do Campo Grande.

O que influiu bastante para a negativa foi a palavra de Gradim, que, consultado a respeito, respondeu que não se envolvia nos aspectos financeiros ou administrativos, mas tecnicamente preferia jogar em Campo Grande.

**A tentativa**  
Mesmo depois de concordar com o adiamento de Flamengo x Campo Grande para domingo, no Estádio Italo del Cima, o Sr. George Heil conversou com Bria ainda no campo, logo após a vitória sobre a Portuguesa, e chegou a conclusão que seria melhor no ponto-de-vista financeiro atuar no Estádio Mário Filho.

O Flamengo é líder do campeonato e o Campo Grande está surpreendendo com uma excelente campanha, ganhando de América, incluindo as mais interessantes, e levando o Mário Filho. O bom senário varia um público numeroso ao Mário Filho. Obom senso do profissionalismo manda que se faça a transferência — com essas palavras, tentou dobrar o Campo Grande.

Se é um direito nosso jogar em casa, acho que devemos aproveitá-lo. Não devemos, jamais esquecer que disputamos uma classificação entre os oito primeiros. Se fosse contra um Bonsucesso ou um São Cristóvão, poderíamos aceitar jogar no Estádio Mário Filho. Mas contra um Flamengo, não. Lá pelo menos a torcida é mais dividida e contamos com o fator campo — declarou Gradim.

**Capacidade**  
Gradim acha que a arrecadação será bem maior no domingo, dia marcado efetivamente para o jogo, porque é dia de folga geral e todos os torcedores poderão comparecer.

A capacidade oficial do Estádio Italo del Cima ainda não está calculada, mas o técnico acha que cabe 10 mil pessoas e a renda pode chegar a NCr\$ 20 mil.

## C. Grande tem Nodir e Geneci contra Fla

Gradim livrou-se ontem de duas preocupações, a começar pelo problema do local do jogo de domingo contra o Flamengo com a manutenção do Estádio Italo del Cima — sua palavra foi definitiva — e depois ao saber que Geneci e Nodir, expulsos de campo na partida com o América, só irão a julgamento pelo TJD na próxima semana e poderão, assim, ser mantidos no time.

Os jogadores se apresentarão hoje de manhã, para revisão médica e em seguida haverá um individual leve, com que o técnico apronta a equipe que vai tentar repetir a façanha de derrubar outro grande, e em melhores condições dessa vez: joga em seu próprio campo e contando com o peso de sua torcida da Zona Rural, fatores que Gradim não quis perder.

O goleiro Helinho foi o único a sair de campo antes, acusando anormalidade: um profundo corte na coxa esquerda, onde teve que levar seis pontos, ocorrido ao lance do gol de América.

O Dr. Sebastião Ferreira, contudo, garantiu ao treinador que é possível sua recuperação até domingo em condições de continuar ocupando o gol do Campo Grande.

O atacante Jairo, que está afastado desde o amistoso de maio passado com o Bonsu-

cesso, em Teixeira de Castro, quando sofreu uma lesão no joelho, volta hoje aos treinos individuais leves, antes de começar a tocar na bola para valer.

O Campo Grande não terá qualquer outra atividade visando à partida com o Flamengo do que a recreação de hoje pela manhã, a título sobretudo de desintoxicação muscular, uma vez que o treinador acha que o jogo no meio da semana deixou a equipe perfeitamente definida.



Amorim depende de Nelsinho melhorar ou não

## Amorim pode substituir Nelsinho

Amorim pode entrar domingo, contra o Campo Grande, se Nelsinho piorar da contusão na coxa esquerda — essa é a decisão do técnico Bria que marcou a reapresentação dos jogadores do Flamengo para hoje de manhã e já resolveu que a concentração começará em seguida.

O Flamengo recebeu NCr\$ 3.806,98 de cota líquida por sua participação na jornada dupla na noite de anteontem e fixou o bicho pela vitória em NCr\$ 125, que representam NCr\$ 100 pela tabela progressiva e mais 25% da cota de estímulo.

## Só um preocupa

Ontem foi dia de folga e o Dr. Célio Cotechia não sabe precisar se Nelsinho piorou ou melhorou. O jogador passou todo o feriado repousando, com aplicações de gelo, e hoje será examinado mais detidamente.

Nelsinho acusou uma joelhada na coxa esquerda, mas frisou que a contusão não é grave. Nada sentiu da dor muscular na virilha e só reduziu o ritmo no segundo tempo em decorrência do "tostão".

É o único jogador que preocupa o Departamento Médico. Fie, cujo empréstimo ao Clube do Remo foi negada pelo Sr. George Heil, ainda não se recuperou das dores na coxa, mas deverá ficar bom nos próximos 10 dias.

## Elogios

Bria elogiou a Portuguesa, considerando-a uma equipe bem esquematizada e acha que todos os times pequenos vão dar muito trabalho aos grandes este ano.

O técnico espera a recuperação de peso e de forma atlética de Ademir, embora não dissesse se fará alterações de ordem técnica na partida de domingo, preferindo aguardar os treinos de hoje e amanhã.

## Goleiro para o Fla

O Vice-Presidente Gunnar Goransson divulgou que um goleiro de Belo Horizonte chegará hoje ou amanhã para o Flamengo, sem saber precisar ainda o seu nome, porque a indicação partiu de um olheiro, que mantém em Minas.

O goleiro tem apenas 17 anos e fará testes no clube, podendo depois atuar nos juvenis.

O Flamengo tem uma partida confirmada em Tuiutuba, dia 17, ganhando NCr\$ 12 mil para enfrentar uma seleção local nos festejos do centenário da cidade mineira.

A partida do dia 14, em Uberlândia, ainda não está garantida e o Sr. Heil espera confirmar as condições em Vitória nos dias 21 e 24, por NCr\$ 20 mil, contra o Rio Branco e a Ferroviária.

## BRAUNE ADMITE ERRO MAS ABSOLVE O JUIZ

O Presidente Volnei Braune afirmou ontem que, embora admitisse ter sido um erro a aceitação do Sr. Arnaldo César Coelho para a partida contra o Campo Grande, pela influência negativa que ele exerceu sobre os jogadores, não pode culpá-lo da derrota de sua equipe, inteiramente descontrolada na fase final do jogo.

O presidente americano recebeu a visita do atacante Antunes, revoltado com as acusações feitas a ele por um locutor esportivo, recebendo inteira solidariedade do Presidente de quem ficou a disposição todos os poderes do clube e o médico, Dr. Santa Maria para provar que eram realmente ruins suas condições físicas para a partida contra o Flamengo.

## O juiz

O Sr. Arnaldo César Coelho era ontem o assunto de todas as conversas no América. Sua escalada em cima da hora, em substituição ao Sr. Frederico Lopes, vetado pelo Departamento Médico da Federação, foi considerada péssima por uns e ruim por outros, mas de um modo geral, foi absolvida.

Para o Presidente Braune ele não foi um bom juiz, mas de forma alguma sua arbitragem pode ser considerada desonestas. Ele foi ruim em razão do trauma que provocou nos jogadores que ao sabermos no vestiário que ele seria o árbitro, ficaram desarmados, prejudicando ali a sua atuação e por isso, entrando em campo inteiramente despreparados para aceitar suas decisões. O presidente americano, contudo, não acha que ele teve influência no marcador, considerando que o descontrolado do time na fase final, deveu-se muito mais a expulsão de Edu do que pela atuação de Arnaldo.

## Palmeiras empata com Juventus: 1-1

São Paulo (Especial para o JS) — Uma gigantesca nuvem "convulsa nublada" obscureceu totalmente a cidade e mais, ainda, o Parque Antártica — é fechado e não tem ainda iluminação para jogos noturnos — fazendo noite completa ao meio-dia, quando a partida Palmeiras e Juventus teve que ser paralisada por 10 minutos, para terminar mais tarde empatada em 1 a 1.

No segundo tempo, a partida teve que ser novamente paralisada, desta vez por 7 minutos, porque o juiz Anacleto Pietrobon sentiu-se mal e, amparado pelo jogador Minuca, foi obrigado a deixar o campo, para ser socorrido pelo médico do Palmeiras, sendo substituído pelo bandeirinha Orlando Cadastro, que, por sinal, nunca tinha apitado jogos da divisão extra de profissionais.

## Palmeiras 1 x Juventus 1

Jogando mal e até vaiado pela torcida, o Palmeiras abriu o placar aos 25 minutos do primeiro tempo, por intermédio de Galhardo, na cobrança de uma falta próxima à linha da grande área.

A desvantagem no marcador e a série de incidentes, entretanto, não chegaram a enfriar o Juventus, que a todo o instante chegava à área adversária, levando perigo para o goleiro Perez. E aos 39 minutos do segundo tempo, foi feito o gol de empate, através de Tanesi, de cabeça.

A defesa do Palmeiras livrou o time da derrota, quando o Juventus se mostrava flagrantemente superior. César e Servílio não tiveram a atuação esperada e foram os mais vaiados pela torcida, enquanto que Jair Francisco, do Juventus, recebia aclamações, por se mostrar o melhor jogador em campo.

## Port. de Desportos 2 x Guarani 1

O jogo entre o Guarani e a Portuguesa de Desportos, realizado em Campinas, terminou com a vitória da Portuguesa, por 2 a 1 — Primeiro tempo: 2 a 0, gols de Wislinski, contra, aos 22m e Vagner, aos 34m — No 2.º tempo, logo aos 2m, Zé Roberto consignou o gol do Guarani.

## Port. de Desportos 2 x Guarani 1

O jogo entre o Guarani e a Portuguesa de Desportos, realizado em Campinas, terminou com a vitória da Portuguesa, por 2 a 1 — Primeiro tempo: 2 a 0, gols de Wislinski, contra, aos 22m e Vagner, aos 34m — No 2.º tempo, logo aos 2m, Zé Roberto consignou o gol do Guarani.

## Port. de Desportos 2 x Guarani 1

O jogo entre o Guarani e a Portuguesa de Desportos, realizado em Campinas, terminou com a vitória da Portuguesa, por 2 a 1 — Primeiro tempo: 2 a 0, gols de Wislinski, contra, aos 22m e Vagner, aos 34m — No 2.º tempo, logo aos 2m, Zé Roberto consignou o gol do Guarani.

## Port. de Desportos 2 x Guarani 1

O jogo entre o Guarani e a Portuguesa de Desportos, realizado em Campinas, terminou com a vitória da Portuguesa, por 2 a 1 — Primeiro tempo: 2 a 0, gols de Wislinski, contra, aos 22m e Vagner, aos 34m — No 2.º tempo, logo aos 2m, Zé Roberto consignou o gol do Guarani.

## Port. de Desportos 2 x Guarani 1

O jogo entre o Guarani e a Portuguesa de Desportos, realizado em Campinas, terminou com a vitória da Portuguesa, por 2 a 1 — Primeiro tempo: 2 a 0, gols de Wislinski, contra, aos 22m e Vagner, aos 34m — No 2.º tempo, logo aos 2m, Zé Roberto consignou o gol do Guarani.

## Port. de Desportos 2 x Guarani 1

O jogo entre o Guarani e a Portuguesa de Desportos, realizado em Campinas, terminou com a vitória da Portuguesa, por 2 a 1 — Primeiro tempo: 2 a 0, gols de Wislinski, contra, aos 22m e Vagner, aos 34m — No 2.º tempo, logo aos 2m, Zé Roberto consignou o gol do Guarani.

## Port. de Desportos 2 x Guarani 1

O jogo entre o Guarani e a Portuguesa de Desportos, realizado em Campinas, terminou com a vitória da Portuguesa, por 2 a 1 — Primeiro tempo: 2 a 0, gols de Wislinski, contra, aos 22m e Vagner, aos 34m — No 2.º tempo, logo aos 2m, Zé Roberto consignou o gol do Guarani.

## Port. de Desportos 2 x Guarani 1

O jogo entre o Guarani e a Portuguesa de Desportos, realizado em Campinas, terminou com a vitória da Portuguesa, por 2 a 1 — Primeiro tempo: 2 a 0, gols de Wislinski, contra, aos 22m e Vagner, aos 34m — No 2.º tempo, logo aos 2m, Zé Roberto consignou o gol do Guarani.

## Port. de Desportos 2 x Guarani 1

O jogo entre o Guarani e a Portuguesa de Desportos, realizado em Campinas, terminou com a vitória da Portuguesa, por 2 a 1 — Primeiro tempo: 2 a 0, gols de Wislinski, contra, aos 22m e Vagner, aos 34m — No 2.º tempo, logo aos 2m, Zé Roberto consignou o gol do Guarani.

## Port. de Desportos 2 x Guarani 1

O jogo entre o Guarani e a Portuguesa de Desportos, realizado em Campinas, terminou com a vitória da Portuguesa, por 2 a 1 — Primeiro tempo: 2 a 0, gols de Wislinski, contra, aos 22m e Vagner, aos 34m — No 2.º tempo, logo aos 2m, Zé Roberto consignou o gol do Guarani.

## Port. de Desportos 2 x Guarani 1

O jogo entre o Guarani e a Portuguesa de Desportos, realizado em Campinas, terminou com a vitória da Portuguesa, por 2 a 1 — Primeiro tempo: 2 a 0, gols de Wislinski, contra, aos 22m e Vagner, aos 34m — No 2.º tempo, logo aos 2m, Zé Roberto consignou o gol do Guarani.

## Port. de Desportos 2 x Guarani 1

O jogo entre o Guarani e a Portuguesa de Desportos, realizado em Campinas, terminou com a vitória da Portuguesa, por 2 a 1 — Primeiro tempo: 2 a 0, gols de Wislinski, contra, aos 22m e Vagner, aos 34m — No 2.º tempo, logo aos 2m, Zé Roberto consignou o gol do Guarani.

## Antunes defende-se

Acusado impiedosamente por um locutor esportivo de ter faltado ao jogo contra o Flamengo por desinteresse, Antunes, reagiu e foi a Campos Sales procurar o Presidente Braune, pedindo que o defendesse. Braune, colocou a sua disposição todos os poderes do clube, autorizando-o a comparecer a qualquer programa de rádio ou televisão para defender-se. Convocou ainda o Dr. Santa Maria para depor em favor do jogador, pois foi ele quem vetou a participação de Antunes na partida contra o Flamengo.

Antunes volta hoje aos treinos e poderá de novo entrar nos planos de Evaristo para a partida de amanhã contra o São Cristóvão, embora em princípio a ideia seja de manter o time que perdeu contra o Campo Grande.

O Presidente Braune, o Diretor de Futebol, Tadeu Júnior e o treinador Evaristo, vão se reunir na tarde de hoje para examinar os problemas da equipe. A contratação de mais um goleiro vai ser objeto de estudos, sendo provável que se faça nova investida para a vinda de Rosio, do Comercial de Ribeirão Preto.

Outro assunto que parece liquidado para o Presidente Braune é o da criação de jogadores para a seleção carioca. Ninguém será cedido, pois Evaristo quer tirar o time do Rio durante a folga que lhe proporcionará o campeonato para recolocar as coisas em seus lugares.

O América inicia na tarde de hoje seus treinamentos, com um individual. Evaristo não pensa em modificar a equipe, admitindo apenas a volta de Antunes se ele estiver em condições.

## Palmeiras empata com Juventus: 1-1

São Paulo (Especial para o JS) — Uma gigantesca nuvem "convulsa nublada" obscureceu totalmente a cidade e mais, ainda, o Parque Antártica — é fechado e não tem ainda iluminação para jogos noturnos — fazendo noite completa ao meio-dia, quando a partida Palmeiras e Juventus teve que ser paralisada por 10 minutos, para terminar mais tarde empatada em 1 a 1.

No segundo tempo, a partida teve que ser novamente paralisada, desta vez por 7 minutos, porque o juiz Anacleto Pietrobon sentiu-se mal e, amparado pelo jogador Minuca, foi obrigado a deixar o campo, para ser socorrido pelo médico do Palmeiras, sendo substituído pelo bandeirinha Orlando Cadastro, que, por sinal, nunca tinha apitado jogos da divisão extra de profissionais.

## Palmeiras 1 x Juventus 1

Jogando mal e até vaiado pela torcida, o Palmeiras abriu o placar aos 25 minutos do primeiro tempo, por intermédio de Galhardo, na cobrança de uma falta próxima à linha da grande área.

A desvantagem no marcador e a série de incidentes, entretanto, não chegaram a enfriar o Juventus, que a todo o instante chegava à área adversária, levando perigo para o goleiro Perez. E aos 39 minutos do segundo tempo, foi feito o gol de empate, através de Tanesi, de cabeça.

A defesa do Palmeiras livrou o time da derrota, quando o Juventus se mostrava flagrantemente superior. César e Servílio não tiveram a atuação esperada e foram os mais vaiados pela torcida, enquanto que Jair Francisco, do Juventus, recebia aclamações, por se mostrar o melhor jogador em campo.

## Palmeiras 1 x Juventus 1

Jogando mal e até vaiado pela torcida, o Palmeiras abriu o placar aos 25 minutos do primeiro tempo, por intermédio de Galhardo, na cobrança de uma falta próxima à linha da grande área.

A desvantagem no marcador e a série de incidentes, entretanto, não chegaram a enfriar o Juventus, que a todo o instante chegava à área adversária, levando perigo para o goleiro Perez. E aos 39 minutos do segundo tempo, foi feito o gol de empate, através de Tanesi, de cabeça.

## Palmeiras 1 x Juventus 1

Jogando mal e até vaiado pela torcida, o Palmeiras abriu o placar aos 25 minutos do primeiro tempo, por intermédio de Galhardo, na cobrança de uma falta próxima à linha da grande área.

A desvantagem no marcador e a série de incidentes, entretanto, não chegaram a enfriar o Juventus, que a todo o instante chegava à área adversária, levando perigo para o goleiro Perez. E aos 39 minutos do segundo tempo, foi feito o gol de empate, através de Tanesi, de cabeça.

## Palmeiras 1 x Juventus 1

Jogando mal e até vaiado pela torcida, o Palmeiras abriu o placar aos 25 minutos do primeiro tempo, por intermédio de Galhardo, na cobrança de uma falta próxima à linha da grande área.

A desvantagem no marcador e a série de incidentes, entretanto, não chegaram a enfriar o Juventus, que a todo o instante chegava à área adversária, levando perigo para o goleiro Perez. E aos 39 minutos do segundo tempo, foi feito o gol de empate, através de Tanesi, de cabeça.

## Palmeiras 1 x Juventus 1

Jogando mal e até vaiado pela torcida, o Palmeiras abriu o placar aos 25 minutos do primeiro tempo, por intermédio de Galhardo, na cobrança de uma falta próxima à linha da grande área.

## Palmeiras 1 x Juventus 1

Jogando mal e até vaiado pela torcida, o Palmeiras abriu o placar aos 25 minutos do primeiro tempo, por intermédio de Galhardo, na cobrança de uma falta próxima à linha da grande área.

## Palmeiras 1 x Juventus 1

Jogando mal e até vaiado pela torcida, o Palmeiras abriu o placar aos 25 minutos do primeiro tempo, por intermédio de Galhardo, na cobrança de uma falta próxima à linha da grande área.

## Palmeiras 1 x Juventus 1

Jogando mal e até vaiado pela torcida, o Palmeiras abriu o placar aos 25 minutos do primeiro tempo, por intermédio de Galhardo, na cobrança de uma falta próxima à linha da grande área.

## Palmeiras 1 x Juventus 1

Jogando mal e até vaiado pela torcida, o Palmeiras abriu o placar aos 25 minutos do primeiro tempo, por intermédio de Galhardo, na cobrança de uma falta próxima à linha da grande área.

## Palmeiras 1 x Juventus 1

Jogando mal e até vaiado pela torcida, o Palmeiras abriu o placar aos 25 minutos do primeiro tempo, por intermédio de Galhardo, na cobrança de uma falta próxima à linha da grande área.

## Palmeiras 1 x Juventus 1

Jogando mal e até vaiado pela torcida, o Palmeiras abriu o placar aos 25 minutos do primeiro tempo, por intermédio de Galhardo, na cobrança de uma falta próxima à linha da grande área.

# DERCY DE VERDADE

NÃO EXISTE SEXTA-FEIRA SEM A VERDADE DE DERCY

HOJE 8 HORAS AO VIVO NO AUDITÓRIO

TV GLOBO canal 4

CADA VEZ MAIS PERTO DE VOCÊ

## Internacional passa fácil pelo Pelotas

Porto Alegre (SP-JS) — O Internacional venceu ontem, no Estádio Olímpico, o Pelotas por 2 a 0, com gols de Sadi, cobrando uma falta de fora da área, e Claudimiro, na cobrança de um pênalti, que Omar marcou em Wislinski.

Apesar das condições em que foram marcados os dois gols da vitória, o Internacional foi sempre o melhor time em campo, muito embora também não tenha confirmado suas melhores atuações. O juiz da partida foi o Sr. José Luis Barreira, com desempenho satisfatório, e a renda somou NCr\$ 15.458,00.

### Outros resultados

Os resultados dos demais jogos pelo País foram os seguintes:

#### Campeonato Paulista

No Parque Antártica — Palmeiras 1 x Juventus 1; em Araraquara — Ferroviária 1 x Santos 2; em Campinas — Portuguesa de Desportos 2 x Guarani 1; em São José do Rio Preto — América 0 x Prudentina 0; em Sorocaba — São Bento 2 x Comercial 1.

#### Campeonato Mineiro

No Mineirão — América 4 x Nacional 3.

#### Campeonato Gaúcho

Em Porto Alegre — Internacional 2 x Pelotas 0; em Rio Grande — Rio Grande 3 x Aimoré 1; em Passo Fundo — Grêmio 2 x Brasil 1.

#### Campeonato Paranaense

Em Curitiba — Água Verde 2 x Primavera 1.

#### Campeonato Juizeforano

Em Juiz de Fora: Tupi 1 x Esperança 1.

#### Campeonato Gaúcho da Divisão de Acesso

Em Sta. Maria: Rio-Grandeense 2 x Bagé 0; em Santa Cruz 5 x Uruguaiana 3; em Bento Gonçalves: Esportivo 3 x Guarani 1; em Santa Branca: Cruzeiro 1 x Internacional 1; em Carazinho: Veteranos 2 x 14 de Julho 1.

#### Quadrangular de Feira de Santana

Em Feira: Vitória de Salvador 1 x Fluminense 0; Bahia de Feira 3 x Esporte Recife 0.

#### Campeonato Baiano

Em Salvador: Galícia 2 x Itabuna 2.

#### Amistosos

Em Marília: São Bento 2 x São Paulo de Londrina 0; em Campina Grande: 13 de Campina Grande 2 x Náutico de Recife 1; em Vitória: Corinthians 2 x Americano de Campos 0.

#### Campeonato de Poços de Caldas

Em Poços de Caldas: Caldense 0 x Flamengo de Varginha 0.

#### IX Taça Brasil

Em Belém: América do Oeste 1 x Pousadas 0.

### ROUPA DE BANHO

Shorts, bermudas, calções

**Sportsman**

12/233

100% COTÃO, 28

### HOTEL JINA

em São Lourenço

Ótimamente situado, ideal para descanso e sadia recreação, com alimentação farta e variada.

Ganhe saúde, bebendo as águas e gozando as delícias do parque de São Lourenço, hospedando-se no Hotel JINA a máxima em conforto e cortesia.

### SUORES - FRIEIRAS - BROTOEJAS

POLVILHO ANTISSEPTICO GRANADO







# Fla é vencedor do Troféu Maurício Bekenn

O Flamengo sagrou-se, na tarde de ontem, vencedor do Troféu Maurício Bekenn, totalizando 172 pontos contra 108 do Fluminense, 102 do Botafogo, 36 do Guanabara e 42 da A.A.B.B. na competição de nataçao realizada na piscina olímpica do Guanabara.

Vencendo a única prova em disputa do Troféu Antunes de Figueiredo — quinta do programa —, o Fluminense ficou de posse definitiva desse troféu, pois em 11 disputas venceu cinco contra três do Vasco, duas do Tijuca e uma do Botafogo.

## Seis recordes

Na disputa do Troféu Maurício Bekenn, destinado a nadadores petizes e infantis, de ambos os sexos, foram estabelecidos seis recordes de classe, revelando o bom índice da competição promovida pela Federação Metropolitana de Nataçao.

Bom publico compareceu à piscina guanabarina, que teve boa organização, com atuação boa das autoridades, e o Guanabara, mais uma vez, foi fidalgo com a crônica esportiva, fornecendo não só máquinas de escrever, como se do dobrando em outras atenções.

No transcorrer da competição, o Fluminense e a A.A.B.B. ameaçaram retirar suas equipes da competição, não por terem sido desclassificados em provas, mas pelo critério adotado por um dos juizes, argumentando que outros nadadores, também, em outras provas, teriam saído escapados, mas verificou-se uma benevolência por se

tratar de petizes, segundo resposta dada por um dos juizes de raia a uma consulta feita por Fluminense e A.A.B.B.

## Resultados

Foram os seguintes os resultados das provas:

1.ª Prova — revezamento 4 x 50 metros — Meninas Petizes — nado livre — 1.º lugar — Equipe do Botafogo formada pelas nadadoras Moema Macedo Abtibol Neto, Marúcia Mauriti Burle, Sandra Leila Clavery Braga e Regina Maria de Sousa Carelli, com o tempo de 2'37"8/10 — Recorde de classe: 2.º — Fluminense, 2'31"8/10; 3.º — Fluminense, 2'33"3/10; 4.º — Guanabara, 2'36"7/10; 5.º — A.A.B.B., 2'39"4/10. O recorde anterior era de 2'31"9/10 e pertencia a uma equipe do Flamengo.

2.ª Prova — Revezamento 4 x 50 metros — Petizes — nado livre — 1.º lugar — Equipe do Flamengo, constituída dos nadadores Moisés Walsmann, Paulo de Tarso Ferreira, Marcos da Silva Goldenstein e José Luis Roikzenbruch, com 2'14"2/10 — Recorde de classe: 2.º Fluminense, 2'21"9/10; 3.º — Botafogo, 2'26"9/10; 4.º — A.A.B.B., 2'27"2/10; 5.º — Guanabara, 2'30". O recorde anterior era de 2'25"5/10, e pertencia ao Flamengo.

3.ª Prova — revezamento 4 x 100 metros — Meninas Infantis — nado livre — 1.º lugar — Equipe do Flamengo, constituída das nadadoras Liliane Carvalho Dias Carneiro, Maria Beatriz Berthe do Rocher, Mônica Omacht Paiva e Regina Célia de Oliveira Pinto, com 5'08"8/10. — Recorde de classe — 2.º — Fluminense, 5'18"3/10; 3.º — Botafogo,

5'30"8/10; 4.º — Guanabara, 5'32"2/10. O recorde da classe foi estabelecido nesta competição, pois anteriormente não havia distância para meninas infantis.

4.ª Prova — revezamento 4 x 100 metros — infantis — nado livre — 1.º lugar — Equipe do Flamengo, constituída dos nadadores Sérgio Walsmann, João Felipe Carsalade, João W. Dorneles, 4'43"3/10 — Recorde de classe: 2.º — 5'03"; 3.º — Botafogo, 5'19". As equipes do Fluminense e da A.A.B.B. foram desclassificadas por terem os nadadores saído escapados. O recorde de classe foi estabelecido nesta competição, pois, anteriormente, não havia prova dessa distância para infantis.

5.ª Prova — revezamento 4 x 100 metros — meninas — nado livre — Troféu Antunes de Figueiredo — Para nadadores com menos de 2 pontos de classificação. — 1.º lugar — Equipe do Fluminense, constituída dos nadadores José Felipe Vieira de Castro, Antônio Frederico Maués de Guarná, Eduardo Mendes Lutti e Aloisio Mar-sili, tempo de 4'14"3/10; 2.º — Flamengo, 4'16"5/10; 3.º — Guanabara, 4'24"8/10; 4.º — A.A.B.B., sem tempo.

6.ª Prova — 4 x 50 metros — meninas petizes — 4 estilos — 1.º lugar — Equipe do Botafogo, constituída das nadadoras Jacqueline Dolher Padilha, Regina Maria de Sousa Ceril, Leila Davi Viveiros e Moema Macedo Abtibol Neto, com 2'48"3/10; 2.º — Fluminense, 2'49"6/10; 3.º — Flamengo, 2'53"6/10; 4.º — A.A.B.B., 2'56"7/10; 5.º — Guanabara, 3'29"4/10.

7.ª Prova — revezamento 4 x 50 metros — petizes

— 4 estilos — 1.º lugar — Flamengo, com os nadadores José Luis Rosenbruch, Marcos da Silva Goldenstein, Moisés Walsmann e Paulo de Tarso Cerqueira Ferreira, com 2'30"8/10 — Recorde da classe: 2.º — Fluminense, 2'38"3/10; 3.º — A.A.B.B., 2'44"1/10; 4.º — Guanabara, 2'47"3/10. O recorde anterior era de 2'33"5/10 e pertencia a uma equipe do Flamengo.

8.ª Prova — revezamento 4 x 100 metros — meninas infantis — 4 estilos — 1.º lugar — Equipe do Fluminense, constituída das nadadoras Susana Pena Franca, Henriqueta Cecilia Heiborn Nogueira, Lilian Vieira Jungeit e Cristiane Paqueta, tempo de 5'42"; 2.º — Flamengo, 5'43"9/10; 3.º — Botafogo, 6'04"8/10; 4.º — Guanabara, 6'38"8/10.

9.ª Prova — revezamento 4 x 100 metros — infantis — 4 estilos — 1.º lugar — Equipe do Flamengo, constituída dos nadadores Pedro Carlos Carsalade, Sérgio Walsmann, João Felipe Carsalade e Marcos Giponi, com o tempo de 5'14"2/10 — Recorde da classe: 2.º — A.A.B.B., 5'22"6/10; 3.º — Guanabara, 5'26"3/10; 4.º — Fluminense, 5'40"; 5.º — Botafogo 5'32"8/10. O recorde anterior era de 5'19" e pertencia a uma equipe do Flamengo.

Foi a seguinte a contagem do Troféu Maurício Bekenn: 1.º — Flamengo com 172 pontos; 2.º — Fluminense 108; 3.º — Botafogo 102; 4.º — Guanabara 36; 5.º — A.A.B.B. com 42 pontos.

No Troféu Antônio Antunes de Figueiredo não há contagem pois só é considerado o vencedor.



José Guilherme contribuiu para que o Flamengo ficasse em primeiro

## VARAS & MOLINETES

## Boecker foi além dos 100 com linha 60

Sem dúvida, que uma das melhores coisas que se soube, nestes últimos dias, foi a marca atingida pelo pescador Alfredo Boecker, em competição interna do Clube Z-13 de Pesca ao Alcançar, na "modalidade equipamento" (precisão distância), a distância de 117,20m.

Tal acontecimento vem correspondendo, plenamente, à campanha que se desenvolveu na GB, visando melhorar os índices de lançamento que, como se sabe, estão muito aquém das reais possibilidades da pesca humana, que quando bem treinada e adaptada aos caprichos de um estilo peculiar, atinge a distância como um Edemar Rocha, com 141m e um Antônio Zago Filho, com 151m, no R. G. do Sul ou um Magela, no R. G. do Norte com seus 130m ou ainda, uruguaios e argentinos, que chegam, com facilidade, aos 162m, para um recorde sul-americano (1964, em Rio Grande), com 170m, pertencente ao uruguaio Suárez.

Da 100,06 em 1966 e 112,27 nesse ano por nós atingidos, constituindo tais marcas como recordes ocasionais, passamos a distância de 117,20m, o que constitui novamente um recorde. Recorde de distância dos mais esperanças pois que isso vai despertar mais ainda nossos companheiros para a realidade e todos desejaram bater agora, o Comandante Boecker que infelizmente não atingiu à média acima de 97,90m por um acidente infeliz, pois que a média máxima atingida até aqui (resultante de uma série de três lançamentos) o foi por nós em 103,38m desafiando os incrédulos mas que temos a certeza, será superado.

Alfredo Boecker lançou de carretilha "penit", é preciso que se note e, possuidor de uma altura de mais de 1,80 e esguardeza invulgar, poderá vir em breve espaço de tempo surpreender muita gente, depois de adaptado a um "Especial" aparelho frontal que oferece condições excepcionais de lançamento.

Por duas vezes Boecker ultrapassou os cem metros e nas últimas provas que faziam parte do programa, as venceu com facilidade e foi o conquistador geral dos prêmios. Em parangão com a prova de estilo, linha 60, chumbada só de 120 gms. e Vara de 3,50m foi realizada uma livre, com linha mínima de 0,50 e vara e chumbada sem limites, tendo o Comandante Boecker ultrapassado também os cem metros.

Classificou-se, na prova de Equipamento limitado:

NOME	1.º lance metros	2.º lance metros	3.º lance metros	Média
1.º Alfredo Boecker ..	117,20	68,20	108,30	97,90
2.º Tarciso de Oliveira	71,00	55,70	92,10	56,26
3.º Gilberto Fernandes	86,75	59,10	75,10	63,65
4.º Dairi Ribeiro .....	91,30	49,65	90,00	76,65
5.º Laurentino Pereira	94,90	94,90	—	63,23
6.º Geraldo Cavalcanti	75,00	—	76,50	50,50
7.º Antônio Ribeiro	73,60	73,90	—	49,23
8.º Araken Régio .....	—	50,90	84,60	45,16
9.º Pasquale Palermo	73,30	19,00	19,05	27,11
10.º Geraldo Bouças .....	—	—	54,90	18,30

No balanço geral, computadas também as colocações da Prova Livre e do índice distância, assim lograram se classificar os concorrentes: 1.º Alfredo Boecker, 2.º Laurentino Pereira, 3.º Dairi Ribeiro, 4.º Tarciso de Oliveira, 5.º Geraldo Cavalcanti, 7.º Araken Régio, 8.º Antônio Ribeiro, 9.º Geraldo Bouças e 10.º Pasquale Palermo.

Destaque-se, ainda, na prova do Z-13, a performance do Comandante Boecker, que, com linha 60, conseguiu dois lançamentos de mais de 100 metros (107,35; 101,10 e 94,8) e Geraldo Cavalcanti, a quem se deve toda a organização e controle da prova.

## Pampo concluiu torneio

O Pampo Clube realizou no último fim de semana, em Jacaré, a V e última prova do II Torneio Interno, na modalidade de especializada de "anchova", vencendo a última etapa, Alfredo Bassou com 3 peças e se classificaram até a 3.ª colocação, com apenas uma "anchova" (em 4,30 horas de pesca) Sezefredo Herz, Roberto Herz, Eliseu Soares e Evandir Pinto. Com tais resultados. A vitória final coube ao presidente do Pampo Clube que conquistou o 1.º lugar e a maior peça do certame (uma "arrua" de 2,10 gr.) ficando com o vice-título Eliseu Soares, que foi ainda o detentor de maior quantidade de peças (61 peças). Até a 10.ª classificação dentre as três dezenas de inscritos assim se colocaram: 3.º Sebastião Lolago, 4.º Emílio Coelho, 5.º Evandir Pinto, 6.º Amadeu Ferreira, 7.º Carlos Bouzau, 8.º Amintas Ferraz, 9.º Japhet Silva, 10.º Alfredo Bassou.

A festa de encerramento ocorrerá no dia 28 na sede do clube, oportunidade em que se farão as entregas dos prêmios aos laureados.

## Jacaré CC aprontou

O Jacaré CC, esteve em grande atividade no último sábado na Praia de Jacaré, treinando suas equipes para a III 24 Horas da GB. Participamos do treinamento como mediador e, pudemos constatar as performances dos pescadores do clube de Jaci Molinari, destacando-se Valtier Vasconcelos, Hélio Musielo, Toti e Cipião. As equipes foram capitaneadas por Leni Coutinho que apesar de intoxicado ainda teve boa atuação, e Valtier Vasconcelos. Terminado a pesca que durou 8 horas, as capitaneadas de V. Vasconcelos venceram com 78 peças (Valtior, Hélio, Haroldo, Lessa, Toti e Odílio) e "adversário" com 53 peças (Leni, Jarbas, Maranhão, V. Laranja, Cipião e Ezequiel). Vasconcelos com 20 peças foi o que mais pescou enquanto que a maior peça foi de Hélio Musielo, um "Papa-terra" de mais de quilo. Troféus serão entregues para prestigiar o fato.

## Notas em destaque

\* Com o feriado de ontem, muitos pescadores já atravessaram a baía em busca de um peixeiro conhecido, para praticarem durante um fim-de-semana dilatado. Nestes dias movimentados, recomenda-se muita prudência nas estradas e bastante gelo, sal, água, alimento e boa lca.

\* A festa do Z-13, realizada na Churrascaria Farroupilha, comemorativa de seu Jubileu esteve bastante animada e concorrida. Na oportunidade, foram entregues diversos prêmios aos pescadores laureados nas competições internas e prestigiando a festa estiveram presentes os Presidentes Júlio Cristiano (Anzol); Sezefredo Herz (Pampo); Lino Barbieri (Clube dos 7) além de diversas autoridades de poderes de clubes locais e visitantes.

\* Astério Vicentini, emérito pescador vencedor da Prova IV Centenário, reapareceu, atuando como Árbitro Geral na prova do Pampo Clube, sábado passado, em Jacaré.

\* Pedro Winter, Vice-Presidente do Pampo está novamente entusiasmado com uma prova de Costão, que está preparando no seu clube. Outubro.

\* O Clube do Anzol tinha o encerramento de seu II Campeonato Interno marcado para ontem na Barra da Tijuca. Prova de longa duração, variada e com fiscalização feminina, representada pela turma aqui de casa.

\* O Jacaré com programação de selecionamento de valores para a III 24 Horas da Guanabara estará realizando amanhã e domingo, na Barra da Tijuca, "Casa Amarela", uma prova "Tira-teima em Bossa Nova", no horário de 13 às 22 horas (sábado) e 4 às 9 horas (domingo). No intervalo haverá disputa de "Sono". Estão convocados: Valdir — Carlos Campos — Madureira — Simas — Matos — Gaide —

H. Gomes — A. Dias — Agostinho — Bitencourt — Rodrigues — Vasco Pinto — José Ferreira — Amaral — Santos — Alcílio — Nilson — Fonseca — Idio — Nogueira — Orlando — Paulino — Ze Luis — Nilo.

\* Essa é de primelíssima mão: o Mozart Di Giorgio, Superintendente da CBD, tem pescaria marcada com Haroldo Martins para o fim-de-semana, em Saquarema. Comprovar fato material e vai dedicar-se à pesca. Caramba!!!

\* Dia 10, domingo, pelo calendário da Federação Gaúcha, na Raia do Tiro 4, em P. Alegre, será realizada a prova do Inter-Clubes de Lançamento. Na prova de pesca de Tórres, realizada no último dia 29, a equipe de nosso confrade Hilton Caldas, Clube Anzol de Ouro (nosso clube no RG) venceu a do Atlântico Sul, liderada por Edemar Rocha, Segurram-se na classificação, pela ordem, Lindóla TC, Pescadores do Nordeste (Tórres), C.P. Pelicanos, C.S. Israelita, C.P. Gancho de Prata, C.P. Vasco da Gama, S. Canoense de C.P., G.E.S. Geraldo Santana e C.P. do Pinhal. No setor feminino, venceram as Galvotas, seguidas de Anzol de Ouro e Atlântico Sul.

\* Já estão inscritas as equipes que disputarão a III 24 Horas da Guanabara no dia 23/24 do corrente em Jacaré. Estado do Rio, 30 serão as equipes participantes a saber: Pampo C.P. (3), Epsom Clube (2), C. do Anzol (1), Jacaré CC (3), Chumbada C.P. (2), C. Caçadores da GB (2), Canto do Rio FC (1), C. Canção de Ouro (2), A.A. Ficap (2), C. Botos do Inga (2), Jacaré C.P. (2), Clube dos 7 Pescadores (2) C. Z-13 de Pesca (2); C.P. Capeta e mais as equipes convidadas: Golfinhos, Anchovas e Cocoroca.

## Movimentos do mar

Período: 8 a 14/9

Fase lunar: crescente a 11/5

DIA	PREAMAR		BAIXAMAR	
	HORA	ALT.	HORA	ALT.
8	4:55	1,2	12:40	0,3
	17:20	0,9	—	—
9	5:40	1,0	0:15*	0,3
	17:50	0,8	13:40	0,4
10	6:20*	0,9	1:15*	0,4
	18:20	0,7	13:00	0,5
11	12:45*	0,8	2:50	0,4
12	13:20*	0,9	4:20*	0,4
13	13:50	1,0	5:40	0,3
	—	—	9:05	0,5
14	0:50	0,8	6:40	0,2
	14:00	1,1	13:25	0,5

Nota: O (\*) asterisco indica que o fenômeno ocorrerá aproximadamente no horário assinalado.

## Problema de dólares prendeu Buck no Rio

O técnico Buck, do Flamengo, não irá mais observar o Campeonato Mundial de Remo que desde segunda-feira está sendo disputado na cidade francesa de Vichy, não só por causa de problemas no seu setor, no clube rubro-negro, como também, devido à falta de dólares.

O treinador das seleções de remo da CBD aproveitaria a viagem para visitar, igualmente, os estaleiros suíços. Entretanto, depois de uma conversa com o presidente da entidade, Buck desistiu da ida à Europa, tendo o dirigente elogiado a honestidade de propósitos do técnico.

## Outra viagem

Na oportunidade em que converteu com o Presidente da CBD, Buck foi informado de que a entidade máxima, logo que se ofereça a ocasião, pretende enviá-lo a outro grande centro europeu de remo para novo estágio, visando com isso trazer mais benefícios para o remo brasileiro.

Buck afirmou que agora vai se empenhar para dar ao Flamengo o tricampeonato

esportiva de remo, a fim de conquistar mais outro prêmio, embora o clube rubro-negro não lhe tenha pago até agora o prêmio pela conquista do ano passado, que é de ordem de NC\$ 4 mil.

## Porangaba derrotou Guaíba

O Porangaba, cumprindo segura atuação, principalmente no segundo tempo, derrotou o Guaíba, por 2 a 0, no amistoso disputado anteriormente à noite, na Urca, após empate de 0 a 0 na etapa inicial, quando houve equilíbrio nas ações. Marco Aurélio e Lauro, este na cobrança de uma falta, assinaram os gols.

O juiz foi Juarez Ferreira, com fraca atuação e, nos apícratos, o Guaíba venceu por 1 a 0, gol de Caeiro.



## ARTIGOS PARA ESPORTES — Compre na CASA SPANDER

Futebol, Basquetebol, Voleibol, Tênis e Patins — Equipas de Banho — Cadeiras, Tênis e Encorreadores de Baquetes — 120 — Rua Buenos Aires — 120 — Tel.: 33-7302

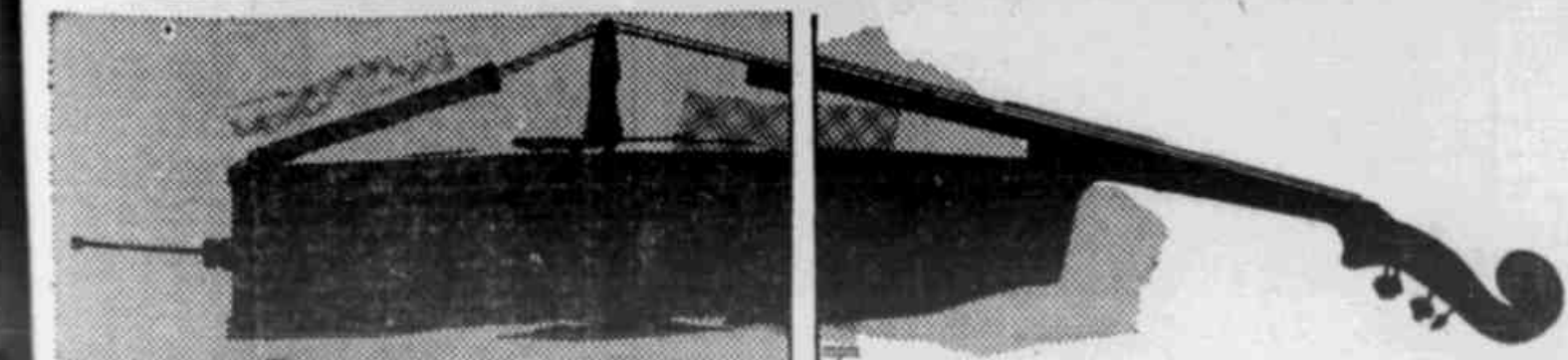
## Dr Milton de Almeida

AV RIO BRANCO, 185 2º ANDAR GRUPO 212 DAS 15 AS 19 HORAS

TELS 32-8787 • 22-0707 • 37-1512

OUIDOS · NARIZ · GARGANTA

todo o país já está vibrando com o III.º festival da música popular brasileira (o mesmo festival que no ano passado descobriu "a banda" e "disparada"). promoção tv record, tv rio, associação brasileira de produtores de discos, manchete, fatos & fotos e última hora.





## XIX Jogos da Primavera

## Filosofia da UEG é grande força no vólibol



Eliane Robelo, à esquerda, vai receber Presidente do JS em nome do Lutécia

## ALUNAS DO LUTÉCIA VÃO RECEPCIONAR JS

A Sra. Célia Rodrigues, presidente do JORNAL DOS SPORTS, vai ser homenageada pelas alunas do Colégio Lutécia, na próxima terça-feira, quando a Diretora visitará as instalações daquela escola, localizada no Bairro do Riachuelo.

Na oportunidade, a proseguidora da obra de Mário Filho — Jogos da Primavera — receberá inúmeras homenagens, especialmente preparadas pelas alunas do colégio dirigido pelo Professor Antenor Brandão, admirador da olimpíada feminina.

## Lutécia em festa

A candidata do Lutécia à Rainha da Primavera, a colegial Eliane Robelo, vai receber a Presidente do JORNAL DOS SPORTS que, depois das homenagens, será recepcionada com um lanche nas próprias instalações do colégio da Rua 24 de Maio, no Riachuelo.

O Lutécia, depois de alguns anos afastado por força de várias contingências, retornará à olimpíada e, segundo o Professor Brandão, "com muita disposição e preparado para cumprir uma excelente campanha".



Universitárias da Filosofia, Ciências e Letras da UEG estão otimistas

Vice-campeã de vóli ano passado, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG assegurou a sua presença na XIX olimpíada e, segundo o Diretor de Esportes do Departamento Acadêmico La-Fayette Cortes, acadêmico Ernesto Loureiro de Azevedo, vai ultrapassar as campanhas anteriores.

A Faculdade, inscrita na Série Especial, estará presente nas competições de vólibol, natação, arco e flecha e tênis de mesa, além do concurso para a eleição da sucessora da colegial Ivani Rondino no trono da Primavera, já estando uma universitária bastante cotada para representar a escola no pletto.

## Desejo maior

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que no ano passado conquistou a medalha de prata no torneio de vólibol, a de bronze no arco e flecha e a de bronze no concurso de porta-bandeira, está de volta com maiores objetivos e que poderão levar a escola às grandes vitórias.

A primeira preocupação de se fazer representar, e bem, conforme declarações do universitário José Ernesto Loureiro de Azevedo, se fará notar no desfile de abertura, em que pese a escola não estar pensando em levar ao Estádio Mário Filho um contingente numeroso.

— A nossa representação será bem menor, mas grande no espírito de competição e na vontade de brilhar — afirmou o universitário.

## Esportes

flecha. Nesta modalidade a equipe no ano passado ficou em quarto, e a Faculdade poderá brilhar na Série Especial, e suas atletas estarão competindo no tênis de mesa e no arco e flecha. Nesta modalidade a equipe no ano passado ficou em terceiro, fazendo jus à medalha de bronze dos Jogos da Primavera.

As equipes serão integradas por alunas das várias cadeiras que a escola mantém, estando todos os preparativos sob o comando do Departamento de Esportes, uma vez que não existe a Associação Atlética Acadêmica, como em outras escolas de nível superior.

## Voz de mestre

A presença da escola nos XIX JOGOS DA PRIMAVERA tem o apoio integral do Professor Atílio Magno da Silva, Diretor do estabelecimento de ensino, admirador na prática esportiva, sendo um dos que mais incentivam o intercâmbio esportivo na escola.

A Faculdade, que mantém várias cadeiras de formação universitária, está localizada na Rua Haddock Lobo, 269, no Bairro da Tijuca. Seu corpo discente tem cerca de 1.500 alunos, a maioria constituída por moças.

## Extra-curriculares

Várias são as atividades da escola, tanto no setor cultural, como no recreativo, a maioria a cargo do Departamento Acadêmico. Entre as principais atividades destacam-se:

Cine-Clube; Curso de Introdução à Astronomia; Exposição de Artesanato e Pintura Jovem, somente concorrendo os alunos da escola; Curso Pré-Vestibular, com professores da própria faculdade e alunos das últimas séries; Feira de Livros, a ser inaugurada ainda este mês, com descontos de até 40%, aberta para o público em geral; e Teatro Experimental.

## A mensagem

Ao ensejo da presença da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado da Guanabara, e DA La-Fayette Cortes, divulgou a seguinte mensagem, que é um incentivo às colegas para uma excelente campanha na XIX olimpíada feminina, criada em 1949 pelo dinamismo de Mário Filho, que também idealizou os Jogos Infantis.

"O DA acha os JOGOS DA PRIMAVERA uma ótima iniciativa, pois promove o intercâmbio entre a juventude feminina de maneira sadia, incentivando, deste modo, a competição esportiva, que é a melhor maneira de desenvolver o caráter da nossa mocidade".

## Vasco e Flu arriscam a ponta no basquete

## O Bonavena bota banca na Alemanha

Francforte (AP-JS) — O corpulento pugilista Oscar Bonavena, campeão argentino dos pesos-pesados, provocou uma celeuma ao chegar a Francforte para sua luta no dia 16 contra o alemão Kari Mildenberger, pois logo ao desembarcar pediu garantias para deixar a Alemanha Ocidental após "a execução do inferno do Mildenberger".

— Quero falar com o governador de Francforte para assegurar que depois de liquidar Mildenberger poderemos deixar a Alemanha sem o risco de ser preso — disse Bonavena, que é considerado o terceiro da lista de aspirantes ao título mundial, vago com a proclamação de Cassius Clay pela Associação Mundial de Boxe.

Em Tóquio, o empresário do campeão mundial dos pesos-galos, Takeshi Sasazaki, declarou que Masahiko Fighting Harada não aceitará a determinação da Associação Mundial de Boxe para que defendesse seu título contra o mexicano Jesus Pimentel, considerado o primeiro desafiante da categoria.

Em comunicação feita ao Secretário-Geral da Comissão de Boxe do Japão, o empresário de Harada anunciou que o campeão só enfrentará Pimentel se este derrotar o japonês Takao Sakurai, classificado em terceiro lugar no ranking da AMB. Pela determinação da Associação Mundial, Harada terá de enfrentar Pimentel até 3 de janeiro de 1968.

## Federação é utilidade pública

O Governador Negrão de Lima assinou decreto reconhecendo a Utilidade Pública a Federação de Atletismo do Rio de Janeiro, entidade presidida pelo esportista Afonso Caminha.

O projeto, apresentado pelo Deputado Frederico Trota, foi sancionado pelo Governador da Guanabara, que, na ocasião, afirmou ser o atletismo uma das modalidades que mais elevam o conceito do Estado no setor esportivo.

## Falkenburg lidera o Brasileiro de golfe

Bob Falkenburg, entre os amadores, e Luis Carlos Pinto e Raul Travieso, entre os profissionais, são os líderes dos Campeonatos Brasileiros de Golfe, cuja primeira volta foi jogada no dia de ontem, nos links do Itanhangá Golfe Clube.

A gaúcha Elisabete Nickhorn, que desde o primeiro dia do certame feminino liderava o grande pelotão de damas, sagrou-se vencedora no Aberto e no Amador, no primeiro seguida por Sarita Raby e no segundo por Teresinha Camargo. A segunda volta do masculino está marcada para as 14h45m de hoje.

Entre os profissionais, o Luis Carlos Pinto, instrutor do Itanhangá GC, divide as honras do primeiro posto com o argentino Raul Travieso, agora radicado ao golfe peruano. Luis Carlos e Travieso registram 71 tacadas grossas nos respectivos cartões, no maior duelo da primeira volta, arrastando os dois golfistas os maiores contingentes de assistentes daquele certame.

James Shepperd, americano radicado no IGC e um dos grandes reforços que o clube recebeu para a presente temporada, ocupa a terceira posição com 72 tacadas.

## A organização

Com 363 golfistas inscritos e participando dos Campeonatos, e as saídas e o tráfego em campo registrados com precisão cronométrica de segundos, o Itanhangá GC quebrou todos os recordes brasileiros de competição do gênero.

Seymour Marvin, Presidente da Associação Brasileira de Golfe, jogou os 18 buracos da primeira volta ao lado do colega Jaime Fowler, Presidente do IGC. A grande atração, que era o golfista sul-africano Bob Cole, ficou num modesto quinto lugar, embora seja prematuro qualquer prognóstico por faltarem ainda três voltas dos Campeonatos.

## Os resultados

Os resultados anotados foram os seguintes: Campeonatos Aberto e Amador: 1.º) Bob Falkenburg, com 69 tacadas grossas; 2.º) Luis Carlos Pinto, Raul Travieso e Jorge Ledesma, todos com 71 tacadas; 3.º) James Shepperd, com 72 tacadas; 4.º) Ronald Gentry e R. Benito, ambos com 73 tacadas; 5.º) Mário Gonzales, 1.º) Cole e Bernabé Fajardo, todos com 74 tacadas; 6.º) Luis Raposo, Hector Vigna e Luis Boschian, todos com 75 tacadas; 7.º) J. J. Barbosa, J. C. Barbosa, Carlos Sôzio e A. L. Silva, todos com 76 tacadas; 8.º) Váler Rato, Ascunaga e Tim Woolbank, todos com 77 tacadas.

Categoria de 0 a 9 de handicap: 1.º) Bob Falkenburg, com 67 tacadas net; 2.º) Ronald Gentry e Jorge Ledesma, ambos com 70; 3.º) Váler Rato e G. Naday, ambos com 71; 4.º) R. Benito, B. Corrêa e Jorge Armas, todos com 72; 5.º) J. J. Barbosa e Carlos Sôzio, ambos com 73; 6.º) Mário Gonzales Filho, com 74 e 7.º) Nestor Sôzio Filho, com 75.

## Entre os damas

Campeonato Amador Feminino: 1.º) Elisabete Nickhorn, com 214 tacadas; 2.º) Teresinha Camargo, com 247; 3.º) Irene Ribeiro e Iolanda Figueiredo, ambas com 248 e 4.º) G. Grant, com 250.

Campeonato Aberto Feminino, categoria scratch: 1.º) Elisabete Nickhorn, com 214 tacadas net; 2.º) Sarita Raby, com 238; 3.º) Teresinha Camargo, com 247; 4.º) Irene Ribeiro e Iolanda Figueiredo, ambas com 248; 5.º) G. Grant, com 255.

O Aberto e Amador Masculinos terão prosseguimento hoje, com a segunda volta, estando as saídas marcadas para as 14h45m.



Com tocadadas precisas, a gaúcha Elisabete Nickhorn continua na liderança

Vasco e Fluminense, líderes invictos e isolados do Campeonato Carioca de Basquetebol Masculino da Divisão Principal, defenderão suas posições contra o Clube Municipal e Tijuca TC, respectivamente, hoje à noite, a partir das 21 horas, nos ginásios das Ruas Desembargador Isidro e Haddock Lobo, nos principais jogos da terceira rodada do turno.

O quinteto do Riachuelo fará sua estreia no certame enfrentando o Grajaú TC, no ginásio da Avenida Engenharia Richard, enquanto o Flamengo, que estreou na rodada passada, jogará contra o Mackenzie, terceiro colocado, no ginásio da Gávea. A rodada será completada no ginásio da Gávea. A rodada será completada no ginásio de Campos Sales, onde o América atuará contra o Vila Isabel, em busca da segunda vitória.

A classificação dos clubes é a seguinte: 1.º) Vasco, 2 jogos, 2 vitórias, 4 pontos ganhos, 165 pontos pró, 162 pontos contra, saldo 3 pontos; Fluminense, 2 jogos, 2 vitórias, 4 pontos ganhos, 112 pts pró, 90 pts contra, saldo 22 pontos; 3.º) Tijuca, 2 jogos, 1 vitória, 1 derrota, 3 pontos contra, saldo 63 pontos; 4.º) Municipal, 2 jogos, 1 vitória, 1 derrota, 3 pontos pró, 93 pts contra e saldo de 1 ponto; 5.º) Grajaú, 1 vitória, 1 derrota, 3 pontos ganhos, 83 pontos pró, 81 pontos contra, saldo 2 pontos; 6.º) Mackenzie, 2 jogos, 1 vitória, 1 derrota, 2 pontos ganhos, 80 pontos pró, 85 pontos contra, deficit 5 pontos; 7.º) Flamengo, 1 jogo, 1 vitória, 2 pontos ganhos, 100 pontos pró, 38 pontos contra, saldo 62 pontos; 8.º) Vila, 2 jogos, 2 derrotas, 2 pontos ganhos, 81 pontos pró, 122 pontos contra e deficit 41 pontos; e Grajaú TC, 2 jogos, 1 derrota, 2 pontos ganhos, 81 pontos pró, 133 pontos contra e deficit 52 pontos; 9.º) América, 1 jogo, 1 derrota, 1 ponto ganho, 58 pontos pró, 56 pontos contra e deficit 2 pontos. O Riachuelo faz sua estreia hoje à noite, contra o Grajaú TC.

O Campeonato Carioca de Basquetebol Masculino da Divisão Principal, após a realização da segunda rodada, apresenta o Vasco e o Fluminense como líderes invictos e absolutos, com duas vitórias cada. O quinteto vasco derrotou o América e Vila Isabel, respectivamente, por 66 a 58 e 79 a 44.

Já o Fluminense se mantém na liderança com as vitórias obtidas sobre o Grajaú TC e Mackenzie, respectivamente, por 33 a 46 e 59 a 40. A novidade da rodada de hoje será a estreia do Riachuelo contra o Grajaú TC, que perdeu os dois compromissos anteriores. O campeão da temporada passada, o Botafogo, continuará ausente do certame, pois ainda se encontra no exterior.

## Santo Agostinho é o campeão de basquete

O Colégio Santo Agostinho conquistou o tricampeonato carioca de basquetebol, após vencer na partida final o quinteto da Fundação do Bem-Estar do Menor — dirigido pelo técnico Kanela — por 69 a 48. Para Kanela, o fator determinante da derrota de sua equipe, foi a exclusão do atleta Roberto, com cinco faltas, ainda no limiar da primeira etapa. Roberto tem 1997 e pertence ao Flamengo, onde é a grande revelação do campeonato de juvenis.

Por outro lado — não desmerecendo o título obtido pela terceira vez — o Colégio Santo Agostinho, da Zona Sul, dispõe em suas fileiras, de atletas do maior gabarito do basquete nacional, tais como Pedro, Ze Carlos e Nelson, do Flamengo, Durão e Raposo, do Botafogo, e Márcio, do Fluminense. Sua equipe é dirigida por Meneses, que sabe levar até seus jogadores um clima de confiança e de resignação, para que eles pudessem conquistar o tricampeonato colegial.

E o campeonato colegial de basquete, promovido pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), terminou com a vitória final pendendo para o Santo Agostinho. A Fundação do Bem-Estar do Menor, foi excluída por 1 minuto de jogo, com duas faltas — Márcio, Gilberto, Gilson, Váler, Ze Carlos e Antenor. O Santo Agostinho jogou com Pedro, Durão, Raposo, Ze Carlos, Márcio, Nelson, Paulo Márcio, Márcio Antônio e Ricardo.



II Torneio de Pelada JORNAL DOS SPORTS-ESSO

# Penarol foi fortaleza que Chelsea derrubou

## Barroso não deu bola para Atilia

Jogando sempre certo, confiante nas suas próprias possibilidades e se lançando firmemente para cima do adversário, o Barroso não encontrou maiores dificuldades para golpear o Atilia por 7 a 2, depois de chegar aos 3 a 0 na fase inicial. Demais resultados: Satélite 3, Arco Verde 2; Gordo 6, Parque Anchieta 1; Santo Inácio 3, Estrela Azul 1; Divisa 2, Seresteiro 1; Rôças 2, Estrêla 1; Indiana 3, Cór-de-Rosa 0 (penaltes); o Instituto Abel venceu pelo não comparecimento do adversário.

### Satélite

1.º tempo — Satélite 1 a 0; final — 3 a 2. Jorge (2) e Marco Antônio marcaram para o vencedor. Satélite (2) marcou para o Arco Verde. Satélite — Luis, Amauri, Luis César, Delson, Celso, Jorge, Leuma e Marco Antônio — depois Antônio. Arco Verde — Ari, Sérgio, Antônio, Paulo, Osvaldo, Ronaldo, Santos e Vicente.

Juliz — Edson "Percevejo".

Anormalidades — Antônio e Osvaldo, do Arco Verde, foram expulsos, concorrendo para a exclusão de seu time do torneio.

### Barroso

1.º tempo — Barroso 3 a 0; final — 7 a 2. Paulo César (2), Marcos (4) e Luis marcaram para o vencedor. Antônio e Edgar marcaram para o Atilia. Barroso — Jorge, Paulo César, Joaquim, Paulo Roberto, José, Quêdas, Marcos e Luis — depois Paulo e Cosmo. Atilia — Irapuá, Luis, Antônio, Edson, José, Edgar, Javandir e Atilia — depois Juarez e Anibal. Juliz — Orlando "Cabeção".

### Gordo

1.º tempo — Gordo 1 a 0; final — 6 a 1. Celso (2), Carlos Alberto (2), Jorge e Carlos Roberto marcaram para o vencedor. Sebastião marcou para o Parque Anchieta. Gordo — Osvaldo, Ubirajara, Coame, Pedro, Celso, Carlos Alberto, Jorge e Carlos Roberto. Parque Anchieta — Osmar, Luis Antônio, Antônio, Geraldino, Luis Carlos, Roberto, Paulo Roberto e Sebastião — depois José. Juliz — Ari Ramos Faria.

### Santo Inácio

1.º tempo — 0 a 0; final — Santo Inácio 3 a 1. Torres (3) marcou para o vencedor. Joaquim marcou para o Estrela Azul. Santo Inácio — José, Renato, Fábio, Ricardo, Jorge, Botelho, Torres e Leonel — depois Luis. Estrela Azul — Carlos, Jorge, Luis, Hélio, Joaquim, Marcos, Francisco e Antenor — depois Valcir. Juliz — Lido Araújo.

### Divisa

1.º tempo — Seresteiro 1 a 0; final — Divisa 2 a 1. Edson (2) marcou para o vencedor enquanto Vanderlei marcou para o vencido. Divisa — Carlos, Jorge, José, Euclides, Inocência, Luis, Adão e Edson — depois Antônio. Seresteiro — Jobim, Edilberto, Aloisio, Elias, Wilson, Paulo, José e Vanderlei — depois Roberto e Valmir. Juliz — Antônio Silva.

### Rôças

1.º tempo — 1 a 1; final — Rôças 2 a 1. Fernando e José marcaram para o vencedor. Oliveira marcou para o Estrela. Rôças — Gerson, Paulo, Cláudio, Fernando, Roberto, José, Altes e Almir — depois Flávio. Estrela — José, Gilson, Jorge, Júbias, Maurício, Daup, Carlos e Oliveira. Juliz — Jorge "Saquarema".

### Indiana

1.º tempo — Cór-de-Rosa 2 a 1; final — 2 a 2; penaltes — Indiana 3 a 0. Justino (2) marcou para o vencedor. Vitor e Jorge (contra) marcaram para o vencido. Indiana — Jorge, Vicente, Paulo, Elcio, Vicente, Justino, Valdemir e Carlos — depois Conrado. Cór-de-Rosa — Rigel, José, Marcos, Roberto, Luis, Mauro, Vitor e Carlos — depois Armando. Juliz — Orlando "Chuchu".

### Abel

Venceu pelo não comparecimento do SENAL. Assinaram a simula Alfrado, Valdemir, Cláudio, César, James, Paulo e Flávia.



O Seresteiro se assustou com Divisa e acabou perdendo



Rôças foi mais forte e ofuscou o Estrêla

Confirmando o merecimento do título conquistado o ano passado, o Chelsea venceu na tarde de ontem o Penarol por 3 a 1. O vencedor, apesar de lutar muito, foi incapaz de fazer frente à maior categoria do Chelsea que, mais uma vez, teve em Armando sua principal figura. Demais resultados: Santos 8 x Havai 1; V. Prêto 3 x D. Vital 2 (penaltes); Real Nick 5 x Atlético 2; Caieiras 8 x Herpanema 4; Inter 3 x Santos 2 (penaltes); Benfica 3 x Esperança 2 (penaltes); GREFERQ 10 x Diamante 1.

### Chelsea

1.º tempo — 1 a 1; final — Chelsea 3 a 1.

Luis Henrique (3) marcou para o Chelsea. Alcides assinou para o Penarol.

Chelsea — Otávio, Luis, Raimiro, Mario, Marcelo, Luis Henrique, Armando e Valdinhar — depois João e Francisco.

Penarol — Lúcio, José, Carlos Alberto, Luis Carlos, Oziel, Wilson, Francisco e Alcides — depois Lino, João e Gilberto.

Juliz — Sebastião Chaves.

### Caieiras

1.º tempo — Caieiras 5 a 2; final — 8 a 4.

Luis, Eduardo, Ricardo (3) e Marcelo marcaram para o vencedor. Djanir e Paulo Roberto (3) marcaram para o Herpanema.

Caieiras — William, Marcelo, Nelson, Luis, Eduardo, Ricardo, Marcelo e Luis Fernando — depois Roberto e Paulo.

Herpanema — Salomão, Eduardo, Mário, Ronaldo, Djanir, Paulo, Jonas e Paulo Roberto.

Juliz — Jorge "Saquarema".

### Santos

1.º tempo — Santos 2 a 1; final — 8 a 1.

Ricardom (3) e Hudson (5) marcaram para o vencedor. Newton marcou para o Havai.

Santos — Arlindo, José, Nelson, Soriano, Hermenegildo, Ricardo, Hudson e Paulo.

Havai — Robson, Celso, Sidnei, Carlos, Newton, Ricardo, Paulo e Arnaldo — depois José.

Juliz — Adolar "Espingarda".

Anormalidades — Celso, do Havai, foi expulso por desrespeito ao juiz.

### Inter

1.º tempo — 1 a 1; final — 2 a 2; penaltes — Inter 3 a 2.

Luis e Paulo marcaram para o vencedor. Getúlio e Marcos marcaram para o Santos.

Inter — Nelson, Luciano, Sérgio, Antônio, Luis, Paulo, Sidnei e Paulo.

Santos — Fernando, Sérgio, Getúlio, Vanderlei, Luis, Roberto, Paulo e César — depois Marcos e Clodomir.

Juliz — Antônio Silva.

Anormalidades — Paulo, do Inter, foi expulso por agressão ao torcedor.

### Vermelho e Preto

1.º tempo — 2 a 2; final — 4 a 4; penaltes — V. e Preto 3 a 2.

Portirio (2), Pedro e Sérgio marcaram para o vencedor. José Luis (2) e Jorge Luis (2) marcaram para o Doni Vital.

V. Preto — Valtir, Ivo, Valdir, Portirio, Pedro, Paulo Roberto, Gilson e Sérgio — depois Mauro e Fernando.

Doni Vital — Luis, Douglas, José Luis, Leopoldo, Antônio, Carlos Alberto, Jorge Luis e Carlos.

Juliz — "Motorzinho" Nicola.

### Benfica

1.º tempo — Benfica 3 a 2; final — 3 a 3; penaltes — Benfica 3 a 2.

Djalma (2) e João marcaram para o vencedor. Depes, Nêlio e José (contra) marcaram para o Esperança.

Benfica — José, Luis, Genivaldo, Machado, Djalma, Augusto, João e Antero — depois Rosa.

Esperança — Ricardo, Arnaldo, Jorge, Francisco, Paulo, Depes, Nêlio e Pedro — depois Reginaldo.

Juliz — Luis Augusto.

### Real Nick

1.º tempo — Real Nick 3 a 2; final — 5 a 2.

Mauro, Antônio (2), Edson e Pacanhowski marcaram para o vencedor. José e Sérgio marcaram para o Atlético.

Real Nick — José, Fernando, Mauro, Antônio, Eduardo, Sérgio, Edson e Márcio — depois Pacanhowski.

Juliz — Clímico Tavares.

Anormalidades — Pacanhowski, do Real Nick e Mario e Sérgio, do Atlético, foram expulsos. Com as duas expulsões o Atlético é excluído do Torneio.

### Greferq

1.º tempo — GREFERQ 6 a 0; final — 10 a 1.

Antônio (4), Luis (4) e Carlos marcaram para o vencedor. Francisco assinou o gol do Diamante.

GREFERQ — Jorge, Paulo, Roberto, César, Antônio, Luis, Almir e Fereira — depois Carlos, Sérgio e Orlando.

Diamante — Raul, Jorge, Henrique, Francisco, José, Antônio, Júlio e Carlos.

Juliz — Lido Araújo.

Anormalidades — Júlio, do Diamante, foi expulso, por gesto violento.

## Santa Fé vê força de São-cristovense

O II Torneio de Pelada JORNAL DOS SPORTS-ESSO prosseguirá na tarde de amanhã, surgindo como atração o jogo entre o São-cristovense e o Santa Fé, no campo 2. Outro bom jogo reunirá Samurá e Auto Peças, no campo 3.

### A rodada

Campo 1 — GRADE — 186 x 142 — Mariana; Engenharia — 789 x 9 — Residência. Campo 2 — Santa Fé — 209 x 241 — Sacerdotense; Real — 672 x 349 — Renner. Campo 3 — Central — 11 x 104 — Alibon; Argentina — 209 x 430 — Record. Campo 4 — Sousa Cruz — 283 x 185 — Juventude; Auto — 390 x 643 — Britânicos. Campo 5 — Alvorada — 41 x 177 — Silveira Martins; Auto Peças — 604 x 755 — Samurá. Campo 6 — Brasília — 215 x 99 — Corsário Azul; Moraes — 599 x 394 — Parque Celeste. Campo 7 — Não é de Brincadeira — 223 x 103 — Mosoró; União do Humaitá — 242 x 316 — Almore. Campo 8 — Santa Teresa — 1 x 296 — Botafoguinho; Calours de Ouro — 362 x 308 — Cometa.

## GOL DUVIDOSO DERROTA ESCRETE DO DA EM MG

Governador Valadares (Especial para o JS) — Mesmo jogando melhor que o seu adversário, a seleção do Departamento Autônomo foi derrotada por 1 a 0 pelo Democrata, ontem a tarde, em Governador Valadares, sofrendo um gol bastante discutido aos 45m do segundo tempo.

No minuto final da partida, Bolívar contendeu-se em campo. Entraram então o massagista e o médico do Democrata para atendê-lo. A defesa do escreta do DA parou e Bina lançou uma bola em profundidade. Wilson, que já estava impedido, recebeu a bola sozinho e caminhou, marcando o único gol da partida.

### Seleção domina

No primeiro tempo da partida, a seleção do DA levou nítida vantagem sobre o seu adversário, perdendo várias oportunidades de inaugurar o marcador. A primeira foi quando Jurandir, depois de uma franga com seus companheiros chutou na mão do goleiro. Depois foi Rato, que numa escapada pela esquerda ficou cara a cara com o goleiro, chutando para fora.

O Democrata, durante esta etapa, também teve grandes oportunidades de marcar muito embora a defesa do DA jogasse com acerto, dominando quase todas as bolas pelo alto e levando vantagem nas bolas rasteiras. O time mineiro explorava mais Garrinchinha que, pela ponta-direita, e, às vezes pelo

meio, exigia o máximo dos defensores da seleção.

### Equilíbrio

A seleção, que perdeu Roberto no início da partida — o jogador levou uma pancada no nariz e não teve mais condições de continuar —, sentiu um pouco a viagem, de fato cansativa, e não repetiu a atuação do primeiro tempo, pois os jogadores já se mostravam pouco cansados.

Mesmo assim, o escreta do DA conseguiu manter o jogo equilibrado até o final, indo no ataque, perdendo algumas oportunidades de gol. O Democrata, por sua vez, continuava, sempre pelo lado de Garrinchinha, pressionando os defensores da seleção, que mesmo cansados levavam grandes vantagens, principalmente nas bolas pelo alto.

No último minuto, surgiu num lance que toda a delegação carioca criticou o único gol da partida. O juiz foi Luis Castro, com situação fraca, auxiliado por José Donillo e José Pires Varela, que também deixaram a desejar. A renda saiuu NCr\$ 330,00, e os times foram estes: Democrata — China (Jota); Bina, Galdino, Carlinhos e Mauro; Wellington (Veber) e Bolívar; Garrinchinha (Marcelo), Wilson (Procópio), Bô e Bil. Seleção — Dominguez, Ivã, Quirai, Roberto (Abel) e Francisco; Gilberto e Trabalha; Silas (Jair), Jurandir, Hélio e Rato.

## JUDÔ JAPONÊS EXIBE SUA TÉCNICA NA EEF

Os judoístas nipônicos Takashi, 6.º dan, e Yamataka, 4.º dan, que ora nos visitam, realizam hoje, às 11h30m, na Escola de Educação Física do Exército, na Urea, uma demonstração de sua técnica, voltando a ensinar-se às 20h30m, no ginásio do Pirajó, onde apresentarão o Nage-No-Kata.

Os campeões japoneses, que estão realizando uma excursão pelas Américas, promovida pelo Ministério de Relações Exteriores do Japão, treinaram anteciores com a equipe carioca que participará do próximo campeonato brasileiro, deixando excelente impressão.

### Quem são

O mais pesado Takashi, 6.º dan, foi campeão absoluto do Japão em 1964, ficando em terceiro de fora das representações de seu país nos últimos campeonatos mundiais. Contudo, pelo que demonstrou no treino das cariocas,

realizando no dojô do Judô Clube Hermann, está em boa forma.

Embora mais pesado que Yamataka, treinando com Mehdi, João Melo e Versari, mostrou jogar bem no chão, preferindo usar, quando no combate em pé, o O-Uchi-Gari e o Harai-Goshi.

Yamataka é conhecido pelo público brasileiro, pois no certame mundial realizado no Rio, disputou a final com Otsuno, nos pesos médios, realizando excelente combate, apesar de derrotado. Sua escola é a mesma de Otsuno e onde Mehdi estagiou, ou seja, na Universidade de Tenry.

No treinamento de anteciores, debaixo a melhor das impressões, pela facilidade com que se movimentou no dojô e pelas suas entradas em golpes da técnica Koshi-Waza, que são as projeções com o quadril. Entre outros, treinou com Mehdi, Alípio e Carlos Tavares.

### Flagrante na Rádio Nacional do Rio de Janeiro



No flagrante, momentos festivos da festa de homenagem aos fundadores da RÁDIO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, que está comemorando seu 31.º aniversário e comemoração do aniversário natalício da famosa cantora, exclusiva do "cast" da PRE-8, EMILINHA BORBA. O alegre acontecimento teve lugar, dia 31 de agosto, nos estúdios da emissora, quando era irradiado o programa CARROSSEL FEMININO, das 9 às 10 horas, a cargo de GRACIETTE SANT'ANNA, a mais nova aquisição da E-8. Na foto Emilinha Borba recebe das mãos da colega, locutora LÚCIA HELENA, "Os Sete Sinos da Felicidade", lembrança do programa BOM DIA MESMO, de Omar Cardoso, diariamente, às 7,30 horas. Hoje no Programa Manuel Barcelos, das 11 às 14 horas, diretamente do palco auditório da PRE-8, fará sua homenagem à simpática estrela.

### EVITE ACIDENTES DE TRÂNSITO...

Ouçá os conselhos da

**Rádio Eldorado**

a emissora do Automobilista

**TEATRO RIVAL** apresenta:
   
a exulterrima **ROGERIA**
  
(o mais famoso travesti do Brasil) em
   
**VENI QUENTE**
  
**QUE ESTOU FERVENDO**

**ULTIMOS DIAS**
  
RESERVAS: 22-2721
   
De 3.º a domingo, às 20 e 22 horas

**BOITE PLAZA**
  
Av. Prado Júnior, 258 — Tel.: 37-4019
   
Aberto diariamente a partir das 13 horas
   
Arrefrigeração — Gerador próprio

HOJE: "NOITE DA ALEGRIA" a partir das 23 horas com
   
a participação de REI DO CARNAVAL, Joaquim Meneses. Noite
   
de festa, animação e muito divertimento com artistas, poe-
   
tas e cantores. Sessão de bilhete.

**HI-FI BAR RESTAURANTE**
  
Onde se come bem a preços razoáveis.
   
Av. Francisco Isidoro, 283 — Tel.: 37-8122 e 37-1878





Jair de Barros, Normando, Bimba, Thais e Mário — o "quinteto de Mário Castro Neves", em samba S.A. (Sambinha Antiquinho?).

## MÚSICA POPULAR

TORQUATO NETO

## DA DISCOTECA

I — Silvío Caldas, o Seresteiro do Brasil — RCA-CAMDEN, CALB-5128 — Lado 1: "Mimi" (valse-canção), Uziel Lourival; "Duas Janelas" (samba), Jorge Faraj, Wilson Batista; "Na Baixa do Sapateiro" (samba), Ari Barroso; "Como os Rios Correm Pro Mar" (samba), Custódio Mesquita, Evaldo Rui; "Rancho Fundo" (samba), Lamartine Babo, Ari Barroso; "Sinhá Moça Choro" (marcha), Silvío Caldas, Cristóvão de Alencar. Lado 2: "Maria" (samba-canção), Ari Barroso, Luis Peixoto; "Santa dos Meus Amores" (valse), Silvío Caldas, Orestes Barbosa; "Deusa da Minha Rua" (samba), Jorge Faraj, Newton Teixeira; "Serrana" (canção), Alberto Costa, José Judice; "Gaivota" (marcha), Silvío Caldas, Eratostenes Frazão; "Olho Nele" (samba), Wilson Batista, Germano Augusto.

Mais uma seleção de sucessos tradicionais que a CAMDEN acaba de lançar em sua série "Reminiscências". Depois de Noel Rosa e Lamartine Babo, chegamos ao seresteiro Silvío Caldas, considerado por muitos, entre os maiores cantores da história de nossa Música Popular. Como Ari Vasconcelos, na contraponto do disco, não entrarei no mérito da questão, que, aliás, é praticamente irresolúvel: as pessoas gostam ou não gostam de Silvío Caldas, como gostam ou não de Orlando Silva — este, a meu ver, o maior cantor de sua época. Mas, sem dúvida, Silvío Caldas representa como ninguém uma fase importante e muito rica da evolução da canção brasileira. E seu estilo — o de intérprete meloso, que fez escola entre crooners e ainda hoje, sensibiliza uma grande área do público saudosista — é, igualmente, representativo: melhor do que qualquer outro, ele evoca uma época gloriosa de nossa Música.

A seleção do presente elepê é muito boa e obedece a um critério também presente nos discos anteriores — salvo o de Noel Rosa. Procurou-se organizar um "sapanhado" de sucessos do "Caboclinho Querido" e o resultado é ótimo. Assim, temos 12 faixas excelentes, com algumas das mais importantes interpretações de Silvío Caldas: "Mimi", de Uziel Lourival; "Maria", de Ari Barroso e Luis Peixoto; "Na Baixa do Sapateiro", de Ari Barroso; "Deusa da Minha Rua", de Jorge Faraj e Newton Teixeira; "Rancho Fundo", de Ari e Lamartine Babo — todas são páginas imortais do nosso cancionário.

II — Mário Castro Neves & Samba S.A. — RCA Victor — BBL 1390 — Lado 1: Candômbê — Yarning Lovers — Nanã — De Bivencadeira — Bye, Bye Blackbird — E Nada Mais. Lado 2: Keep Talking — Vem Balançar — Once More — Morte de um Deus de Sal — Tá por Fora — Corcovado.

Diz Mário Castro Neves, na contracapa, que a RCA precisava de um disco com música brasileira moderna para lançamento nos Estados Unidos: isso, talvez, explique a chatice desse disquinho que o cronista garante não ter conseguido ouvir até o fim. O lado um, mais duas faixas do lado dois, bastaram para deixar bem claro o quanto Mário Castro Neves e seu conjunto estão atrasados em, pelo menos, quatro anos, no processo evolutivo da Música Brasileira. Um ou dois macetes copiados (e mal) do conjunto de Sérgio Mendes não bastam para convencer: a forma é fraca, é antiga e, co'na maior segurança, uma pessoa poderia afirmar que esse disco teria sido gravado em 1964. Piano, baixo, bateria mais duas vozes femininas (o macete...) não modificam nada: a estrutura dos arranjos e seus modismos são aqueles mesmos, insuportáveis, dos tempos enjoados do pior samba-jazz. Isso é interessante: a maior parte desses músicos, viciados pelos maneirismos que adotaram, não percebem que a salada que terminam fazendo não tem nada de samba — e é jazz antigo, da pior qualidade.

O que se faz em Música Brasileira já não tem nada a ver com isso. Mas está na cara: "Naná" e "Morte de um Deus de Sal", por exemplo, são faixas desse disco... Que atraso!

Enfim: é um disco chato. E dito isto, nem interessa delongar sobre as qualidades "técnicas" do quinteto. Em todo caso, as músicas de Sérgio Mendes são bem melhores do que Bimba e Thais. That's all.



## Parque de diversões —

# Festival de lá vai bem melhor

Escrevo estas linhas com muita antecedência, por força de uma viagem a fazer. Até este momento, entretanto, noite de terça-feira, continua em ebulição o verdadeiro escândalo protagonizado pelo Sr. Carlos de Laet, Secretário de Turismo, qual seja o de rever as composições já selecionadas como semifinalistas do II Festival Internacional da Canção, rasgando, assim, o próprio regulamento do certame para atender a imposições políticas.

Esse Festival, que começou a sua série de desacertos com a exclusividade de transmissão dada de mão beijada a uma emissora, também para satisfazer a injunções políticas, culmina agora com a surpreendente atitude do Sr. Carlos de Laet — surpreendente pelo seu passado respeitável — ao tornar-se senhor de barão e cutelo de decisões estapafúrdias.

Vamos, então, olhar para o Festival de Música Popular Brasileira, de São Paulo, que caminha muito melhor, e cujo organizador, o Sr. Paulo Machado de Carvalho Filho, deve estar rindo muito consigo mesmo com o que acontece, venhosamente, aqui no Rio.

Sem interferências políticas, o Festival de São Paulo já selecionou trinta das composições semifinalistas, faltando seis que ainda estão na dependência do Serviço de Censura. Na relação que se lerá a seguir, há três classificações muito gratas. Uma é a de Fernando Lobo, que há muito não fazia música. As outras são de Erasmo Carlos e Carlos Imperial, libertados de tantas besteiras que cometeram até agora, e compõem música brasileira.

Estão classificadas no Festival de São Paulo: 1) — Rua Antiga, de Roberto Menescal e Rubens Richter; 2) — O Cantador, de Dori Caymmi e Nelson Mota; 3) — Maria, Carnaval e Cinzas, de Luis Carlos Paraná; 4) — E Fim, de Sônia Rosa; 5) — Canção do Cangaceiro que Viu a Lua Cor de Sangue, de Carlos Castilhos e Chico de Assis; 6) — O Milagre, de Renato Buzart; 7) — Anda que Anda, de Ari Tolêdo e Mário Lago; 8) — A Cantiga de Jesuino, de Ariano Suassuna e Lourenço Figueira; 9) — Isso Não se Faz, de Pinguinha e Hermínio Bello de Carvalho; 10) — Volta Amanhã, de Fernando César; 11) — Capoeirada, de Erasmo Carlos; 12) — Gabriela, de Viveiros Filho (Maranhão) e Francisco Fuzetti; 13) — Dada Maria, de Renato Teixeira; 14) — Belinha, de Toquinho e Vitor Martins; 15) — Manhã de Primavera, de Adilson Godói; 16) — Eu e a Brasa, de Johnny Alt; 17) — De Como Um Homem Perdeu Seu Cavalo e Continuou Andando, de Geraldo Vandré e Hilton Actól; 18) — Roda Viva, de Chico

Buarque de Holanda; 19) — Ponteiro, de Edu Lobo e Zé Carlos Capinam; 20) — Alegria, Alegria, de Caetano Veloso; 21) — Domingo no Parque (I), de Gilberto



Proseguindo no seu desfile para o Parque de Diversões, Eliana Pittman, apresenta hoje, um modelo de Pucca Rabanne.



Chacrinha elegendo moça bonita

## De olho na tevê

# Tudo é barulho, tudo é confusão

Confortável a gente fica às vezes diante da televisão. Bem que seria bom, aquela meio deitado, deixar a programação correr, e o resto ser todo montado na base do descanso. Mas a televisão não deixa que assim seja. Daí o invento do controle remoto não ser uma solução, pois a todo instante o instinto do homem que vê se agita de tal maneira que de tanto fazer troca alguma coisa há de pifar no terreno da eletrônica. Não há homem que agüente o mar de anúncios dos intervalos e o descanso não se faz porque quando o primeiro aparece já o homem se levanta em busca de outro canal.

Há quem acredite que a publicidade insistente é a mais válida. Podem esquecer meus queridos reis do sabonete e dos variados consórcios. Somos sim, e somente um mundo de neuróticos invadidos pela avalanche do anúncio, naufragos sem socorro de bôla mínima de esperança. Não temos para quem apelar e se um dia a televisão resolver fazer uma programação só de anúncios contra intervalos de um número musical ou uma cena cômica, vamos ter que engolir caladinhos. A televisão é dona, soberana, rainha do ar e do tempo. Ela é como a lei de trânsito, a gente acorda agora, e o que era mão, virou contramão e está mudado. Então o homem que chegou em busca da calma se emborafustou num mar de agitação e sugestões. Há grilos de mercadores vendendo aparelhos de televisão, geladeiras, liquidificadores, e pregos que se projetam, e citrões que se

entranham na nossa mente. Tudo é barulho, tudo é terrivelmente confuso, quando a noite finda, vem o filme o mais para o antigo sempre há de vir como sossego. Mas qual o quê? Na hora do tiro ao alvo do bandido, no instante do beijo prometido, no momento da decisão mais importante, há de surgir mil porquinhos rumbando as banhas da casa do mesmo nome. Que nos apiede de nós, senhores donos do mundo da televisão, que tanto merecemos um agrado maior, numa apresentação em que pudéssemos ver tudo de uma só vez, longe das prestações, já tão anunciadas de forma cômoda, nos anúncios de todas as casas de eletrodomésticos.

### Pelos concis

Chacrinha está elegendo moças bonitas, o que fica muito bem no seu programa. A eleição é para a Mais Bela Estudante da Guanabara, que já vimos uma geração de mocinhas lindíssimas desfilando. Há um prêmio no valor de 2 mil cruzeiros para a primeira colocada, além de outros prêmios que o anunciante oferece. Ainda sobre Chacrinha, acumulasse a sua burocracia em 2.000 novas, o que é de fato uma galta das mais gordas. Basta você contar quantas burocracias o anunciador vai dar no seu próximo programa, e estará concorrendo ao choro. Foi gozada aquela de Célia Blau, após sortear dois lotes de uma compra, para o auditório. A moça era Eliana

Gil; 22) — Bom Dia, de Gilberto Gil e Nana Caymmi; 23) — Beto Bom de Bola, de Sérgio Ricardo; 24) — Diana Pastora, de Fernando Lobo e João Melo; 25) — Por Causa de Maria, de Marcos Cesar; 26) — Uma Dúzia de Rosas, de Carlos Imperial; 27) — A Estrada e o Viaduto, de Sidnei Miller; 28) — Melina Moça, de Martinho José Pereira; 29) — Festa no Terreiro de Alakéto, de Antônio Marques Pinto; 30) — Samba de Maria, de Vinícius de Moraes e Francis Hime.

### Couvert

Não houve eleições no Conselho de Música Popular. Após muitas discussões, alguns conselheiros tomando conhecimento da existência de estatutos (mimeografados) somente a hora do pleito, concluiu-se que nenhum dos candidatos havia preenchido devidamente as exigências. Havia um somente, aliás, ninguém sabe como tenha penetrado no mistério: o maestro Guerra Peixe. Dona Sara Kubitschek vai abrir uma casa de chá em Belo Horizonte, que fornecerá também refeições embebidas às repartições públicas. Nome: Meu bem. Foi prorrogado mais uma vez, agora para o dia trinta deste mês, o prazo concedido à comissão que está julgando as peças do concurso do Serviço Nacional de Teatro. Vamos ver se agora sai. Carlos Imperial e Ataúlfo Alves fizeram um samba: "Quando Você Passa Ache Graça". E ambos vão gravá-lo. O Serviço de Censura criou caso e a estréia de "O Relatário Kinsey", o espetáculo de Alberto Dayeres para o Rul Bar Bessa, foi transferida para segunda-feira próxima. Pelé vem de navio, com esposa e filha, depois no Museu da Imagem e do Som. No almoço do Itamarati, Jair Rodrigues ficou atrapalhado para comer galinha com garfo e faca e não teve conversa: pegou a coxa da galinha com a mão e tucou na boca. Depois, pediu o microfone e disse ao Chanceler Magalhães Pinto que o almoço estava de grampear. O Teatro de Câmara, da Alemanha, fará hoje, no Teatro Nacional de Comédia, a segunda e última apresentação da peça "Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny", de Brecht-Kurt Weill, vertida imediatamente para o português, através do ponto eletrônico. Mês Brasil deverá estar no Rio, próxima semana, para participar, no Copacabana Palace, do September Fashion Show. Hoje, em Brasília, estarei ultimando detalhes com o Departamento de Turismo, para a grande festa do dia três de novembro, no Palácio dos Arcos, quando serão recepcionados os participantes estrangeiros e o vencedor nacional do Festival Internacional da Canção. No mais, é o sol.

## MISTER ECO

## Roteiro

### Estreias

São Luiz, Odeon — OS PROFISSIONAIS, de Richard Brooks, baseado numa novela de Frank O'Rourke. Uma das estrelas mais promissoras. Quatro pistoleiros para resgatar a mulher de um milionário. Com Claudia Cardinale, Burt Lancaster, Robert Ryan, Lee Marvin, Jack Palance. (13h — 15h13m — 17h30m — 19h45m — 22h. Cens. 14 anos).

Veneza — A CONDESSA DE HONG KONG, de Charles Chaplin. O filme foi mal recebido pela crítica europeia, está em cartaz há vários meses em São Paulo e vem despertando a curiosidade do carioca. Sophia Loren e Marlon Brando, além de Sidney Chaplin e outros. (2ª, 4ª e 6ª — 16h — 18h — 20h e 22h. 5ª, sábado e domingo — 14h — 16h — 18h — 20h e 22h. Cens. 14 anos).

Bruhi-Flamengo — PARIS ESTÁ EM CHAMAS?, de René Clément. Outro cartaz promissor. O trabalho dos franceses da Resistência, para libertar o país dos alemães. Com Gert Frobe, Jean Paul Belmondo, Alain Delon, Charles Boyer, Leslie Caron, Anthony Perkins e outros. (Cens. 14 anos).

América, Capitólio, Copacabana, Leblon — ALVAREZ KELLY, de Edward Dmytryk. A história de dois homens, um guerrilheiro e um forasteiro, que enganam um polígrafo para roubar um rebanho de gado. Com William Holden, Richard Widmark, Janice Rule. (13h20m — 15h30m — 17h40m — 19h50m — 22h. Cens. 10 anos).

Miramar, Plaza, Olinda, Condor-Large de Machado — ADORÁVEL TRAPALHAO, de J. B. Tanko. Um nacional com Renato Aragão procurando casamento para seu paião. Com o próprio e mais Neide Aparecida e Amilton Fernandes. (14h — 15h40m — 17h20m — 19h — 20h40m — 22h20m — Me-mar; 2ª, 4ª e 6ª, a partir de 15h40m — demais dias a partir de 14h. Cens. livre).

Opera — FALSA LIBERTINA, de Georges Sidney. Com Ann Margaret, Tony Franciosa. Comédia mostrando a vida de uma mulher que pecava com muita graça. (14h — 16h — 18h — 20h e 22h. Cens. 10 anos).

Riviera — ADEUS, TEXAS, de Ferdinando Baldi. Franco Nero repete a dose de Django e mais algumas doses novas (14h — 16h — 18h — 20h e 22h. Cens. 18 anos).

### COELHINHO



Pois bem, meus caros, çara os que não foram comemorar a Independência fora do País, digo, fora do Rio, a melhor pedida é o cinema de fim-de-semana. É a melhor pedida de um cineminha de fim-de-semana (a melhor não, mas uma das boas pedidas) é "Os Profissionais". O filme é de Richard Brooks, que dá uma amostra de que um bom filme de aventura ainda pode sair de um norte-americano. Sem a engraçada canastrice dos heróis italianos, "Os Profissionais" vai mostrar quatro homens e um diretor de um enorme humor, um grande senso de medida, uma ótima fotografia. Enfim, um filme bom. Que, claro, recomendamos.

### Continuações e reapresentações

Palácio — HOMBRE, de Martin Ritt. Um western que pode ser visto, com Paul Newman, Fredric March, Richard Boone e outros. (13h20m — 15h30m — 17h40m — 19h50m — 22h. Cens. 14 anos).

Vitória, Rian, Carioca — A PATRULHA DA ESPERANÇA, de Mark Robson. Contando o terrorismo na Argélia. Com Anthony Quinn, Claudia Cardinale, Alain Delon. (14h — 16h30m — 19h — 21h30m, Cens. 18 anos).

Rex, Ricamar, Tijuca, Imperator — EL GRECO, tentativa frustrada de contar a vida do famoso pintor. Com Mel Ferrer, Rosanna Schiafino. Rex: 15h — 17h — 19h — 21h. Tijuca: 16h — 18h — 20h e 22h. Ricamar: 14h — 16h — 18h — 20h. Cens. 14 anos).

Imperio — GRECIA MEU AMOR, com Ingrid Thulin e Paul Hubschmid. (14h — 16h — 18h — 20h e 22h. Cens. 18 anos).

Art-Palácio Copacabana — O MENINO E O VENTO, de Carlos Hugo Christensen, adaptando uma história do escritor mineiro Aníbal Machado. Com Ennio Gonçalves, Luis Fernando Janelli e Wilma Henriques. (14h — 16h — 18h — 20h e 22h. Cens. 14 anos).

Art-Palácio Tijuca, Meier e Madureira — GALIA (EU E MEUS AMORES), de Georges Lautner. Com Mireille Darc e Venantino Venantini. (14h — 16h — 18h — 20h e 22h. Cens. 18 anos).

Caruso-Copacabana, Festival, Rio, Bruhi-Meier, Regência, São Pedro — ESTA MULHER É PROIBIDA, de Sidney Pollack. Com Natalie Wood, Robert Redford, Charles Bronson. (14h — 16h — 18h — 20h e 22h. Cens. 18 anos).

Scala, Florida, Bruhi-Saenz Peña — 20.000 LÉQUAS SUBMARINAS, de Walt Disney, direção de Elmo Williams. Versão do livro de Júlio Verne. Com Kirk Douglas, James Mason, Paul Lukas. (Cens. livre).

Paris-Palace, Narrocos, Rio Branco — INFIDELIDADE A ITALIANA, de Damiano Damiani. Comédia francesa, querendo contar a história de quarentões boas vidas. Com Walter Chiari, Francisco Rabal, Letícia Roman. (Cens. 18 anos).

Alvorada — PRISIONEIRO DA AMBICÃO, de Clive Donner. Continua em cartaz um bom filme contando como se venceu na vida lá de cima. Com Alan Bates, Denholm Elliott. (Cens. 18 anos).

Coral — A VIGÉSIMA-QUINTA HORA, de Henri Verneuil, contando as desaventuras de um camponês ora prisioneiro de russos, ora de alemães, ora de americanos. Com Anthony Quinn, Virna Lisi. (Cens. 14 anos).

Bruhi-Copacabana, Relis, Alfa, Rosário — PAPAI, VOCE FOI UM HEROI! Uma comédia agradável de Blake Edwards com James Coburn, Dick Shawn, Sergio Pantoni e outros. (Cens. 10 anos).

Paissandu — RIR E O MELHOR REMÉDIO, de Pierre Etaix, um dos mais comentados filmes do momento. Com Pierre Etaix, Vera Valmont, Denise Peronne. (18h — 20h e 22h. Sábados e domingos a partir de 14h. Cens. livre).

Alaska — O MORRO DOS VENTOS UVANTES, de William Wyler — A volta de um filme que fez sucesso e que está mantendo saudades e servindo de introdução aos mais jovens. Com Laurence Olivier e Merle Oberon. (14h — 16h — 18h — 20h e 22h. Cens. 14 anos).

FERNANDO LOBO



# Mogador surpreendeu no Handicap de ontem

O cavalo Egis imprimiu um train vivo à carreira no Handicap Especial de ontem, no Hipódromo da Gávea, enquanto o franco favorito Deado permaneceu na última colocação, e Mogador, Nointot e Seymour revezavam-se nos postos intermediários, mas no direito, Mogador lutou com Nointot, acabando por derrotá-lo com méritos.

El Matrero experimentou a pista de grama, e parece não ter gostado, porque ficou muito afastado e quando entrou na reta, abriu muito, perdendo terreno considerável. Mogador muito bem apresentado por Gonçalves Feijó, marcou 122s3/5 para os 2.000 metros do Prêmio Sete de Setembro.

## Resultado completo:

### 1.º páreo - 1.600m - Pista: GL - NCr\$ 2.000,00

1.º	Urajana, M. Carvalho	56	0,20	12	0,49
2.º	Heraldis, A. Santos	56	0,20	13	0,40
3.º	Uvacha, M. Silva	56	0,24	14	0,26
4.º	Mariu, J. Borja	56	0,38	23	0,67

Diferenças - 2 corpos e 1/2 corpo - Tempo - 99"1/5 - Venc. - (5) NCr\$ 0,30 - Dupla - (14) 0,26 - Placês - (4) 0,12 e (1) 0,12 - Movimento do páreo NCr\$ 23.988,00. URAJANA - P. T. 6 anos - Paraná - Fil. - Jazir e Paraján - Prop. - Stud Shangri-Lá - Treinador - C. Morgado - Criador - Dante Marchionni.

### 2.º páreo - 1.400m - Pista: GL - NCr\$ 1.000,00

1.º	Eslinga, D. Milanez, ap.	53	0,16	12	0,83
2.º	Strelka, J. Machado	55	0,83	13	0,96
3.º	Mia Morumbi, F. Meneses	57	—	14	0,41
4.º	Aripuana, A. Ricardo	57	0,29	23	0,67
5.º	Eslinga, L. Santos	56	0,45	24	0,26
6.º	Prevenida, J. B. Paulieio	52	0,45	33	2,79

Diferenças - 2 corpos e 1/2 corpo - Tempo - 87"3/5 - Venc. - (5) NCr\$ 0,18 - Dupla - (34) 0,33 - Placês - (5) 0,13 e (4) 0,23 - Movimento do páreo NCr\$ 32.880,00. ESILINGA - P. T. 6 anos - São Paulo - Fil. - Quiriquê e Sills - Prop. - Stud Sidi - Treinador - Sabbatino d'Amore - Criador - A. J. Peizoto de Castro Jr.

### 3.º páreo - 2.000m - Pista: GL - NCr\$ 1.440,00

1.º	Di, A. Machado	55	0,31	12	0,68
2.º	Dragão, L. Acuña	55	0,32	13	0,44
3.º	Feudo, J. Borja	55	0,25	14	0,28
4.º	Reale, L. Santos	55	0,38	22	3,94
5.º	Ragamuffin, J. Ramos	56	1,51	23	0,88
6.º	True Vamp, J. Portillo	54	0,68	24	0,57

Diferenças - 3 corpos e 1/2 corpo - Tempo - 123"3/5 - Venc. - (1) NCr\$ 0,31 - Dupla - (14) 0,26 - Placês - (1) 0,26 - Movimento do páreo NCr\$ 48.862,50. MOGADOR - M. C. 4 anos - São Paulo - Fil. - Pastid e Thoutcha - Prop. - Roger Guedon - Treinador - Gonçalves Feijó - Criador - Haras Jaberave.

0,16 e (7) 0,19 - Movimento do páreo NCr\$ 41.192,50. DI - M. C. 5 anos - Paraná - Fil. - Derna e Diamanta - Proprietário - L. A. R. - Treinador - Valdir Meireles - Criador - Luis G. A. Valente.

### 4.º páreo - 1.400m - Pista: GL - NCr\$ 1.000,00

1.º	Hal-Tuto, C. Tarouqueia, ap.	54	0,28	11	9,38
2.º	Platter, N. Lima	57	0,21	12	0,33
3.º	Pinheiral, S. Silva	56	1,53	13	0,78
4.º	Bomarc, J. Reis	57	0,36	14	1,79
5.º	Bulmain, A. Hodecker	54	0,76	22	1,07
6.º	Paralim, J. B. Paulieio	57	6,19	23	0,25
7.º	Talbacar, J. Santana	56	0,43	24	0,54
8.º	London Tower, H. Vasconcelos	58	2,05	33	0,43
9.º	Evano, A. Ramos	54	1,48	34	0,38

Não correram: Labeu, Payaso e Miroilcoln.  
Diferenças - 1 corpo e 2 corpos - Tempo - 86"2/5 - Venc. - (5) NCr\$ 0,28 - Dupla - (33) 0,43 - Placês - (6) 0,16 e (8) 0,18 - Movimento do páreo NCr\$ 49.822,50. HAL-TUTO - M. C. 6 anos - R. G. Sul - Fil. - Hakeyon e Chica Astuta - Prop. - Alberto Gaul - Treinador - Moisés Araújo - Criador - Haras Declino.

### 5.º páreo - 1.600m - Pista: GL - NCr\$ 2.000,00

1.º	San Quentin, F. Pereira Filho	56	1,75	12	1,12
2.º	Quickmatch, H. Vasconcelos	56	0,54	13	0,57
3.º	Haju, A. Santos	56	0,17	14	0,24
4.º	Lagrange, J. Santana	56	0,45	23	1,33
5.º	Camury, C. Morgado	56	0,35	24	0,48
6.º	Mifalab, A. Ramos	56	0,58	33	5,17

Diferenças - 2 corpos e vários corpos - Tempo - 97"1/5 - Venc. - (4) NCr\$ 1,75 - Dupla - (33) 5,17 - Placês - (4) 0,55 e (5) 0,31 - Movimento do páreo NCr\$ 46.250,50. SAN QUENTIN - M. C. 3 anos - Paraná - Fil. - Cyron e Revolução - Prop. - Stud Karin - Treinador - Nelson P. Gomes - Criador - Haras Belmont.

### 6.º páreo - 2.000m - Pista: GL - NCr\$ 1.600,00 (Sete de Setembro) (Handicap Especial)

1.º	Mogador, F. Pereira Filho	51	0,64	12	0,52
2.º	Nointot, M. Silva	53	0,62	13	0,39
3.º	Seymour, J. Portillo	54	0,27	14	0,28
4.º	Deado, J. Cordeiro	60	0,19	22	3,29
5.º	El Matrero, O. Cardoso	57	0,60	23	0,71
6.º	Mis, P. Lima	58	1,56	24	0,77
7.º	Es, A. Hodecker	53	1,50	33	1,46

Não correu Feudo.  
Diferenças - 1/2 corpo e 2 corpos - Tempo - 122"1/5 - Venc. - (6) NCr\$ 0,64 - Dupla - (33) 1,46 - Placês - (6) 0,24 e (5) 0,36 - Movimento do páreo NCr\$ 48.862,50. MOGADOR - M. C. 4 anos - São Paulo - Fil. - Pastid e Thoutcha - Prop. - Roger Guedon - Treinador - Gonçalves Feijó - Criador - Haras Jaberave.

### 7.º páreo - 1.300m - Pista: GL - NCr\$ 1.000,00

1.º	Royal Caparty, J. Queirós (ap)	48	0,51	12	0,83
2.º	Ararangua, J. Paulieio	52	0,54	13	0,47
3.º	Endeavor, A. Hodecker	57	0,42	14	0,54
4.º	Descarte, A. Santos	56	0,45	22	2,30
5.º	Imperador Ricardo, C. Morgado	58	2,11	23	0,37
6.º	Este, A. Ramos	52	0,23	24	0,45
7.º	Cerd, F. Maia	56	0,34	34	0,33

Não correram: Bigurillo, Lincoln e Lieutenat.  
Diferenças - 1 corpo e 1/2 corpo - Tempo - 78" - Venc. - (8) NCr\$ 0,51 - Dupla - (44) 0,69 - Placês - (9) 0,46 e (8) 0,37 - Movimento do páreo NCr\$ 52.429,50. ROYAL CAPARTY - M. C. 6 anos - São Paulo - Fil. - Royal Game e Kuty - Prop. - Stud Don Maurício - Treinador - Gilberto L. Ferreira - Criador - Haras Carvalho.

### 8.º páreo - 1.200m - Pista: AL - NCr\$ 1.000,00

1.º	It, J. Silva	54	1,65	11	1,88
2.º	Bojudo, S. Silva	58	0,53	12	0,46
3.º	Kimim, C. A. Sousa	53	1,06	13	0,73
4.º	Dragon Bleu, C. Diz. Roz. (ap)	48	3,38	14	0,88
5.º	Judez, J. Machado	53	0,52	22	0,62
6.º	Denver, L. Carlos (ap)	50	0,27	23	0,32
7.º	Argentin, J. Queirós (ap)	48	1,61	24	0,46
8.º	Surreito, O. F. Silva (ap)	50	2,63	33	1,08
9.º	Mosquetiero, M. Silva	53	2,86	34	0,62
10.º	Esquadrilha, D. Santos (ap)	48	3,42	44	1,67
11.º	Fiaze, J. Portillo	56	0,36	—	—
12.º	Tobaco Road, E. Marinho (ap)	48	9,98	—	—
13.º	Sonante, F. Per. F.	50	0,73	—	—

Não correram: Jilto e Pieno.  
Diferenças - 3/4 de corpo e 1/2 corpo - Tempo - 76"2/5 - Venc. - (2) NCr\$ 1,05 - Dupla - (11) 1,88 - Placês - (2) 0,72 e 0,43 - Movimento do páreo NCr\$ 51.902,50. - IT: M. A. 7 anos - São Paulo - Fil. - Voluntário e Appealing - Prop. - Stud Helu - Treinador: E. Coutinho - Criador: Haras Ipiranga.

### 9.º páreo - 1.200m - Pista: AL - NCr\$ 1.000,00

1.º	Uncle, P. Alves	58	0,47	11	1,80
2.º	Garota de Paris, C. Diz. Roz.	52	0,44	12	0,42
3.º	Miroilcoln, B. Santos	56	0,41	13	1,38
4.º	Estape, M. Carvalho	56	0,24	14	0,50
5.º	Good Charm, L. Carlos (ap)	52	1,51	22	0,56
6.º	Guarapema, C. Tarouqueia (ap)	49	0,66	23	0,81
7.º	Sapa, D. Milanez (ap)	51	1,42	24	0,27
8.º	Hal-Solista, D. Moreira	56	2,09	33	2,70
9.º	Gold Express, O. F. Silva (ap)	53	1,63	34	1,90
10.º	Yuki, F. Conceição	56	3,98	44	0,71
11.º	Odeto, D. Santos (ap)	52	8,48	—	—
12.º	Fingard, R. Penido	56	—	—	—

Não correu Motor.  
Diferenças - 1/2 corpo e 1 corpo - Tempo - 78"1/5 - Venc. - (3) NCr\$ 0,47 - Dupla - (12) 0,42 - Placês - (3) 0,31 e (1) 0,34 - Movimento do páreo NCr\$ 39.320,50. - UNCLE: M. C. 6 anos - R. G. Sul - Fil. - Denizette e Tipperary - Prop. - Stud Ousado - Treinador: Henrique de Sousa - Criador: Haras Boa Vista.  
Mov. das apostas - NCr\$ 386.615,90 - Concursos - NCr\$ 19.894,04 - Total: NCr\$ 406.509,94.

## Ponto-de-Vista

### Borla está afiada

Borla em preparativos para correr o Grande Prêmio Henrique Possolo, passou a distância de 1.600m em 102" 2/5 com rara facilidade junto à cerca externa e sem que J. Machado tivesse qualquer participação para conseguir esta excelente marca.

Obsession se adaptando muito bem a distância longa, agora tem 106" para a milha, fazendo o percurso bem aberto e sem que mostrasse no final qualquer esforço maior para conseguir esta marca bastante sugestiva. O jôquei P. Coelho nunca usou do chicote para alertá-la.

### Armado

Armada (J. Queirós) casualmente encontrou-se com um companheiro pelo caminho e não lhe foi difícil dominá-lo, ao trazer 77" para os 1.200m. Diorling (J. Gil) chegou bem melhor que a sua companheira Munhão (J. Reis) em 88" os 1.300 metros. Ferônia (A. Santos) vindo de mais distância, finalizou o quilômetro em 67" 2/5, com algumas reservas.

### Obsession

Obsession (P. Coelho) com grande facilidade, trouxe 106" para a milha e Akron (P. Alves) os 1.200m em 81" 3/5, com algumas reservas.

Obsession que deixou muito boa impressão na sua última apresentação será um dos melhores nomes para esta reunião.

### Dom Reimba

Dom Reimba (J. Borja) os 1.300m em 80" 4/5, com grande facilidade. Timeu (J. B. Paulieio) para os 1.400m trouxe 99", de carreirão.

### Borla

Elmira (F. Pereira F.) vindo um pouco mais largo da milha, completou os 1.500m em 98" 2/5, com alguma facilidade e sempre um pouco afastada da cerca e Haé (A. Santos) a milha em 105", pelo mesmo caminho e não sendo obrigada em parte alguma do percurso. Upa Neguinha (J. Borja) aumentou para 107" 2/5, vindo a princípio muito contrariado, para somente correr nos últimos oitocentos quando arrematou com boa disposição. Gauchinha Linda (O. Cardoso) melhorou para 106", com algumas reservas e Bebel (D. Moreira) aumentou para 109", sem qualquer preocupação de trazer melhor marca. Randana (M. Silva) vindo de mais distância, assinalou para os últimos 1.500m o tempo de 100", com seu piloto muito sereno e sempre pelo caminho mais longo. Amoreira (J. Brizola) levou a pior para Araneé (J. Reis) em 108" a milha. Borla (J. Machado) realizou um dos melhores floreios da manhã de segunda-feira, ao registrar nos cronômetros excelente marca de 102" 2/5 a milha, chegando muito junta com a companheira Vivandière (S. M. Cruz) que a aguardava nos últimos 1.200m. Oscina (A. Machado) aumentou para 108", partindo muito apressada para arrematar quase que em câmara lenta. Quedulce (A. Ricardo) muito bem controlada, igualou. Igaruana (L. Santos) para a mesma distância, também trouxe o mesmo tempo, somente que esta vinha juntinha à cerca externa.

### Argúcio

Galopade (lad.) os 1.200m em 80", muito à vontade. Serela (lad.) chegou muito junto de Gurandi (J. Queirós) em 99" os 1.500m. Iná (J. Reis) agradeceu muito esta sua passada de 95" os 1.400m, pois vinha pelo centro da pista. Gateza (J. Pinto) os 1.200m em 80", com algumas reservas e Argúcio (P. Coelho) os 1.300m em 87", a meio correr e sempre pelo caminho um pouco mais longe.

### Happy Jack

Happy Jack (F. Maia) procurando à cerca externa, com alguma facilidade, assinalou para os 1.500 o tempo de 99". Scapino (D. P. Silva) aumentou para 101" chegando agarrado com um companheiro que encontrou pelo caminho. San Isidro (J. B. Paulieio) os 1.400m em 95" 2/5, com sobras. Rei David (F. Pereira F.) vindo de mais distância, terminou os 1.300m em 85" 2/5, deixando muito boa impressão e Leirita (O. Cardoso) os 1.500m em 101" com sobras, Assuan (J. Queirós) os 1.500 metros em 99", agradando muito e Faulkner (J. Reis) os 1.300 em 85", com sobras.

### Hanover

Hanover (O. F. Silva) os 1.300m em 87" 2/5, agradando muito e sempre pelo centro da pista e Feito de Oração (S. M. Cruz) os 1.400m em 95", muito à vontade. Abismado (lad.) deu um carreirão de 110" 2/5 a milha. Gerila (R. Carmo) aumentou para 112", suavemente e Dr. Didi (J. Borja) trouxe um floreio na grama de 82" 2/5 os 1.300m, com algumas reservas.

### Toscano

Pilhada (A. Ricardo) deu um passeio de 84" os 1.200m. Toscana (R. Carmo) melhorou para 81" 2/5, com algumas reservas e Talonnière (O. Cardoso) aumentou para 82", com algumas sobras.

## INDIGO TEM CATEGORIA E RAPIDEZ PARA VENCER

Indigo que vem se firmando com excelentes atuações nas derradeiras apresentações, retorna amanhã, no quinto páreo, em 1.200 metros, com dotação de NCr\$ 2 mil, como cabeça de chave e um dos competidores mais credenciados a vitória, com José Machado no dorso. Reverso, Britânico, Esquilo e Uruguai, devem influir no desfecho da competição, disputando a tarefa do favorito.

1.º	Indigo	55	0,31	12	0,68
2.º	Reverso	55	0,32	13	0,44
3.º	Britânico	55	0,25	14	0,28
4.º	Esquilo	55	0,38	22	3,94
5.º	Uruguai	56	1,51	23	0,88
6.º	True Vamp	54	0,68	24	0,57

1.º PAREO - As 14h.05 - 1.200 metros NCr\$ 2.000,00 - PROFESSOR MONTIZ DE ARAGÃO

1.º	Indigo	55	0,31	12	0,68
2.º	Reverso	55	0,32	13	0,44
3.º	Britânico	55	0,25	14	0,28
4.º	Esquilo	55	0,38	22	3,94
5.º	Uruguai	56	1,51	23	0,88
6.º	True Vamp	54	0,68	24	0,57

1.º PAREO - As 14h.05 - 1.200 metros NCr\$ 2.000,00 - PROFESSOR MONTIZ DE ARAGÃO

1.º	Indigo	55	0,31	12	0,68
2.º	Reverso	55	0,32	13	0,44
3.º	Britânico	55	0,25	14	0,28
4.º	Esquilo	55	0,38	22	3,94
5.º	Uruguai	56	1,51	23	0,88
6.º	True Vamp	54	0,68	24	0,57

1.º PAREO - As 14h.05 - 1.200 metros NCr\$ 2.000,00 - PROFESSOR MONTIZ DE ARAGÃO

1.º	Indigo	55	0,31	12	0,68
2.º	Reverso	55	0,32	13	0,44
3.º	Britânico	55	0,25	14	0,28
4.º	Esquilo	55	0,38	22	3,94
5.º	Uruguai	56	1,51	23	0,88
6.º	True Vamp	54	0,68	24	0,57

1.º PAREO - As 14h.05 - 1.200 metros NCr\$ 2.000,00 - PROFESSOR MONTIZ DE ARAGÃO

1.º	Indigo	55	0,31	12	0,68
2.º	Reverso	55	0,32	13	0,44
3.º	Britânico	55	0,25	14	0,28
4.º	Esquilo	55	0,38	22	3,94
5.º	Uruguai	56	1,51	23	0,88
6.º	True Vamp	54	0,68	24	0,57

1.º PAREO - As 14h.05 - 1.200 metros NCr\$ 2.000,00 - PROFESSOR MONTIZ DE ARAGÃO

1.º	Indigo	55	0,31	12	0,68
2.º	Reverso	55	0,32	13	0,44
3.º	Britânico	55	0,25	14	0,28
4.º	Esquilo	55	0,38	22	3,94
5.º	Uruguai	56	1,51	23	0,88
6.º	True Vamp	54	0,68	24	0,57

1.º PAREO - As 14h.05 - 1.200 metros NCr\$ 2.000,00 - PROFESSOR MONTIZ DE ARAGÃO

1.º	Indigo	55	0,31	12	0,68
2.º	Reverso	55	0,		



# Bola caprichosa ajudou Botafogo para azar do Flu



Roberto chutou entre Jardel e Márcio para fazer o gol único do Botafogo



Aírton e Altair disputam bola alta em ritmo de bolé



Manga atrapalhou-se com Leônidas e acabou deixando a bola escapar de suas mãos



Suíngue destacou-se no jogo recebendo severa marcação da defesa adversária



Camilo aproveitou o rebote do goleiro e chutou contra o travessão, para alívio de Moreira e Leônidas



Roberto perde a bola no mergulho de Altair, que voltou para tranquilizar a defesa tricolor



Gerson vai para a esquerda, e Suíngue, com a bola, sai pela direita



Arte I  
Arte II  
Correspondência  
Física  
Imprensa  
Juventude  
Livros  
Medicina  
Mulher  
Música  
Psiquiatria  
Progresso:

Arte I

## A fala de Gerchman

Conforme prometera na inauguração de sua mostra na Galeria Relêvo, Rubens Gerchman concede a CULTURA JS uma entrevista sobre os rumos mais recentes de sua produção artística. Artista jovem mas de bastante prestígio, Gerchman está de partida para a Europa em gozo do prêmio de viagem do Salão Moderno.

— Por que você sentiu necessidade de viajar?

— As vezes a melhor solução é distanciar-se para pôr as coisas em ordem. Fora do Brasil, talvez se consiga fazer mais e ver melhor o que é este País, do que aqui. Há uma estagnação terrível. A gente se sente oprimido. Depois, tem o lado de se querer ser reconhecido. Aqui, muito embora se seja badalado, nem sempre a gente se sente compreendido. Ninguém presta muita atenção às coisas. Sem falar no aspecto de sobrevivência. Não se compra coisa alguma. Esta é a primeira exposição, em cinco anos, em que vendo um bom número de trabalhos. Mas estou cansado de levar uma vida dupla e até tripla fazendo publicidade, paginação, capa de livro para poder me manter e para poder financiar meu trabalho. Claro que esta dificuldade não seria motivo para se deixar de pintar e ninguém deixou de pintar por causa disto. Mas também é evidente que é mu-

# CULTURA JS

to melhor se dedicar inteiramente ao trabalho; não há nada que prejudique mais a criação que esta situação que nos é imposta. Por outro lado, talvez haja um pouco de vaidade. A gente gostaria de ser reconhecido lá fora. Dá uma grande satisfação sentir-se compreendido por gente que não fala a sua língua, que não viveu exatamente os mesmos condicionamentos. Eu próprio me achava muito particular no trabalho que fazia. Acreditava mesmo que certas coisas só poderiam ser entendidas por um brasileiro ou mesmo um carioca. Mas

vieram umas mãos inglesas aqui e entenderam absolutamente tudo, o que me deixou muito contente. A possibilidade de poder expandir o campo de comunicação é outro estímulo para a viagem.

— Quais são as tendências atuais de seu trabalho?

— Não consigo mais fugir a uma visão intimista mas muito particular das coisas. Sinto que a visão do artista é cada vez mais particular, mais fragmentada. Antigamente eu tinha uma certa ingenuidade através da qual conseguia ter uma visão global

das coisas. Hoje apreendo a realidade de uma maneira particular mas múltipla ao mesmo tempo. Há muito tempo que não me preocupa em nada a questão de saber se o que faço é "arte" ou não. Acho que o trabalho, a obra, tem a ver diretamente com o homem. Temos de procurar fazer alguma coisa para o homem, para que através dessa coisa ele tenha um contato mais direto com a realidade. Nesse sentido, meu trabalho é cada vez mais ambiental. Entrando-se em um "ambiente", tem-se um contato muito mais íntimo com a obra do que se se estivesse apenas diante de um trabalho. Nisso tudo há uma contradição penosa, que faz com que a elaboração tenha para mim muito de sofrimento. É que desejo fazer uma coisa que seja clara evidente para os outros, mas que corresponda a uma idéia ou imagem íntima minha. Ora, como vou saber se o mundo interno dos outros corresponde ao meu? Ninguém é obrigado a se preocupar com as mesmas coisas. No fundo, talvez seja como se o artista visse as coisas através de uma viseira. Tem sobre a realidade uma visão particular, a partir de um ângulo limitado. Só se vê pedaços do todo, de cada vez.

Mas nisto, procura ser de uma clareza total, direta, para que o espectador pense o mais possível como estou pensando. Não quero deixar-lhe muita opção. Há várias maneiras de abordar uma mesma idéia, mas o artista pode oferecer uma, determinada. Minha tendência é conciliar o aspecto panfletário do trabalho com um outro, mais poético e mais denso. E, afinal, a pintura é a única maneira que a pintura tem para chegar aos outros, transmitindo sua visão do Mundo.

— Que é a pintura?

— É, hoje, cada vez mais, a transmissão de uma idéia. Tudo o que se faz hoje é comunicar idéias. O que há de individual na pintura agora se resume na cor. Na cor ainda há total liberdade de escolha. Aqui está o pintor. As cores são honitas, a cor é expressão não-intelectual. É lúdica, infantil, sensual. Em alguns casos a cor é informação: pode tornar as coisas muito mais claras.

— Como é seu envio para a Bienal de São Paulo?

— É um grande trabalho de "ambiente", desenvolvido sobre o tema "A Cidade". Começa com um banco de namorados, diante de um fotógrafo lambe-lambe. Em seguida, vem o "Altar", no qual o indivíduo se vê fragmentado mil vezes, através de espelhos laterais. Depois do Altar, vem as Novas Coisas de Morar, com sua total impessoalidade. A Cidade vem em quarto lugar. As ruas são representadas por riscos de 80cm de largura. Cogumelos plásticos com estrutura de vime estão sobre o piso. Servem de abrigo para o casal, que entra dentro deles e vê tudo através de uma viseira. (O casal, para mim, é uma das poucas coisas que ainda se salvam na vida. A maior comunicação que se consegue hoje é no casal).

Neste sentido, a Caixa do Homem só outro tema constante, é uma denúncia. Na Bienal só tem 4 desses cogumelos, mas são multiplicáveis por 100, ao levantar-se para andar, o casal que está dentro deles, só revela a quem está de fora as suas pernas. O ângulo de visão da viseira pode ser modificada — mas ele só revela a verdade parcelada, uma zona de cada vez. Depois de percorrer o projeto da cidade, o espectador encontra um cartaz com dizeres do estilo: "A cidade é sua! Aproveite-a como quiser!" Essa idéia, a meu ver, tem alguma coisa a ver com as roupas de Lygia Clark. Explicar um trabalho? Todo trabalho tem um certo elemento de mistério — há certas coisas que ficam inexplicadas. Saber por que se escolheu tal cor em vez de outra por que se distribuiu assim os volumes por que se escolheu tais elementos para comunicar uma certa idéia e não outros. Esta parte, portanto, não pode ser explicada. Quanto ao mais, toda explicação é redundante. Deve-se ser o mais claro possível no trabalho: é ali que se está dizendo a coisa. O trabalho tem de ter um certo impacto inicial, momento em que comunica a seu conteúdo de uma só vez. Depois é que vem a elaboração e o enriquecimento.

— Quais são os artistas brasileiros que você considera mais vinculados com a nossa realidade?

— Acho que existem diversos artistas muito brasileiros com características de violência e vitalidade

(\*) Consulte a Secretaria de Economia e seus órgãos COPEG e COCEA sobre como o Estado pode amparar a indústria, o comércio, as atividades rurais e o desenvolvimento cultural da Guanabara.

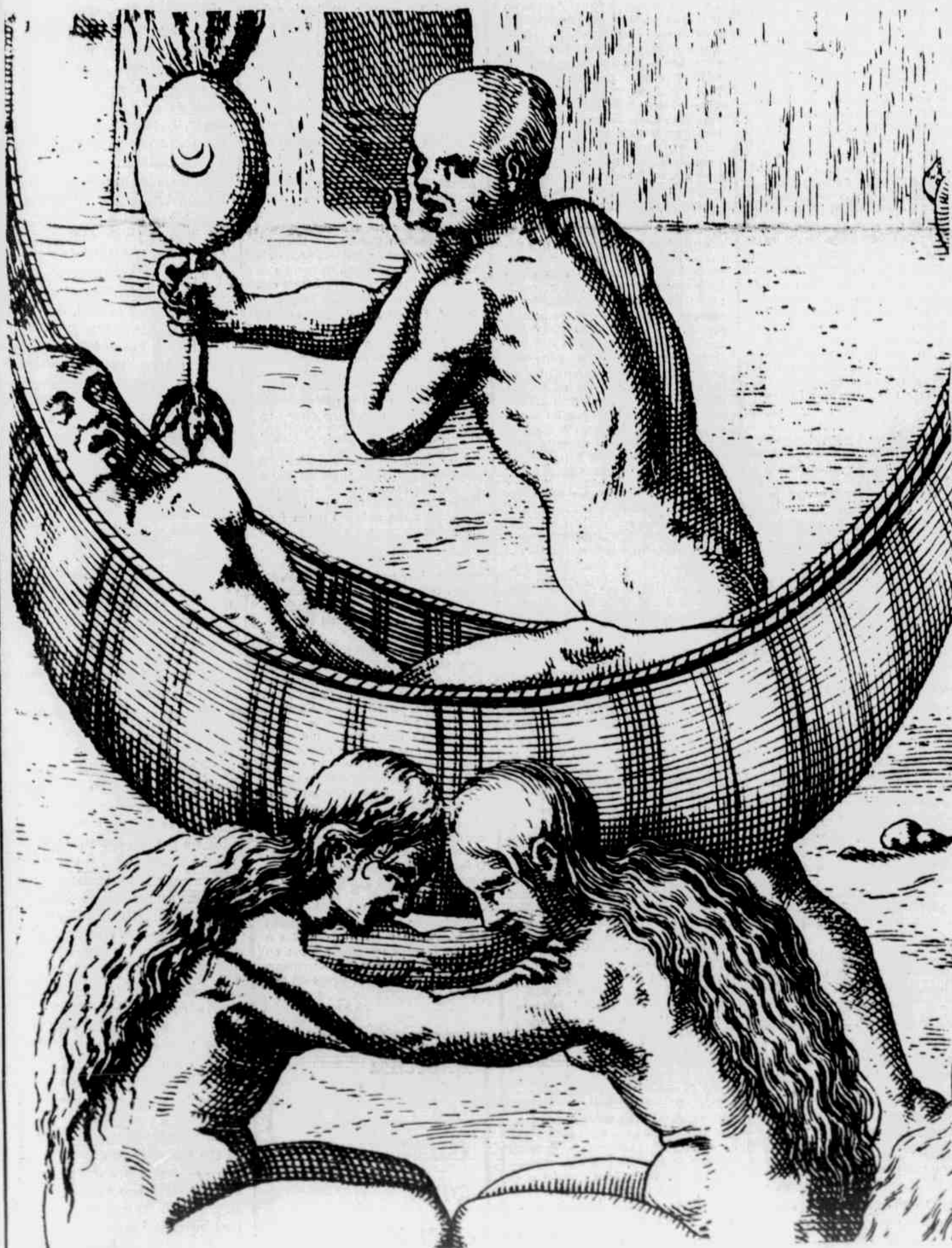


Ilustração da primeira edição do livro de Hans Staden, 1549



que só o Brasil poderia dar. Antônio Dias, por exemplo, só poderia ter saído daqui. Hélio Oiticica é outro, com uma experiência da maior importância. Lygia Clark, descobridora de um caminho totalmente seu. Amílcar de Castro e sua luta contra o material, todos esses são muito típicos do nosso País e da nossa realidade. A criação desses artistas deve ser preservada, contra todas as ameaças. E uma das maiores ameaças é a da solidão de que sofre o artista brasileiro.

## Arte II

# E a fala de Shiro

Nascido no Japão há uns trinta e poucos anos, Flávio Shiro (ex-Tanaka) veio para o Brasil aos três anos de idade. Ficou até os 10 anos no Amazonas e veio para o Sul — São Paulo e depois Rio, onde completou sua formação. Aos vinte anos de idade, mudou-se para Paris. Não foi para ficar, mas acabou casando (com uma brasileira de origem rumena, Beatriz) e ficando. Seu pai, formado em Belas Artes no Japão, teve de adotar outra profissão — a de dentista — para emigrar para o que se chamava em sua terra de O Paraíso Verde. — “Era uma colônia de camponeses, que moravam muito distante uns dos outros. Apesar de haver mais gente lá em casa, por ser meu pai dentista, quase não se via ninguém. Eramos do Norte, do Japão, de uma terra onde a neve atinge 4 metros de altura; de lá, só recordo do branco. Do Amazonas, me lembro de toda aquela vivência intensa dos detalhes, da terra, das folhas, dos bichos. Passei minha infância muito perto da natureza, caçando, pescando. Foi uma experiência brutal mas única, da qual sinto muita nostalgia. As impressões mais marcantes, os queimados e as formas gigantes cas de nuvens baixas, através das quais visualizava o mundo exterior. Na minha pintura sempre aparecem estas formas fluídas sem pé no chão.”

Aos 18 anos veio para o Rio. Começou a pintar meio escondido, anos antes, num cômodo pequeno da lado da cozinha, que trazia cuidadosamente trancado. Um dia descobriu que os seus trabalhos tinham sido vistos: revoltado, queimou-os.

Lera num jornal anúncio do pintor Kominagai pedindo um ajudante de moldureiro para a sua fábrica num velho casarão de Santa Teresa. Lá (ainda era Flávio Shiro Tanaka, só tendo deixado cair o Tanaka em Paris, onde havia diversos pintores japoneses com o mesmo nome), trabalhava arduamente fazendo molduras o dia inteiro e pintando de noite.

— “Aprendi todo o “metier” do bom moldureiro. Professor de pintura, não tive, propriamente, e como quase todo pintor brasileiro me considero um autodidata. Os começos como pintor eram bem mais difíceis naquele tempo. Hoje, vejo uma porção de gente jovem que antes mesmo de trabalhar já está vencendo. Eu me pergunto se isto será bom. Os jovens pintores era muito unido. Não havia o vedetismo de hoje. Como todos se sentiam iguais, a participação coletiva era bem grande. E só se fazia mesmo no início as coisas por amor. Não havendo interesse de galerias, o desenvolvimento da pintura era mais livre.” Participou de diversas coletivas, salões e bienais, tendo ganhado uma medalha de bronze no Salão Moderno.

— “Pancetti era do juri. Me lembra que nunca recebi a medalha: era só simbólica, pelo visto. A primeira individual foi no porão da Escola de Arquitetura, na Rua Araújo Porto Alegre. Estava com um medo pavoroso. Dois anos depois, expus em São Paulo. Os amigos compraram quadros e me ajudaram; pude, assim, viajar para Paris.”

Hoje, ele continua com o mesmo aspecto jovem que tinha há quase 14 anos atrás, quando partiu, mas seu português está meio arrezado — sotaque japonês, palavras francesas entremeadas a conversa. “Não fui para ficar, lá passar um ou dois anos. No primeiro, visitei todos os museus; depois, andei fazendo cópias no Louvre (com Mário Carneiro) de Rubens, Mantegna e de mestres da Escola de Siena. Com isto, ganhei um certo domínio da técnica. Em seguida, estudei gravura e mosaico e ainda outras técnicas. Só depois é que comecei a pintar.”

“Minha primeira exposição individual foi numa pequena galeria de vanguarda da Rue du Four, que lançou a revista “Cimaise” com Ragon e Restany, dois dos atuais “papas” do movimento artístico em Paris. Consegui mostrar meus quadros ao diretor da galeria através de um meu amigo, o pintor Sugai; o diretor gostou e ainda me deu umas copas de “Cimaise” para realizar. Liguei-me depois a outra galeria a Legendre, que trabalhava com Sugai, Corneille etc. Mas não fiquei muito tempo ligada a galerias. As galerias sempre impõem uma certa ênfase nas tendências com mais saída no mercado; nesta época, o abstracionismo estava em moda e como eu começava a sair do tipo do abstracionismo muito rico, muito cheio de matéria, que fazia antes, para uma pintura mais expressionista, mais violenta, tive de enfrentar certas resistências. Logo depois, há uns três anos, veio a crise, que dura até hoje, deixando as galerias em suspensão. As duas galerias mais ativas em Paris, são a meu ver a “Mathias Fels” e a “Blumentau”, que estão na onda do Pop. Mas ainda há muita gente que não acredita no Pop; por outro lado, tendências como a Visual, ou Op, ou a que queiram, que tinham ficado guardados numa única galeria, a Denise René, passaram a conhecer nova voga. O surrealismo passa no momento por um certo “retour”.

Assim, diversas tendências coexistem, sem que uma verdadeiramente predomine sobre a outra. O que caiu mesmo foi o informal. As pessoas que acreditam em si mesmas fazem o que querem, sem ligar para as modas, sabendo que o que é de qualidade vale por si. Conversando e ouvindo este homem tímido de gestos suaves, não se está preparado para o encontro com a sua pintura, de uma notável violência.

“Não sei se há contradição entre a aparente suavidade e a violência da pintura. Aliás, nunca procuro me analisar. Como que provoca o quadro, que se realiza como uma espécie de “momento”. Nunca trabalho a frio, mas sempre sob o impacto de uma emoção. Não me interessa o figurativo pelo figurativo, pois sinto necessidade de metamorfosear as formas para criar uma comunicação quase simbólica. A pintura é como que um desvendar-se. É uma elaboração do subconsciente, que se comunica ao outro na medida em que este também possui um subconsciente que se assemelha ao do pintor. As sensibilidade reagem à época: eu não pintaria o que pinto se fosse há 50 anos atrás. A pintura reflete a realidade histórica. Por exemplo: se vejo um jornal falando da guerra do Vietnã e me sinto emocionado, ao tentar exprimir o que sinto, preciso de uma tela grande, de um espaço grande. Minha pintura tem muito a ver com o tema da guerra — há pessoas que vêem batalhas em todos os meus quadros. Mas não procuro exprimir ou narrar um momento da guerra no sentido figurado e sim a realidade no conflito. A pintura, para mim, é uma linguagem viva, atuante. A tinta, o óleo e a tela são a técnica mais simples do mundo; sem se ter de recorrer a outros elementos mais complexos pode-se dizer tudo. Não que isto seja fácil.”

Fala-se um pouco mais e de repente surge a pergunta inevitável: “E que mania é essa de todo pintor brasileiro querer emigrar para Paris?” Ele ri e diz que não sabe.

— “Talvez o meio aqui ainda seja muito restrito para o artista de vanguarda. Do ponto de vista prático, é impossível viver só da pintura. Muito poucos a conseguem. Os outros, ou bem precisam trabalhar em outra coisa, o que prejudica a criação, ou bem têm de fazer “jolie peinture”, o que a aniquila. Na França, se se consegue chegar até ao público, a situação é bem outra. Há também muito mais intercâmbio e estímulo cultural. Quanto a mim, cada dois anos sinto necessidade de voltar para o Brasil, assim para uma recarga emocional. Até hoje ainda não visitei o Japão, porque na hora de resolver viajar, volto para cá.”

Então, pergunta-se, se o que faz o pintor brasileiro viajar e o não poder viver de sua arte no Brasil, qual seria a solução a ser dada para que ele pudesse ficar?

— “A melhor solução para o artista plástico que conheço é a dada pelos iugoslavos. Como se sabe, a Polónia e a Iugoslávia são os dois únicos países do campo socialista de onde sai uma boa pintura de vanguarda. Na Iugoslávia, os artistas trabalham dois, três meses por ano em projetos encomendados pelo Governo — reprodução de afrescos, restauração, ensino das diversas técnicas de pintura, gravura, escultura etc. O que recebem por este trabalho dá para mantê-los confortavelmente durante um ano, trabalhando no que querem e sem precisar vender, mas podendo fazê-lo, na medida em que o desejam.”

## Correspondência

# Situação crítica da crítica

F.A.G. — “Não sei se aprova ou condena o “CULTURA—JS” no que se refere à coluna de crítica literária não assinada mantida por esse suplemento. A verdade é que não existe mais crítica literária neste País. Os livros são editados, vendidos ou não, surgem e desaparecem, sem que se forme um juízo a respeito deles. Apenas os colunas literárias informam que o livro saiu, a editora publica (ou não) um anúncio e o resto fica por conta do acaso. Vocês, pelo menos, escrevem sobre os livros, mas falta o “crítico” — o homem que desempenhe o papel que desempenhou por exemplo um Tristão de Athaide — capaz de ajudar o leitor a formar opinião sobre as obras e orientar a própria leitura. Que acham os senhores? Não poderia o “CULTURA—JS” criar uma coluna crítica assinada?”

O senhor tem razão. A crítica literária desapareceu. Aliás, quem mais sente isso é o próprio escritor, o romancista, o poeta. O livro é publicado e o autor fica sem saber se atingiu o objetivo que se propôs. Mesmo que o livro venda, isso não é o bastante. Quem escreve um romance está buscando o diálogo, quer saber se sua mensagem foi entendida, como foi entendida, que faltou para torná-la mais clara ou mais profunda. No entanto, dada a generalidade do fato — praticamente nenhum jornal brasileiro mantém o rodapé de crítica —, devemos encarar-lo como fenômeno mais profundo, até certo ponto “necessário” à realidade cultural brasileira. Não dizemos que se trate de fenômeno positivo mas determinado por razões objetivas. De nossa parte, procuramos comentar os livros saídos e com isso orientar o leitor para a leitura de bons livros. Não dá para fazermos, dados os caracteres de nosso suplemento, o exame profundo de cada livro nem mesmo para comentarmos todos os livros importantes que aparecem hoje no Brasil. A sugestão de criarmos, aqui, uma coluna assinada por um crítico será discutida com a equipe que dirige o suplemento.

J.K.K. — São Paulo — Sua carta chegou atrasada. Os poemas que nos enviou pertencem àquele tipo de trabalho bem intencionado mas ainda longe de atingir o alvo. Você precisa ler os bons poetas, estudá-los e, sobretudo, não ter pressa em fazer o poema. Pela quantidade de versos que nos mandou, todos de data recente, concluímos que o senhor não amadurece o poema. Quer se ver livre dête. Assim, você se relaxa, escapa à emoção, mas faz poesia. Para conseguir realizá-la é preciso ter a coragem de conviver com a emoção, descer nela, trabalhar dentro daquela “serenidade crispada” de que falou René Char.

U.T.O.L. — O texto que nos mandou sobre “Literatura e Psicanálise” é muito confuso e, naquilo que deu para entender, não acrescenta nada aos inúmeros trabalhos existentes sobre o tema.

R. R. — Niterói — “Mande uma carta para essa seção e até hoje espero a resposta. Junto com a carta, enviei algumas crônicas publicadas num jornal de Petrópolis.” Sua carta não chegou. Mas para que nos enviou “crônicas publicadas num jornal de Petrópolis?”

H.J.L. — GB — “Li o romance de James Joyce — “Ulisses” — em tradução de Antônio Houaiss e confesso que não entendi muito bem as coisas. Foi mesmo penoso chegar ao fim do volume. Mas cheguei, porque não consigo deixar um livro no meio. Poderiam os senhores me indicar um trabalho qualquer a respeito do “Ulisses” ou de Joyce, que me ajude a penetrar naquela labirinto?”

A leitura do “Ulisses” é realmente difícil, em parte devido à técnica narrativa de Joyce que adota um processo de montagem de fatos presentes e passados, de fenômenos objetivos e atuais com pensamentos e lembranças. Mas, uma vez compreendido isso, esse tipo de dificuldade é superado. Restam as outras e entre elas o próprio sentido do livro e os vários temas abordados simultaneamente por Joyce. Leia o ensaio de Umberto Eco sobre a obra de Joyce no livro “Opera Aperta” ou “L’Oeuvre Ouverte”, na tradução francesa. Não há versão brasileira do livro.

H.D. Carneiro — Belo Horizonte — “Tenho lido regularmente o suplemento CULTURA de vocês aí. É pena que não chegue aqui para ser vendido nas bancas junto com o jornal. Recebemos, aqui na Redação, alguns exemplares. Tenho feito a maior publicidade do mesmo. Mas isto tem me trazido algumas preocupações. As pessoas com quem falei vivem me procurando para fornecimento. Mas a quantidade nunca dá para satisfazê-los. Por que não vem ele regular-

mente acompanhando o jornal, como o 2.º Tempo e o Cartum?”

Disse sobre nossa afinidade artística e aproveito a deixa para lhe enviar um exemplar de nosso ESTÓRIA—4. É uma publicação que fazemos, sempre que se pode, aqui entre nós que sofremos esse terrível mal de querer escrever. São duas as publicações: O TEXTO e a acima citada. Já mereceram até citação do “ilustre colega” o historiador Nelson Werneck Sodré, como “a única coisa importante que no ramo se publica no Brasil”.

Carneiro, colega do JS em Belo Horizonte, publica uma revista de contos. Coisa realmente rara e elogável neste Brasil. ESTÓRIA—4, trimestral, publica em seu último número contos dos novos Josadoc Matos, Sérgio Sant’Anna, Lucienne Samor, Sérgio Danilo, Luiz Vilela, Del Piétrro Luigi Antonio, Luís Gonzaga Vieira — é a nova leva mineira. Parabéns. Que essa não seja outra revista passageira.

Quanto ao CULTURA, já providenciamos para que chegue para quem quer.

## Física

# Primeiro faça-se a luz

Não sabemos o suficiente a respeito da luz, segundo o Sr. Arthur Tarrant, professor da Universidade de Surrey, na Inglaterra.

O Prof. Tarrant vem estudando a distribuição da energia da luz do dia, desde a ultravioleta até a infravermelha, do alto de um prédio localizado perto da Ponte de Putney, em Londres, e num ponto campestre perto de Saffron Walden, em Essex, também na Inglaterra.

Está interessado em verificar os padrões internacionais da energia da luz do dia, usados para coisas como combinação de cores e cálculo do efeito de áreas de vidro de prédios sobre as condições do interior destes. Os padrões internacionais existentes baseiam-se em trabalho norte-americano, canadense e britânico para obter a distribuição média da energia da luz do dia.

O Prof. Tarrant tem observado todo o espectro de frequência de 3.000 a 8.000 angstroms a intervalos de dez unidades — intervalos muito menores do que os usados antes. Diz que, segundo os resultados obtidos, parece que os padrões não são inteiramente precisos, especialmente no campo ultravioleta.

Em Londres e em Essex a técnica usada é a mesma. Luz vinda do céu é introduzida num monocromador, que isola uma estreita faixa de frequências. Estas são dirigidas a um fotomultiplicador e sua potência registrada.

Para se obter um sinal de referência usa-se outro monocromador, apontado para o mesmo lugar, mas voltado para o meio do espectro.

Os dois instrumentos apontam para uma fôlha de “Vitalite” branca, colocada a 45 graus, no sentido vertical e voltada para o Norte ou para o Sul. O primeiro monocromador explora uniformemente as frequências e a cada intervalo de dez angstroms é posta uma marca na curva feita pelo registrador. Todas as informações sobre a distribuição da energia são calculadas por computador.

É um trabalho lento. Tem levado anos. Mas os resultados poderão trazer alterações aos padrões aceitos. O Prof. Tarrant tem outras idéias em vista. Por exemplo: quer fazer um exame mais detido da extremidade vermelha do espectro. A razão é a de que algumas substâncias existentes em plantas e que são necessárias à vida se formam em reação à luz na faixa de 6.900 a 7.300 angstroms — o tipo de luz que temos ao pôr do sol.

## Imprensa

# Estrutura sem centro

No Suplemento Literário de “O Estado de São Paulo”, o Sr. Temístocles Linhares, numa conversa forçada, discute com um contradiutor hipotético, a questão da decadência da Europa (?), mas encontra na existência do estruturalismo o argumento que lhe parece suficiente para provar a juventude do Velho Mundo.

Deixando de lado o pretexto descabido de que se vale o Sr. TL para falar do estruturalismo, vejamos o que diz a respeito do tema. Acredita que “já há um tom, uma maneira estruturalista”, que no entanto nada tem a ver com o dogmatismo estruturalista, segundo o qual a nova escola seria “sincronica” — portanto, fora da história — em contraposição à dialética que é “diacrônica”, isto é, mergulhada na história. Lévi-Strauss rejeita essa distinção.

Para Lévi-Strauss, segundo TL, o tema dominante é o das relações entre a natureza e a cultura. A proibição do incesto assinalou o nascimento da cultura. A sexualidade deixou de ser puramente física para se tornar mais humana. Assim, uma ordem estabelecida para regular, não só as relações sexuais, mas todas as relações. A cultura, afinal, é antes de tudo regulamentação social. E as mitologias revelam, no estágio mais simples, um pensamento selvagem análogo ao pensamento “domesticado” de nossa civilização. O mito não é pré-lógico. Apenas utiliza conceitos mais concretos. É uma linguagem que classifica e explica.

Afirma em seguida TL que, em seu último livro, “Du miel aux cendres”, Lévi-Strauss faz um estudo dos mitos em que predomina a autonomia do mel e do tabaco, para pôr o problema do que chama “les entours du repas”. Enquanto o mel pode simbolizar a perigosa sedução da natureza, o fumo conduz a uma verdadeira super-natureza, de modo que, assim, os dois produtos criam o desequilíbrio dinâmico: o mel correspondendo a uma “descida” para a natureza e o fumo a uma “subida” para o sobrenatural. O fumo, portanto, a refazer o que o mel desfaz. Sem o fumo, tendido para o sobrenatural, a cultura ficaria reduzida a si mesma, correndo o risco de flutuar indecisa de um lado para outro da natureza.

No entender de TL, a polêmica entre existencialismo e estruturalismo tem bem demarcadas as áreas em que atuam um e outro. Do lado do segundo, a palavra estrutura designa exatamente a incidência da linguagem como tal no campo fenomenal agrupado sob a rubrica da analisável, no sentido analítico. Assim, para Lacan, quando se diz “estruturado como uma linguagem” não se faz outra coisa senão cometer um pleonasmo. Ao lado das estruturas, ainda temos os códigos, a presença do inconsciente, os sistemas. Segundo o filósofo Michel Foucault — diz TL — atualmente só é possível pensar no vazio da homem. Do homem que já fomos, que não somos mais. Esse vazio, todavia, não cava nenhuma ausência, nem prescreve nenhuma lacuna a preencher. Ele não é mais que a abertura de um espaço em que, finalmente, se torna viável pensar de novo. O que se lhe afigura impossível é aceitar a suficiência dos antigos métodos de formação, aos quais seria necessário acrescentar outros capítulos.

Mas não se veja nisso — afirma TL — nenhum a-humanismo, mas apenas a desvalorização do humanismo tradicional. O estruturalismo mostra que o homem deixou de ser a medida de todas as coisas, e assim as relações sociais não são mais interpretadas a partir desse centro ou da multiplicação de centros: elas agora não exprimem mais que a estrutura das diferentes práticas sociais, das quais o indivíduo é apenas a efeito. E conclui: “O que o estruturalismo propõe não é nenhum a-humanismo, mas sim a ausência de centro para as diversas práticas.”



# Psiquiatria

## Pintura

### salva

## loucura

O Hospital do Engenho de Dentro pertence ao Governo e a única tentativa de dar-lhe condições razoáveis de funcionamento malograra com a renúncia de Jânio Quadros como se verá adiante.

A Casa das Palmeiras é uma instituição particular e tanto Nise da Silveira como os outros psiquiatras não recebem salários. Sentem-se pagos pela experiência de tratar doentes mentais, em regime de externato e que vem dando os melhores resultados.

A extrema dificuldade financeira levou Nise da Silveira a aceitar esse leilão numa última tentativa de salvar a Casa das Palmeiras.

Particularmente Nise da Silveira não gosta disso, não se move bem nesse meio, não conhece as pessoas que podem ajudá-la, não sabe fazer as coisas. Seu jeito é trabalhar discretamente. No ano passado completou 20 anos no Engenho de Dentro e 10 na Casa das Palmeiras. Ninguém se lembrou da data. Apenas seus funcionários lhe ofereceram uma plaquinha de ouro, imitando muito afetuosamente aquele cartão de visita com a ponta virada.

Nise gostou. A lembrança foi simples, terna. Nise até se comoveu. Não era muito, e claro, mas tudo que eles podiam dar e foi nesse sentido que Nise o recebeu. E ate um pouco parecido com ela. Com seu corpo frágil, sua cabeça branca, sua voz pausada, seu olho enorme e seguro, seu "tailleur" cinza bem cortado e escovado e sobretudo a sua pobreza limpa e a vida inteira consumida em um trabalho direto.

A terapêutica ocupacional é um método empregado nos tratamentos psiquiátricos. Não é, entretanto, aceita pacificamente como tal. Os organicistas entendem que a esquizofrenia tem origem em distúrbios bioquímicos e endócrinos. Apesar disso admitem que a ociosidade agrava e apressa o processo de decadência e recomendam trabalhos físicos. Para eles, portanto, as ocupações não são agentes curativos, muito embora representem suportes.

A chamada "demência precoce" foi estudada por Bleuler e Simon, que já em 1911 afirmavam ser o método psíquico o único tipo de terapêutica para a esquizofrenia que podia ser tomada em consideração. Bleuler verificou que mesmo depois de muitos anos de enfermidade não se constatava necessariamente a falta de atividade, inteligência e sensibilidade do doente. As ideias de Freud, a seguir, abriram caminho para pesquisas apaixonantes e Jung fez o primeiro estudo profundo neste sentido no seu livro básico "A Psicologia da Demência Precoce" (1906). O tratamento psíquico passou a ter então como objetivo educar o paciente em seus contatos com a realidade e a terapêutica ocupacional representou o melhor meio por oferecer ao pessoal atendente a oportunidade quase única de estabelecer um contato direto com os pacientes pois nenhum psiquiatra mais se conformava com as grandes percentagens de "incuráveis" que dão aos hospitais aspecto de asilo.

Herman Simon foi o primeiro a elaborar uma teoria sobre o tratamento ocupacional. Outros discordaram dele no velho processo dialético do progresso humano. Hoje, segunda a dificuldade do doente, varia o tipo de ocupação: ocupação do tipo lúdico, ocupações expressivas — pintura, modelagem — cópia e reprodução, criação artística artesanal, criação utilitária — para o indivíduo, para o grupo, para o hospital.

Desde que se admita que os sintomas das doenças psíquicas exprimem necessidades instintivas frustradas, que buscam satisfação por meios distorcidos, seria necessário oferecer ao doente atividades cujo exercício venha

de algum modo saciar tais dificuldades, gozando porém de aceitação por parte da sociedade.

Simon dirige sua terapêutica contra o sintoma, mas se o psicanalista acredita que as manifestações patológicas são tentativas deformadas para satisfazer necessidades instintivas, é claro que não recitará atividades que se dirijam contra o sintoma, mas que possam vir a satisfazer essas necessidades insaciadas, motivadoras da doença. Receita atividades que se desenvolvam no mesmo sentido dos sintomas, com a diferença fundamental de realizarem-se através de comportamentos construtivos e aceitos socialmente.

Na mais, como uma última informação para os leigos sobre terapêutica ocupacional: o contato, a comunicação com o psíquico será difícilíssima em níveis verbais das habituais relações humanas; mas em níveis não verbais, o médico encontra-se facilmente com seu doente e, no caso particular que nos interessa — a pintura — é através dela que o psiquiatra se comunica com o paciente, ouve-lhe as queixas, sabe-lhe a angústia.

Não foi Nise da Silveira, quem criou entre nós a terapêutica ocupacional, muito embora tenha lhe emprestado uma extraordinária dinâmica. Dois anos depois da inauguração do Hospital Pedro II, em 1852, modelar para a época, o seu diretor, Manuel José Barbosa, instalou oficinas de sapateiro, alfaiate, marceneiro, florista e de desfiar estôpos. E José Clemente Pereira, homem de extraordinária intuição, sabendo que havia no hospício quatro músicos, "ordenou lhes fossem fornecida uma rebeca, uma flauta, uma clarineta e uma requinta como meio de distração ou talvez de cura".

Estes dados estão no livro de Juliano Moreira, "Notícias Sobre a Evolução da Assistência a Alienados no Brasil".

Em 1904, sendo Juliano Moreira diretor do Hospício Nacional de Alienados, novo nome do Hospício Pedro II, foi construído o Pavilhão Sabão, destinado à instalação de oficinas.

Afrânio Peixoto tinha grande entusiasmo por este pavilhão e assim o descreve:

"Construído com magnífica solidez pelo empreiteiro Luis de Andrade, custou apenas 17.000\$ ao hospício, bem que valha muito mais disso. É um dodecágono retangular inscrito num círculo de oito metros de raio".

E passa a enumerar as oficinas ali instaladas: ferraria, mecânica elétrica, carpintaria e marcenaria, tipografia e encadernação, sapataria, colchoaria e vassouraria, e de pintura de paredes.

Desde então, o tratamento ocupacional teve entre nós altos e baixos, não só devido à concepção psiquiátrica dominante no momento, como por causa de dificuldades administrativas.

Nise da Silveira retomou, portanto, um trabalho iniciado em 1854. Mas, é evidente que, numa época de psiquiatria interpretativa, ao retomá-lo, ela o encaminhou neste sentido.

Em 1946, NS aceitou o encargo e o verbo de Cr\$ 30 mil confiada a ela: pelo Dr. Paulo Elejalde, diretor do CPN. Apesar da precariedade de meios, desde então o Serviço de Terapêutica Ocupacional assumiu uma grande importância no tratamento psiquiátrico.

Em 61, os jornais publicaram um dos famosos bilhetes da Presidente Jânio Quadros:

"Ministro da Saúde: ajudar, na que for possível, o Serviço de Terapêutica Ocupacional do Dr. Nise da Silveira, bem como o Centro Psiquiátrico Nacional do Engenho de Dentro, a que pertence.

Nise Silveira, Diretora do Serviço de Terapêutica Ocupacional do Hospital do Engenho de Dentro e Diretora Técnica da Casa das Palmeiras, concedeu uma entrevista à revista "Manchete" na qual explicava o sentido de seu trabalho e as dificuldades financeiras que o vinham dificultando há 20 anos, no Hospital Engenho de Dentro e há 10 na Casa das Palmeiras. A matéria despertou vivo interesse entre os artistas plásticos que sugeriram um leilão de quadros com o objetivo de levantar fundos para a Casa das Palmeiras. De modo que depois de desapontos por um lado e oferecimentos, inesperados por outro, chegaram à seguinte situação: Adolfo Bloch negou a sede da "Manchete" para a exposição, assim como a impressão do catálogo, mas José Luis de Magalhães Lins, através do Banco Nacional de Minas Gerais, financiará os compradores. Várias galerias e clubes se disseram programados até o fim do ano, mas o Gemini ofereceu-se espontaneamente pelo tempo que for necessário. Os artistas plásticos estão doando quadros com a melhor boa vontade. O pessoal da imprensa vem mostrando o maior interesse em promover a exposição. Várias senhoras de sociedade, entre elas a Sra. Ema Negrão de Lima (patronesse de honra), Nininha Magalhães Lins, Sílvia Amélia Marcondes Ferraz e Vivi de Almeida Brago, estão dando sua ajuda. Afonso Nunes ofereceu-se para fazer o leilão gratuitamente e ainda colocou seus arquivos e experiência a serviço da exposição. A 25 de setembro será o leilão, na Casa grande; telas, gravuras, desenhos, caixas dos mais expressivos artistas constituirão a mostra. Os dados dessa matéria foram tomados da "Revista Brasileira de Saúde Mental" (vol. XI). E foram utilizadas numa tentativa de resumir 150 páginas escritas por Nise Silveira onde ela aborda com mais espaço e mais profundidade a Terapêutica Ocupacional em todos os seus aspectos.

Recomenda que este Serviço deva expandir-se, e determina, finalmente, que convoque ao Gabinete Presidencial a Dra. Nise Silveira e que a mesma traga, na oportunidade, plano de trabalho para o exercício e de ampliação para o futuro".

A 7 de julho, NS chegava a Brasília e era recebida pelo Presidente. Chegava com sua modestia, sua aparente fragilidade e sua fantástica energia.

Levara o plano de trabalho pedido, o qual revelava uma pessoa que há muitos anos pensava e repensava os angustiosos problemas da assistência do doente mental entre nós.

O Presidente leu o plano, discutiu, pediu informações e o aprovou sem restrições. No dia seguinte, instruiu o Ministro da Saúde que, cumprindo as determinações do Presidente, elaborasse o Decreto n. 51.169, que vinha resolver, sem a necessidade de grandes recursos, mas de maneira muito inteligente, todos os problemas do STO. Dias depois, dificuldades políticas levaram o Presidente a renunciar.

O novo Governo não se interessou pelo decreto e tudo continuou como antes.

## A pintura

O abandono do Governo não foi suficiente para impedir o desenvolvimento do serviço de NS, hoje conhecido no mundo inteiro.

Vimos o justificado entusiasmo de Afrânio Peixoto ao descrever o local das oficinas e, para termos a medida de como regredimos neste sentido, basta lembrar que o Dr. Fábio Sadre (quem primeiro introduziu a terapêutica ocupacional do CPN) se viu obrigado a retirar leitos de um dos menores dormitórios a fim de transformá-lo numa sala para atividades ocupacionais (costura e bordado). O aproveitamento de um dormitório foi necessário pois as seções do HP não dispõem de locais para a ocupação terapêutica, nem mesmo de salas de estar, fato que revela nitidamente a visão psiquiátrica de seus construtores. NS colaborou com o Dr. Sadre nesta experiência e quando em 46 lhe foi confiada a direção do STO se regularizou apenas uma situação de fato. No seu minucioso plano de trabalho que levou a Jânio Quadros, NS escreveu o que o seu serviço havia realizado — em matéria de ocupações expressivas — até aquela data. "Aprendemos — escreve ela — as seguintes exposições de pintura e modelagem: fevereiro de 47, no Salão de Exposição do Ministério de Educação e Saúde; outubro de 49, no Museu de Arte Moderna de São Paulo; setembro de 1950, na exposição internacional organizada pelo II Congresso Mundial de Psiquiatria, reunido em Zurique". Com a renúncia de Jânio Quadros, NS perdia a primeira e única oportunidade de melhorar as condições de serviço. Mas como já estava acostumada tanto à estupidez do Governo quanto à absoluta falta de meios continuou seu trabalho tranquilamente. Em 58 a STO organizou em seu próprio Museu pelo menos uma exposição por ano. A intenção era fazer do Museu um centro vivo de estudo e as exposições foram organizadas com interesse psicopatológico assim como a avaliação de casos clínicos através da pintura e modelagem:

"Imagem de Arquétipos do Inconsciente coletivo (1958); Abstração e Angústia (1959); Efeitos da Música através da pintura (1959); A esquizofrenia em imagens (1960); Metamorfoses (1960); Um caso clínico (1961); O Retrato e o Círculo (1962); Um caso clínico (1963); 7 Novos de Engenho de Dentro, A Anorexia (1965); O Animal na pintura da esquizofrenia (1966); Homenagem a Isaac, Um co-

sa clínica, ou melhor, vida, paixão e morte de um homem (1966).

Nos hospitais que compõe o Centro Psiquiátrico Nacional muitos doentes eram, por certo, ocupados em trabalhos braçais, serviços de limpeza das enfermarias e das instalações sanitárias, encerramentos de pisos etc.

Pequenas verbas estavam mesmo previstas para gratificá-las. Estas tarefas eram atribuídas aos pacientes de modo empírico, tendo em vista vantagens para o hospital. NS, ao contrário, despreza totalmente as conveniências, neste sentido menor, do hospital. Diz ela tranquilamente:

## A produção é secundária

Preferimos ajudar nossos doentes antes de pedir-lhes que ajudem ao hospital. Se tiverem sido arrastados pela condição patológica a níveis de regressão muito baixos somente lhes proporemos atividades lúdicas, a modelagem, a pintura, a música.

Nunca nos comoveram as críticas que nos têm sido feitas por este motivo. Nossa regra é oferecer ao doente modos de contato com o mundo correspondentes à sua situação no momento.

Uma vez conseguido este contato é que vamos procurando ampliar e mudar de nível suas relações com o mundo que o cerca. Só os pacientes já bastante melhorados são solicitados a fazer trabalhos na aceção de realizações utilitárias. E por este motivo que nossas oficinas não trazem grande auxílio na produção de utilidades para o hospital nem produzem quantidade ponderável de produtos vendáveis.

## O fato inesperado

A 4 de fevereiro de 47, no grande salão do primeiro andar do Ministério da Educação, foi aberta ao público a exposição dos trabalhos que vinham de ser apresentados no Centro Psiquiátrico, acrescidas de mais outros, produzidos no entretempo, num total de 245 pinturas de adultos e de crianças.

A exposição provocou vivo interesse. Algumas incompreensões, traduzidas em títulos do noticiário de jornais, tais como "exposição dos malucos", "os loucos são pintores futuristas", etc. foram largamente superadas pela maneira séria, sensível, inteligente, dos comentários dos críticos de arte.

Será mesmo forçoso reconhecer que nossos críticos de arte mostraram-se surpreendentemente mais atentos ao fenômeno da produção plástica dos doentes mentais que os psiquiatras brasileiros.

Antônio Bento, Marcos Berkowitz, mas sobretudo Mário Pedrosa, o velho e bravo Mário, com a sua extraordinária percepção para entender e ainda explicar as coisas novas, foi quem mais contribuiu, através de uma série de artigos para esclarecer e orientar o público que visitava a exposição.

"O artista não é aquele que sai diplomado da Escola Nacional de Belas-Artes, do contrário não haveria artistas entre os povos primitivos, inclusive entre os nossos índios. Uma das funções mais poderosas da arte — descoberta da psicologia moderna

— é a revelação do inconsciente, e este é tão misterioso no normal como no chamado anormal. Daí a importância enorme, do ponto de vista psiquiátrico, para que se criem condições que permitam a esses meninos, que intelectualmente ainda não atingiram a uma certa média, estatisticamente dada como boa, que se expressem, externem o que vai por dentro da sua pobre alma obscura, livremente, sem coação ou censura. O mesmo processo é válido para o adulto esquizofrênico ou maniaco-depressivo. As imagens do inconsciente são apenas uma linguagem simbólica que o psiquiatra tem por dever decifrar.

Mas ninguém impede que essas imagens e sinais sejam, além do mais, harmoniosas, sedutoras, dramáticas, vivas ou belas, enfim constituindo em si verdadeiras obras de arte. (...) O valor educacional da exposição é da primeira ordem; seu valor artístico também é imenso". A posição da crítica de arte e pintor G. Campofiorita foi diversa. Trecho de sua crônica, publicada no "Diário da Noite" de 5-3-1947:

"Conquanto se tratasse de uma mostra de desenhos e pinturas, pensamos que o ponto de vista científico deverá ser dominante. A arte aí aparece apenas como um estímulo à base de pesquisa científica. Jamais em sua plenitude de sensação estética e cultural, com apoio na formação espiritual e profissional que anima o indivíduo a realizá-la em função de seu inteiro desejo e temperamento. Uma exposição de trabalhos infantis será sempre uma curiosidade no plano em que aparece. Uma exposição de débeis mentais tem o seu interesse no plano limitado em que pode e deve ser apreciada. Não importa que os desenhos de uma criança, como de um louco, possam trazer uma excelente contribuição à seleção dessas emoções que são atributos indispensáveis a uma obra de arte.

Assim mesmo a obra de arte pertencerá num plano muito outro, graças ao rigor da disciplina de instrução que o artista se obriga, sem jamais abdicar da autoridade que a natureza lhe faculta sobre a própria consciência".

Nesta altura Mário Pedrosa, entusiasmado com a pintura dos doentes, já se tornava um "expert" na matéria e quando a Associação dos Artistas Brasileiros solicitou a direção do Centro autorização para expor uma seleção — feita do ponto de vista estético — dos trabalhos apresentados no Ministério da Educação, Mário Pedrosa fez — 31 de março — uma conferência sobre "a arte encarada como necessidade vital".

Leon Degand, crítico francês e o primeiro diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo ficou vivamente impressionado com a qualidade artística de muitos dos trabalhos da STO e propôs apresentá-los no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Degand e novamente Mário Pedrosa fizeram a seleção. Assim, na grande sala do Museu de Arte Moderna de São Paulo foi inaugurada a 12 de outubro a exposição: "9 Artistas de Engenho de Dentro".

## A polêmica

A exposição apresentada no Museu de Arte Moderna de São Paulo graças ao poeta-pintor-escultor-médico e na ocasião presidente da Câmara dos Vereadores, Jorge de Lima, foi transferida para o Rio e montada no salão nobre da Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

O interesse do público e da imprensa excedeu toda a expectativa. E o fato mais importante em relação ao que se escreveu sobre esta exposição foi a série dos artigos de — outra vez



— Mário Pedrosa que agora se empenha em debate com o crítico Quirino Campofiorito, talvez o único a assumir uma posição retrógrada. Dos textos de Mário e com razão, ele não consegue disfarçar um certo humor e impaciência.

Q. Campofiorito, no "O Jornal" de 11-12-49:

"Preferíamos que à exposição denominada "9 Artistas de Engenho de Dentro", se emprestasse melhor curiosidade científica que artística. Parece-nos que isso seria muito mais útil ao excelente trabalho que está realizando o Centro Psiquiátrico Nacional, sob a diligente orientação do Dr. Paulo Elejalde, e através do "Serviço de Ocupação Terapêutica", confiado à alta competência da Dra. Nise da Silveira. Ao contrário do que seria justo esperar, andam silenciosas as penas brilhantes que poderiam ressaltar o valor científico da "terapêutica ocupacional" que tão bem reflete essa exibição de trabalhos de nove internados daquele centro. Penas brilhantes da crítica de arte indígena, porém, não poupam tinta e papel para elogiar "os formidáveis artistas de Engenho de Dentro" — "centenas de vocações escondidas e ignoradas" — "autores de quadros, já famosos — "criadores de obras de nova perfeição e beleza absolutas". Frases assim se repetem nos múltiplos artigos aparecidos, aplaudindo sem restrições a expressão artística dos trabalhos de um grupo de infelizes débeis mentais (ou não são infelizes?) a quem a título terapêutico se permite usar material de pintura, de desenho e de modelagem." M. Pedrosa, no "Correio da Manhã", de 14-12-49:

"A exposição dos Artistas de Engenho de Dentro tem inquietado muita gente. Em alguns essa inquietação vai até a hostilidade, inclusive às criaturas que ali expõem. O nosso colega Campofiorito em sucessivas crônicas vem representando essa corrente hostil, feita de preconceitos caducos quanto aos privilégios da nobre corporação dos artistas profissionais, tidos como "normais".

Campofiorito recusa-se a aceitar os trabalhos expostos no salão da Câmara dos Vereadores, graças à inteligência e sensibilidade de Jorge de Lima, que não é crítico nem secretário, mas conhecedor seguro do ofício. No entanto, não o diz por que. Limita-se a referir-se aos atestados de saúde daqueles homens, e os interpretando mal, sai dizendo que aquilo não é arte, pois quem já viu "doido" ser artista?

É pena que o ilustre colega não tivesse lido a nota introdutória do catálogo da exposição, organizada pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo. Do contrário, não teria atribuído aos "críticos sectários", como nós e outros, essa extravagante idéia de chamar de artistas os expositores do Salão da Câmara Municipal.

É pena, pois tivesse folheado o catálogo não teria apelado para os psiquiatras contra nós, fazedores de "confusionismo" junto ao público.

A verdade, porém, é outra: O Museu de Arte Moderna, primeiramente sob a direção de L. Degand, consagrado crítico de arte de Paris, e depois sob a direção de Lourival Gomes Machado, professor universitário, a isenção em pessoa, só tomou a iniciativa da exposição, por lhe parecer que "os artistas de Engenho de Dentro, ainda desconhecidos do grande público, sobretudo em São Paulo, mereciam e precisavam ter a sua exposição, tal como quaisquer outros artistas que, ao atingirem determinado nível em sua obra, devem ser trazidos à luz. Dentro desse ponto de vista, isto é, interessado exclusivamente pelo valor artístico das peças vindas de Engenho de Dentro, o Museu de Arte Moderna abriu-lhes suas portas.

Infelizmente, o crítico de "O Jornal" não se deu ao trabalho de passar a uma vista d'olhos na admirável apresentação da Dra. Nise da Silveira sobre os expositores. É um documento, o seu, de rigorosa precisão científica.

O diabo é que ela concorda também com o nosso sectarismo. Depois de verificar, com seu assentimento, que o diretor do mesmo Museu, ao visitar o estúdio do Centro Psiquiátrico, "não teve dúvidas em atribuir valor artístico verdadeiro à muitas das obras realizadas pelos internados", Nise da Silveira passa a explicar para os Campofioritos espantados a razão de ser daquela atribuição, e escreve: "Talvez esta opinião de um conhecedor de arte deixe muita gente surpreendida e perturbada. É que os loucos são considerados comumente seres embrutecidos e absurdos. Custará admitir que indivíduos assim rotulados em hospitais sejam capazes de realizar alguma coisa comparável às criações de legítimos artistas — que se afirmem justo no domínio da arte, a mais alta atividade humana."

Está vendo, Campofiorito, a resposta do psiquiatra que você procurava? Toda o trabalho da Dra. Nise da Silveira consistiu precisamente em demonstrar a razão pela qual é possível ser-se louco e artista ao mesmo tempo. Ela quis demonstrar precisamente que não há razão para espanto com tal afirmação. E, na realidade, respondeu antecipadamente àquele crítico, quando, conjungendo da opinião vulgar, julga que os loucos "são seres embrutecidos" confundidos numa só categoria desprezível de "débeis mentais".

A ciência nos diz, entretanto, que loucos e normais não são fundamentalmente diferentes. Quando leigos na matéria investem com fúria contra doentes mentais artistas, proibindo-lhes o reino da criação artística, e taxando-os a todos de imbecis, paciência, que se pode fazer se não dar de ombros, fiado na velha sentença de que "ignorância não é argumento"?

Quanto a nós, preferimos ficar com Nise da Silveira, com Degand, Lourival G. Machado, Sérgio Milliet para só falar na prata da casa, a ficar com a "catuérice" e o obscurantismo de nossa colega. Mas a doutora escreve: "Trate-se de artistas sadios ou de artistas doentes, permanece misterioso o dom de captar as qualidades essencialmente significativas seja dos modelos interiores seja dos modelos do mundo exterior. Haverá doentes artistas e não artistas", do mesmo modo que "com força de criar" "dentro das fronteiras da normalidade" só muito poucos, mesmo contando as dezenas e dezenas de milhares de sujeitos de nome firmado e profissão consagrada.

Crachás e sucesso nunca foram bastante para sagrar alguém como criador.

Essa nota já vai longe, mas apenas abordamos o tema entre todos fascinante e profundo levantado pela exposição dos artistas de Engenho de Dentro. Esperamos voltar ao assunto, e então trataremos também de alguns daqueles artistas em particular.

De qualquer modo, para nós, eles continuam a ser "formidáveis artistas". E desafiamos, quem diante de algumas daquelas telas, nos prove a contrário. Estamos mesmo dispostos a comparecer a um tribunal de críticos e especialistas, para aí sustentar, de pés juntos, ser Rafael um artista da sensibilidade de um Matisse ou de um Klee, e que o Municipal de Emídio, por exemplo, é uma tela que, pela força de expressão, o próprio criador, a atmosfera especial e o arranço de imaginação, não tem talvez segunda na pintura brasileira. Não tem medo nem de Santos Sinodas nem de outras inquisições."

Q. Campofiorito, no "O Jornal" de 22-12-49:

"Parece-nos que fomos os únicos a fazer restrições aos trabalhos apresentados na exposição de "9 Artistas de Engenho de Dentro", que críticas autorizadas enalteceram demasiadamente, encontrando-lhes excepcionais qualidades. A nossa opinião sobre esses desenhos e essas pinturas é de que são mediocres demonstrações artísticas e trazem as fraquezas de obras casuais, improvisações inconsistentes, deficientes tôdas dessas condições de inteligência e razão que deve marcar a criação artística. Se usamos dessa franqueza quando nos referimos à produção de muitos artistas profissionais, isto é, indivíduos absolutamente conscientes do que fazem e para que fazem, o mesmo devemos fazer nesse caso de uma mostra de trabalhos de enfermos mentais, recolhidos desde a infância a um hospital de alienados, e que só há muito pouco tempo foram levados a desenhar e pintar apenas por necessidade terapêutica. E com maior razão essa franqueza se impõe quando desejamos muitos dar à essa exposição o valor de uma excepcional exibição de obras de arte. De excepcional aí só existe o resultado obtido com o definido tratamento terapêutico, que positivamente representa um humano benefício para essas infelizes criaturas."

M. Pedrosa, no "Correio da Manhã", 1-1-50:

"A discussão travada em torno dessa mostra revelou, mesmo contra a vontade de alguns, o tremendo interesse por ela despertado. E não era para menos. O valor dos expositores como artistas é indiscutível.

Emídio, por exemplo, é um pintor consumado, e já agora em vias de consagração. Eis um artista cujo nome será retido. Basta olhar-se a série de quadros que ele apresenta para fazer-se idéia da sua força pictórica. Para os que lá foram e contemplaram suas obras, sem espírito prevenido, sem preconceitos e mesquinhas, o julgamento é espontâneo e unânime. Trata-se realmente de verdadeiro pintor, dos maiores já surgidos no Brasil. Suas primeiras telas denotam algo de impressionista, sobretudo na fatura e na composição quase sem disciplina (...)

Muito havia ainda que dizer de Emídio e dos outros companheiros de mostra. Mas não poderíamos encerrar essa nota sem referência especial a Rafael, esse soberbo artista, cuja pureza de linhas, cujo refinamento de desenho, eminente personalidade artística de Paris quis por força atribuir a influências de Matisse. Pobre e grande Rafael! Que jamais, em sua curta vida consciente, ouviu falar em personagens tão importantes e tão célebres!

Hoje é o último dia dessa grande mostra, sem dúvida a de maior interesse de quantos já se fizeram no Brasil nestes últimos anos. Aconselhamos aos que levam a sério as graves problemas da criação artística a não deixar que ela se feche sem travar conhecimentos com as obras ali exibidas. Algumas delas ficarão."

## Nise Silveira esclarece

A palavra definitiva, entretanto, estava reservada a Nise Silveira. Lourival Gomes Machado convidou-a para que escrevesse o prefácio da exposição do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

É um texto que alia uma extraordinária profundidade de percepção a uma invejável concisão e simplicidade de forma. E que além disso é o melhor e mais completo texto escrito sobre o problema e, por certo, responde a todas as indagações sobre o "Mistério" da criação nos artistas doentes.

### PREFÁCIO DO CATALOGO DA EXPOSIÇÃO DE 9 ARTISTAS DE ENGENHO DE DENTRO

O Diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo visitou o estúdio de pintura e escultura do Centro Psiquiátrico do Rio e não teve dúvida em atribuir valor artístico verdadeiro a muitos das obras realizados por homens e mulheres aí internados. Talvez esta opinião de um conhecedor de arte deixe muita gente surpreendida e perturbada. É que os loucos são considerados comumente seres embrutecidos e absurdos. Custará admitir que indivíduos assim rotulados em hospitais sejam capazes de realizar alguma coisa comparável às criações de legítimos artistas — que se afirmem justo no domínio da arte, a mais alta atividade humana.

Examinemos de perto se de fato loucos e normais são fundamentalmente diferentes.

Todos temos a experiência do sonho. Nos seus breves instantes podem ser vividos os mais recônditos e impossíveis desejos, encontram meio de expressão nossas tendências mais profundas. Através do sonho manifesta-se o inconsciente, usando a velha língua das imagens tão mais antiga que a das palavras. Fundem-se estas imagens em estranhas figuras, umas servem de máscaras às outras, representam muitas de maneira constante os mesmos pensamentos como nos hierógrafos. Mas apenas se abrem os olhos voltam tôdas para seu mundo subterrâneo. Os delírios, se os estudamos atentamente, são de certo modo sonhos prolongando-se pela vigília. Na sua trama de idéias ilógicas, encardidas do ponto de vista do adulto civilizado desperto, descobriremos o sentido da realização de desejos tal qual no sonho, sob o disfarce dos mesmos mecanismos psicológicos.

Os adeptos de certas religiões do oriente costumam concentrar-se em longas meditações durante as quais acontece não raro que os pensamentos se tornem visíveis, adquiram forma e cor. Se estes fenômenos se firmassem numa condição permanente seria difícil distingui-los de sintomas psicóticos. Entretanto, o adepto foi instruído de que essas formas e cores são vazias ainda quando representam deuses ou ancestrais. Após as intensas experiências das horas de meditação, ele retoma suas ocupações diárias sem que ninguém conheça os segredos de sua vida interior. Por tudo quanto diz ou faz é um homem sensato e sábio.

O artista é certamente um ser extraordinário. Seus fortes impulsos instintivos não se amoldam ao princípio da realidade. Insatisfeito e rebelde foge para o mundo da fantasia, onde lhe é dado viver seus desejos livremente. Mas vínculos de amor, exigente necessidade de comunicação com seus semelhantes, o atraem de novo ao mundo. E ele retorna, trazendo-nos a dádiva de suas aventuras subjetivas, que apresenta ora quase nuas ora complicadamente veladas. Parece mesmo encontrar prazer em exibi-las; alegra-se quando outros o entendem e o aplaudem. A atividade artística seria pois "caminho de volta que conduz

da fantasia à realidade" (Freud). Outros seres igualmente entram em conflito com o mundo exterior e se evadem para reinos imaginários. Mas aí se perdem. Nêles, as produções da fantasia tornam-se mais vivas, mais poderosas que as coisas objetivas. Invadem a esfera da consciência com tanta força que o indivíduo já não as distingue das experiências reais. Perturbam-se assim suas relações com o meio social — passam a ser chamados loucos.

Outra prova de que apenas questão de grau, de permanência ou transitoriedade em estados semelhantes diferenciam normais de psicóticos é esta própria exposição. Por que vos emocionais contemplando estes desenhos, estas pinturas e esculturas? Decerto, entre os motivos de vossa emoção, está que eles despertam ressonâncias, que fazem vibrar em cada um cordas afins. Este é um dos caminhos pelas quais as obras de arte nos atingem. Se Hamlet continua através dos séculos abalando profundamente a públicos do mundo inteiro, explica a psicanálise, é que a forte súpota poética dessa tragédia toca em cheio o complexo de incesto comum a todos os seres humanos. Os poetas ouvem as

vozes abafadas do inconsciente e exprimem para os demais seus oprimidos desejos. Parece mesmo haverem herdado de Homero o privilégio de descer aos infernos e voltar à luz do sol contando aos mortais o que viram naquelas regiões tenebrosas. Assim Fausto, ansioso de evocar Helena, mergulha no mais profundo dos abismos, onde habitam as figuras primigenias das mães. E o estremecimento de medo que sente ante essas deusas poderosas ao redor de quem se movem as imagens da vida comunica-se ao leitor do drama imortal. Esses mesmos arquétipos que do inconsciente coletivo emergem como relâmpagos nas visões de poetas, de pintores, vêm constituir o conteúdo avassalador de neuroses e psicoses.

Talvez muitas das obras aqui apresentadas causem a impressão de estranheza inquietante que acompanha a manifestação de coisas conhecidas no passado, porém que jaziam ocultas (conceito do sinistro segundo Schelling e Freud).

Presumimos obscuramente possuir no fundo de nós mesmos imagens semelhantes. Exemplos deste tipo são os desenhos evocadores de figuras místicas que acreditávamos superadas ou os que representam desdobramentos da personalidade, reveladores de épocas psíquicas primitivas, nas quais a ego ainda não se havia nitidamente delimitado em relação ao mundo exterior. Se certas figuras angustiam, a beleza de outras formas fascina. Ressaltam estruturas concêntricas, círculos ou anéis mágicos, denominados em sânscrito mandalas, imagens primordiais da totalidade psíquica. Místicos, hindus e chineses utilizam mandalas de rico valor artístico como instrumento de contemplação. Imagens de idéntica configuração surgem nas "mind pictures" de jovens e sadios ingleses, que as vêem de olhos fechados, num estado de repouso próximo ao que precede o sono, em experiências feitas nas aulas de pintura de uma escola secundária feminina (Herbert Head). Símbolos eternos da humanidade, aparecem também pintadas por doentes mentais europeus (Jung) e por esquizofrênicos brasileiros completamente desconhecedores do símbolo religioso oriental. Os que se debruçam sobre si próprios estarão sempre sujeitos a encontrar imagens dessa categoria, depositárias de inumeráveis vivências individuais através dos milênios. Daí as analogias inevitáveis entre a pintura dos artistas que preferem os modelos do reino do sonho e da fantasia e a pintura daqueles que se desgarraram pelos desfiladeiros de tais mundos.

Surpreende o número de doentes mentais que buscam expressão gráfica. É freqüente desenharem sobre as paredes ou em qualquer pequeno pedaço de papel que lhes caia nas mãos. Mesmo os mais inacessíveis, de contato mais difícil, raro deixam de desenharem se lhes entregamos o material necessário. Este fato curioso explica-se quando nos colocamos no ponto de vista da psicopatologia genética, admitindo ocorrerem nas psicoses processos regressivos, que reconduzem o indivíduo às fases anteriores do seu próprio desenvolvimento ou mesmo da evolução da humanidade. O pensamento abstrato, aquisição mais recente, cede lugar na doença ao pensamento concreto, isto é, as idéias passam a apresentar-se sob a forma de imagens (aliás o mesmo acontece no sonho e nos estados intermediários entre sono e vigília). Uma vez cindido e submerso o pensamento lógico, fica simultaneamente prejudicado a linguagem verbal que é o seu instrumento de expressão. Desde que seu pensamento flue agora em imagens, o indivíduo muito naturalmente usará exprimir-se reproduzindo-as. Pode projetá-las, entretanto, sem nenhum intento de comunicar-se com outrem, impulsionado por mera tendência fisiológica à exteriorização. Neste caso os desenhos nascem inteiros de um só jato, multiplicam-se em número esportoso e suas cores são quase sempre muito vivas. Mas apenas o ego começa a lançar frágeis pontes para o mundo real, aos modelos interiores vêm juntar-se objetos do mundo exterior recordados ou vistos no presente, a produção diminui e faz-se através de trabalho mais demorado, o colorido se enriquece de nuances. Esses sinais indicam que passos começam a ser dados no caminho de volta à realidade, desenho ou pintura estão se tornando linguagem emocional. A atividade artística poderá mesmo adquirir o sentido de um verdadeiro processo curativo.

Compreende-se, pois, a importância da instalação de estúdios de pintura e de escultura nos hospitais psiquiátricos, tanto para meio de estudo de obscuras mecanismos psicopatológicos que se tornam potentes nas produções plásticas, quanto pela função terapêutica de que a própria atividade artística muitas vezes se reveste.

Levantar-se-á talvez a pergunta: se nascem no inconsciente as fontes de toda a inspiração e o louco é aquele que foi invadido pelas torrentes subterrâneas, então estaria ele mais que ninguém em condições de criar obras de arte? Decerto não basta sonhar acordado, ter contato íntimo com imagens primigenias, falar a linguagem arcaica dos símbolos, sofrer a tensão de intensos conflitos. Trata-se de artistas sadios ou de artistas doentes, permanece misterioso o dom de cop-

tar as qualidades essencialmente significativas seja dos modelos interiores seja dos modelos do mundo exterior.

Haverá doentes artistas e não artistas, assim como entre os indivíduos que se mantêm dentro das imprecisas fronteiras da normalidade só alguns possuem a força de criar formas dotadas do poder de suscitar emoções naqueles que as contemplam.

Voltemos a acentuar o fato fundamental: os mais estranhos fenômenos encontrados nas doenças do espírito em nada diferem qualitativamente de mecanismos que também podem ser surpreendidos na vida psíquica normal. Nessas doenças são mudanças na estrutura psíquica que ocorrem. Estádios pretéritos da evolução emergem e impõem seus maneirismos correspondentes de sentir perceber e pensar. Os indivíduos assim atingidos tornam-se inaptos para o nosso tipo de vida social e por isso são segregados. Antes que se procurasse entendê-los, concluiu-se que tinham a atividade embotada e a inteligência em ruínas. Estariam, portanto, muito bem habitando edifícios-prisões chamados hospitais, abrigados e alimentados. Nas melhores dessas casas vêem-se leitos forrados de colchões muito brancos e corredores de soalho lustríssimo. Mas que se procure saber como correm para seus habitantes, as longas horas dos dias, durante meses e anos o fio. Venha-se vê-los vagando nos pátios murados, tais fantasmas. Pois a verdade é que as tentativas de psicoterapia e ocupação terapêutica feitas nos nossos hospitais têm apenas o valor de amostras do que poderá ser realizado, não chegando ainda a adquirir significação, dado o reduzido número de beneficiados em face da imensa maioria desatendida.

Esta situação decorre de se haver admitido arbitrariamente que nos doentes mentais se tenham extinguido as múltiplas necessidades humanas além de dormir, comer e quando muito trabalhar em ofícios rudimentares. Entretanto, só os poderes da inércia favorecem a aceitação conformista desse estado de coisas. Ninguém ignora a extraordinária renovação da psiquiatria realizada por Freud e Bleuler desde os primeiros anos do século. Até então se aceitava que a demência precoce (esquizofrenia) conduzi-se inexoravelmente à demência e ao apagamento da afetividade.

Hoje está demonstrado que mesmo após longos anos de doença a inteligência pode conservar-se intacta e a sensibilidade vivíssima. E aqui estão para prova os nossos artistas: Emídio internado há 25 anos, Rafael doente desde os 15 anos, ambos sob o diagnóstico de esquizofrenia.

Os hospitais, porém, continuam seguindo rotina de raízes em concepções já superadas, muito distantes da cultura atual de seus médicos. Cumpra reformá-los.

Seja a exposição agora apresentada uma mensagem de apelo neste sentido, dirigida a todos que aqui vieram e participaram intimamente do encantamento de formas e de cores criadas por seres humanos encerrados nos tristes lugares que são os hospitais para alienados.

## Isaac, uma paixão

A última exposição no Museu de Imagens do Inconsciente, já relacionada acima foi dedicada a Isaac. Ele é talvez um caso único no mundo, de doente que tentou se exprimir até o último minuto de vida, pois morreu com o pincel na mão, vítima de um enfarte quando pintava a mesma figura de mulher que vinha pintando obsessivamente há 20 anos (1946-1966).

Que teria feito essa mulher a Isaac? Que teria representado? Quem seria? De qualquer modo atingiu Isaac como um raio. Rachou a estrutura de sua personalidade. Mas por quê? Quando? Onde?

Isaac não suportou o que quer que fosse e refugiou-se na esquizofrenia, o que significa cortar todas as contatos com a realidade. Mas quando fazia um rápido contato, não verbal, mas através de pintura era ainda, e até a morte, o rosto dessa mulher que aparecia. Única comunicação possível com a realidade.

Nise da Silveira apesar de toda a sua informação técnica não perdeu, ao contrário, aguçou a sua fina sensibilidade.

Os loucos para ela são hóspedes e sobretudo gente e não casos. E por isso que o poeta e monitor Décio Vitorino que está sempre a favor dos hóspedes e contra os médicos, diz: "Ah! A doutora Nise sabe as coisas, nem parece médica". E é por isso que ela sente por Isaac essa fraterna compaixão. E é por isso que ela reúne aqueles dezenas de telas pintadas com o rosto de mulher e chama esta exposição de "Vida, Paixão e Morte de um Homem". Não resta dúvida. Ela sabe as coisas, Décio.



## Juventude Kupermann entra de sola

Quando em outubro for aberto a Bienal de Jovens de Paris, Cláudio Kupermann, de 23 anos, estará representando o movimento de vanguarda brasileiro, com um trabalho que intitulou "objeto".

Aluno da Fundação Armando Alves penteadado, CK estudou pintura em São Paulo com Juan Ponce e gravura com Mário Gruber, Darel e Marcelo Grassmann. Em 1965 ganhou uma bolsa de estudos do Governo francês; em 66 foi um dos premiados entre os alunos bolistas de Paris e expôs mais tarde, na Galeria Trigueiro, junto com os brasileiros Luis Aquila da Rocha Miranda e o argentino Uriburu.

Ao contrário de outros pintores brasileiros Cláudio Kupermann partiu para a Europa antes de ter imprimido em sua pintura, aqui no Brasil, qualquer marca definitiva. Sua formação, no entanto, não pressupõe qualquer tendência europeizante já que, a partir do claustramento da "popular-art", cada vez mais as manifestações plásticas guardam uma identidade que as une: a aqui e agora do mundo. O Brasil de Nordeste e senhores fardados e as bombas que em outros cantos se fabricam e são explodidas em terrenos alheios, estão presentes na "pop" de um Gerchman, um Antônio Dias, um Vergara e tantos outros. Mesmas temas, mesma angústia, semelhante aniquilamento estão presentes nos trabalhos dos jovens ingleses, americanos, sul-americanos, etc. Essa unidade, Cláudio Kupermann define como daquelas que "entram no hoje de sola".

Falando a CULTURA—JS, CK explica o caminho que seguiu para a construção dos seus objetos:

"Em São Paulo trabalhei, durante muito tempo, com telas e gravuras. Fazia um figurativo meio expressionista e romântico que não me satisfazia. Isto é, satisfazia enquanto eu pude acreditar nele e até o dia em que sai para Paris. Em 65, chegando na Europa e depois de um penoso trabalho para me adaptar, vi que estava insatisfeito e que alguma coisa deveria ser rompida em mim. Estava diante de uma outra realidade, um mundo cheio de novidades onde não havia tantas alternativas românticas: os fatos, as palavras, as notícias, as ações se diferiam muito da minha paisagem paulista. Eu comecei também, por outro lado, a ver o Brasil de longe e a perceber muito do que nele se passava e que, como consequência, deveria se passar em mim. O rompimento tinha de existir, a agressão, a luta feroz contra o meu bem estar fantasioso.

Apesar de ter ganhado o prêmio de bolista e ter feito uma exposição, ainda não me sentia à vontade. O problema não era pintar o que havia aprendido ou querido, era participar do que havia à minha volta. Também não era questão de ser **pop** ou de vanguarda ou romântico ou figurativo, ou o que fosse. A obrigação era estar alerta, atento. Depois de um ano de inércia e muito estudo descobri uma coisa — a minha pintura não podia ser de pincel, nem cavalete, nem tela. Para existir ela precisava se expandir, sair, sair fora de tudo. Abandonar o espaço da tela".

— Foi então que nasceu o primeiro objeto?

"Sim, nasceu. Foi a primeira consciência de que eu queria fazer alguma coisa que fosse viva, que estivesse viva na hora em que fosse olhada, que não tivesse obrigação de estar contida apenas num lugar. Essa coisa não podia ter espaço interno, onde ela estivesse éste seria o seu espaço. A minha pintura só teria sentido para mim no dia em que se pudesse tropeçar nela: num amarelo, num vermelho, num azul".

— Poderia explicar melhor o que vem a ser este objeto?

"É primeiro consequência daquilo que já disse: de uma necessidade de entrar de sola, de buscar um sentido daquilo que se vê, ouve, apalpa, sofre-se, de querer dar um sentido novo para alguma coisa que faz parte de um mundo inteiro do qual, por mais que se queira, não se pode fugir. Um objeto tanto pode ser uma bomba prestes a explodir quanto um brinco que as mulheres levam à orelha e que também, por seu lado, tem a forma desta mesma bomba. Tanto pode ser as ruas de uma cidade quanto uma árvore. O que quero dos meus objetos é que eles consigam perfurar, agredir os nossos hábitos cotidianos, mostrando que neles existe ainda aquela cor, aquela surpresa, que por força do mesmo hábito deixamos de ver".

— Ao que parece a ideia dos objetos

tem muito a ver com as "primary-forms" dos norte-americanos.

"Nem tanto com a "primary-forms", pois o material que emprego é outro totalmente diferente e os meus meios de construção são muito pobres em relação aos enormes tubos de aço empregados pelos da "primary". Eu crio os meus objetos à base de poliuretano rígido em expansão, que é uma espuma dura. Dá para perceber a diferença não dá? Mas não resta dúvida alguma que tanto as "primary-forms", quanto a Nova Escultura Britânica estão nos meus objetos. Eu diria que muito mais a linha inglesa. A Imagem pop de Anthony Caro, Philipp King, Tim Scott, a pintura de Richard Smith — todos eles me ensinaram muita coisa. A cor das suas esculturas me emocionou demais. Foi com eles que me veio uma espécie de gana de tropeçar nos cores".

— O objeto é uma escultura?

"Eu diria que o objeto é uma necessidade de estruturar uma nova beleza onde se está. Assim, ele tem sua participação em tudo: é arquitetural, é habitacional, é uma ambiência. Eu gostaria de poder encher uma casa com objetos. Nos Estados Unidos, os representantes da "primary-forms" enchem praças com seus trabalhos. Vai-se andando e de repente se está diante de um imenso tubo de muitos e muitos metros, uma coisa que se dobra, atira-se, expande-se ao lado das árvores, bancos, edifícios — é a presença de alguma coisa mais concreta que clama pela nossa atenção. Eu posso um dia chegar a criar objetos grandes assim, mas estou iniciando. No momento, o que sei é que há um longo trabalho à minha espera em Paris. Afinal não é fácil, no centro de um mundo que fervilha de novidades, de novas criações, tentar-se uma linha pessoal. Pode ser que um dia comece a surgir outros criados de objetos, de coisas e cores vivas — afinal nosso trabalho não se faz mais no confinamento. Quando eles surgirem, se surgirem, é claro que me sentirei muitíssimo mais seguro. No momento eu corro um risco e acredito que terei de pagar um preço por ele.

— Acredita que esse tipo de trabalho pode permanecer?

"Não, claro que não. A criação, isto é, a ideia que está por trás do que todos nós fazemos essa sim, só tenderá a se ampliar. Quanto aos meus objetos, eles estão dentro de um processo de consumo, como tudo mais. E' usá-los e jogá-los fora, porque um dia eles envelhecerão como todas as outras coisas. Nos Estados Unidos e na Europa existe um método de fazer desaparecer muito rapidamente, por exemplo, um "pocket-book" — que não só contém uma obra de arte como é a forma através da qual esta obra se manifesta. Depois de lido, joga-se o livro no lixo. E' que ele já deu o que tinha de dar e não pode ficar ocupando muito espaço. Assim os meus objetos. Um dia o poliuretano se estraga e o melhor é jogá-lo fora. Porque existe o lixo não quer dizer que os escritores tenham de parar de escrever, nem os fazedores de objetos de desaparecer. Muito pelo contrário. Porque existe o lixo onde podem ser jogados é que eles, os meus objetos, conservarão sempre (espero) o humor que aprendi com os ingleses.

## Livros

## Uma revolução acidental

"A Revolução Tecnológica e a Decadência Contemporânea", de Michael Harrington, editado pela Civilização Brasileira, é um livro brilhante mas que insere num gênero ambíguo situado entre a ciência e o ensaio literário.

O livro de Harrington tem uma tese: a de que a revolução mundial de Marx julgara deveria ser feita pelos proletários está sendo feita pelos gerentes mas sem que estes o saibam. De fato, segundo Harrington, essa "revolução acidental" é produto do desenvolvimento sociológico e se processa à revelia de todo mundo.

Em resumo, o que se passa é o seguinte: a empresa privada, nos grandes países capitalistas, cresceu, deformou-se, matou a iniciativa particular — que era, segundo os ideólogos capitalistas, a base da liberdade democrática — transformou-se em grandes corporações que controlam o capital de milhares ou centenas de milhares de acionistas. Esses acionistas, anônimos e dispersos, não têm qualquer controle de seu dinheiro, o qual é administrado pelas equipes de gerentes das empresas. Sendo assim, diz Harrington, essas empresas já não são controladas pelo capitalista individual nem pelos acionistas, mas por uma direção coletiva que por sua vez, não representa os donos do capital

mas os interesses da própria empresa. Essa transformação não resulta em nada de positivo, pois a empresa continua a ter por objetivo fundamental o lucro, como a empresa capitalista tradicional. Tal fenômeno leva Harrington a concluir que a transformação "socialista" se deu — a empresa deixou de ser particular — mas sem deixar de ser capitalista. O que era positivo do capitalismo se perdeu e o que era positivo do socialismo não vingou: vingou o pior dos dois sistemas, é a conclusão de Harrington. A isso ele chama a "decadência contemporânea" que pode conduzir a uma sociedade sinistra, antidemocrática e apática.

As razões dessa "revolução acidental" estariam entre outras coisas no fato de que o desenvolvimento das técnicas permitiu à burguesia satisfazer uma série de reivindicações dos trabalhadores sem entrar em crise e sem perder o controle da economia. Por sua vez, essas conquistas da classe operária terminaram por amaciá-la, retirando-lhe o ânimo combativo. Assim, segundo Harrington, na Europa e nos Estados Unidos os sindicatos aceitam as reformas e se contentam com a parte da riqueza que é concedida aos trabalhadores. Por outro lado, o fenômeno que descrevemos da transformação da empresa privada, vem se casar a essa apatia dos trabalhadores na criação de uma espécie de sociedade conformista, sem qualquer capacidade de decidir de seu futuro. Esse é, no entender de Harrington, o maior sintoma da decadência.

Mas essa visão pessimista parece não levar em conta alguns outros elementos básicos e fatores importantes do processo social. A economia dos países capitalistas não é um sistema fechado no âmbito de cada país. Trata-se de uma parte do sistema econômico mundial, no qual se incluem os outros países capitalistas, os países subdesenvolvidos e os países de economia planificada. O relativo equilíbrio obtido, no após, em alguns países capitalistas, permitindo essa nova forma de empresa "eterna" que Harrington teme, está cada dia mais ameaçado pela rebelião dos países subdesenvolvidos, às custas dos quais aquele equilíbrio se mantém. Por sua vez, o desenvolvimento dos países socialistas e sua influência cada dia maior no sistema econômico mundial também pesará na balança. A tranquilidade e indiferença de certos setores do proletariado se quebrará na medida em que a repartição da riqueza internacional seja mais justa. A fragilidade desse equilíbrio parece evidenciar-se agora, nos Estados Unidos, que entra numa crise inflacionária em consequência da guerra que deflagrou contra um pequeno país. Não é por outra razão que o Governo americano resiste a modificar os termos das relações de troca com os países latino-americanos e com os demais países subdesenvolvidos. Não é por outra razão que se mantém ali uma frenética economia de guerra, que permite maciços investimentos numa mercadoria que dispensa mercado: as bombas e os foguetes nucleares.

Tais observações não visam, no entanto, invalidar o livro de Harrington, que contém páginas de muita penetração como o capítulo referente a Tamas Mann.

## Medicina

## Cada terra com seu câncer

O câncer não tem ainda cura, mas já tem geografia. Constatou-se que alguns tipos de câncer são muito mais frequentes em certas regiões e raros em outras. A razão disso está sendo estudada pelo professor Higginson, diretor do Centro Internacional de Pesquisa sobre o Câncer, fundado por iniciativa da França.

O câncer do estômago é muito frequente no Japão e no Chile; nos Estados Unidos, é o que menos aparece. Na Europa, sua distribuição varia misteriosamente: mantém-se inalterável na Grã-Bretanha e tende a desaparecer na Dinamarca. Para explicar isto, uma equipe de sociólogos fez inquérito sobre alimentação, hábitos culinários, ocupações profissionais das áreas mais atingidas, não chegando porém a nenhuma conclusão.

A situação é idêntica em relação ao câncer do fígado, que ocorre em grande escala na África e é muito raro nos países industriais. Inversamente, é nestes que o câncer do colo e do



reto mais aparece, sendo raríssimo na África. As razões são ignoradas. Sabe-se apenas que não é uma questão genética, pois os negros americanos, por exemplo, em relação ao câncer reagem da mesma forma que seus compatriotas brancos. Enquanto o câncer do fígado provoca 20 a 50% das mortes por câncer entre os Brancos, essa taxa cai a menos de 1% entre os negros americanos. Trata-se portanto de um fator de meio, mais ignora-se ainda qual.

A patologia geográfica, atualmente, coloca muito mais problemas do que responde. Mas já conduz a alguns resultados positivos. Sabe-se, por exemplo, que o câncer de pulmão é nitidamente mais elevado nas cidades que no campo, entre os homens que entre as mulheres, entre os fumantes que entre os não-fumantes. Tem-se colocado em evidência o papel do cigarro na formação deste tipo de câncer. Mas outros fatores, comprovadamente, intervêm: a poluição atmosférica, a infecção crônica das vias respiratórias, a inalação de produtos tóxicos durante o trabalho.

Os cânceres de origem profissional é que já estão melhor estudados: câncer de pele entre os **ramoneiros**, câncer de pulmão entre os trabalhadores das minas de urânio e amianto, etc. E' um problema da sociedade industrial. Não se pode — afirma o CIPC — eliminar completamente estes fatores. Mas, conhecendo-os, pode-se atenuar seus efeitos e diminuir o número de trabalhadores expostos.

O que se está estudando melhor, porém, são os fatores de meio mais gerais, aqueles que valem para toda a população. Fora o caso do cigarro, onde já há informações precisas, estamos ainda no terreno da desconhecido. As conclusões até agora tiradas são as seguintes:

1 — Os fatores hereditários têm um papel mínimo no câncer. Deduz-se isso claramente do fato dos imigrantes "adotarem" as formas de câncer do país onde vivem, "perdendo" as do país de origem. Os negros americanos obedecem às mesmas estatísticas que os brancos, diferentes das dos africanos. Apenas uma exceção: o câncer da pele, que é extremamente raro entre os negros de todos os países, provavelmente porque a pigmentação tem um papel protetor.

2 — A distribuição das diversas formas de câncer apresenta diferenças nítidas entre os países industrializados e países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos. Nos primeiros predominam os cânceres associados à poluição, aos aditivos alimentares, etc. Nos outros, as principais formas de câncer parecem ressaltar de uma alimentação deficiente e de hábitos locais, como o de mascar. Po-

de-se efetivamente estabelecer uma relação entre o hábito de mascar e o câncer da boca.

Mas o Centro Internacional de Pesquisa sobre o Câncer ainda tem muito que fazer para determinar o papel exato dos diversos fatores cancerígenos e identificar novos.

## Mulher

## Garbo, a divina rainha

No livro, a fotografia de Greta Garbo. Só o rosto. Mas o rosto de Greta Garbo na "Dama das Camélias". Dois homens e uma mulher, todos maiores de 30 anos, olham com admiração e encantamento. Entra na sala uma menina de 12 anos: cabelos longos, já arranjados com capricho, roupa de mocinha. Quer ver o que todos estão olhando tão em silêncio.

— Você acha esta moça bonita? — pergunta o tio, indicando a foto. — Eu não! Ela tem uma cara esquisita!

Os três "velhos" riem. Não têm coragem de repetir para a nova geração o que há pouco diziam: "que beleza!", "que sorriso maravilhoso!", "que mulher genial!". Passam a comentar o problema do "choque de gerações". Isso aconteceu no Rio, em 1966. Este ano, aquela mesma menina deve ter lido, com o maior interesse, as reportagens nas páginas femininas sobre a maquiagem "à Greta Garbo". E pode já estar brigando com a mãe para pintar os olhos como manda o último figurino: fundos e românticos como os da "divina sueca" em "Anna Karenina" ou "Maria Walewska".

O foto é que o mito Greta Garbo, longe de enfraquecer, passou este ano do saudosismo à redescoberta. E a Cinemateca do Museu de Arte Moderna exibe hoje, sexta-feira, um de seus filmes de maior sucesso: "Rainha Cristina", de Rouben Mamoulian, com John Gilbert, que foi idolo junto com ela de 1926 a 33, e hoje só produz riso entre as mocinhas. E' verdade que Gilbert morreu e Greta Garbo está viva. Mas essa é outra pessoa: uma mulher neurótica, velha, perseguida pelos fotógrafos interessados apenas em mostrar a sua decadência física. A Garbo que se retirou do cinema em 1941, ainda em pleno apogeu, está mais viva. E é a única



estrela dos "tempos heróicos" do cinema que permanece. Greta Gustafsson nasceu em Estocolmo em 1905. O diretor Mauritz Stiller deu-lhe o nome artístico e lançou-a, com menos de 20 anos, no filme "A Lenda de Gosta Berling". Fez, em seguida, no Alemanha, um filme com Pabst. E em 1926, já famosa, foi para Hollywood com seu descobridor, Stiller. "Mulher Divina", filme hollywoodiano, consagrou Greta Garbo como ídolo mundial. E quando, em "Anna Christie", falou pela primeira vez no cinema, sua voz grave assegurou-lhe o primeiro lugar entre os ídolos do cinema, atividade que abandonou aos 36 anos. Seus últimos filmes foram "Camille", "Ninotchka" e "Dois Vezes Meu".

A dupla Greta Garbo-John Gilbert, que a "geração Paissandu" verá hoje em "Rainha Cristina", foi formada em 1926, com "A Carne e o Diabo", de Clarence Brown, e obteve o maior su-

cesso romântico do cinema mudo. Fizem ainda outros filmes juntos: "Ana Karenina", dirigido por Edmund Goulding, em 1927, "A Woman of Affairs", também de Brown, em 28, e por fim, "Rainha Cristina". Mas "Rainha Cristina" não é só Greta Garbo. As novas gerações podem ver nele o trabalho de um dos mais importantes diretores da década de 30. Rouben Mamoulian, homem de teatro que depois de estudar com Stanislavski dirigiu peças em Londres e na Broadway, é um cineasta poético, mesmo quando faz um policial como "City Streets", com Sylvia Sydney e Gary Cooper. A marca de sua passagem pelo teatro é a abertura de seus filmes, com recitações de trechos. "I Was the King of Sweden", abertura de "Rainha Cristina", é um dos mais maravilhosos. E também neste filme está a cena considerada "a mais bela do cinema": o despertar de Greta Garbo, a Rainha da Suécia.

## Música

# Bethânia em canto maior

Há poucos dias, a convite de uma revista do Rio, Maria Bethânia esteve posando nas jardins da Embaixada Britânica cujo Embaixador, gentilmente, cedeu. Não só o jardim, mas também dois belíssimos galgos, que compuseram algumas das fotos e alguns dos trajes que MB usou. As fotografias foram feitas com a presença do filho do Embaixador, que auxiliou o fotógrafo, segurando os mencionados cães. Alguns dias depois, as fotos prontas, a direção da revista recebeu um telefonema do mesmo Embaixador proibindo a publicação delas e, não tão gentilmente, dizendo que seus cães haviam sido usados para posar ao lado de uma cantora de protesto. De protesto, não! E as fotos da cantora com os galgos no belíssimo jardim da Embaixada Britânica, foram devidamente arquivadas.

Não se pode fazer nada contra a decisão do Embaixador; afinal, a Embaixada, seus terrenos e jardins são território britânico. Existe porém outro problema. O que está fora daqueles jardins já é território nacional e por ser território nacional as proibições diminuem. Em São Paulo, a Censura declarou: Carcará, por Maria Bethânia, não! A interpretação é subversiva. Cantor de protesto é só para inglês ver — e na Inglaterra. O tempo, ó costumes!

Nascida em Santo Amaro da Purificação, interior da Bahia, em 1946, Maria Bethânia tinha dezoito anos e uma segunda época em matemática quando, surpresa, soube que havia um telegrama do Rio, enviado por Oduvaldo Vianna Filho, para que ela viesse substituir Nara Leão, no "show" "Opinião". "A princípio não acreditei, pensei que fosse um troço. Eu estava em Santo Amaro me preparando para a segunda época quando Nilde Spencer, diretora da Escola de Arte Dramática da Bahia, telefonou dando a notícia. O telegrama havia sido enviado para ela, que devia me localizar. Eram umas cinco horas da tarde e eu deveria apanhar o avião às nove horas da manhã seguinte. Nem sabia se meu pai iria deixar-me vir, já que o mais importante naqueles dias, era o meu exame de matemática". Mas o pai consentiu com a condição de que Caetano Velloso, o irmão, a acompanhasse e desde que Bethânia estivesse em Santo Amaro na época das provas.

"Eu não conhecia o Rio. Era a primeira vez que vinha para cá, mas isso era o menos importante. O mais sério era a responsabilidade de substituir uma cantora que admirava e cantar músicas de compositores como João do Valle e Zé Keti, que nós gostávamos demais na Bahia e que considerávamos como "monstros sagrados". Eu já havia cantado em Salvador, mas era diferente. Estava em casa. Eramos um grupo de amigos muito íntimos para dar medo. Tínhamos, isso sim, uma enorme euforia, uma vontade muito grande de acertar. Já me pude imaginar receber um tele-

grama exatamente do grupo Opinião. No Rio pensei ficar uns dois ou três dias, isto é, substituir Nara enquanto ela estivesse rouca. Quando soube ela havia desistido do espetáculo e que eu tomara definitivamente o seu lugar, então tive de convencer meu pai (o que não foi difícil), de que a segunda época ficaria para depois e meter a cara no trabalho pra valer". Do Aeroporto do Galeão, já no Rio, Maria Bethânia foi direto ao Teatro Opinião. Estava nervosa e sem entender muito bem as coisas. Para quem vinha da província era uma aventura inesperada demais.

"Logo na entrada do teatro encontrei uma loura, estrangeira, que assim que me ouviu perguntar pelo "senhor" Oduvaldo Vianna Filho olhou-me espantada e foi logo dizendo: "com esta voz rouca você só pode ser Maria Bethânia. Entre, entre, você tem uma voz linda". Era Pichin-Pla. Não preciso dizer que morri de vergonha e não sabia onde me esconder. Como poderia ter voz linda se ela ainda não tinha me ouvido cantar?" E foi assim que a menina provinciana, que nunca antes estivera no Rio, que conhecia apenas Salvador, Santo Amaro e outros passeios mais próximos, aportou no Opinião.

No primeiro dia da sua apresentação não havia um único lugar e a casa dobrou o seu público. Quando M.B., ainda lendo o seu papel, cantou a primeira música, houve um delírio. Agora, três anos depois desta primeira apresentação e no mesmo teatro, o nome de Maria Bethânia levou exatamente setecentas pessoas a uma casa que tem capacidade para trezentas.

O "show", realizado no "Bar Doce Bar" das segundas-feiras, há cerca de 15 dias atrás, revelou uma intérprete das mais violentas sim, mas não no sentido em que tanto a Censura paulista quanto o Embaixador Britânico supõem. Com apenas 21 anos, Maria Bethânia pode ser considerada a maior intérprete da música popular brasileira — e isso equivale não a um elogio, mas a uma consideração das mais importantes que deveria ser tomada em conta por nossos órgãos de divulgação cultural. Mas isso é um outro caso.

Cantando para setecentas pessoas numa casa com capacidade de trezentas, essa moça baiana "protestou" com músicas de Antônio Maria, Noel Rosa, Ferreira Gullar, Caetano Velloso, Chico Buarque de Holanda, Edu Lobo e João do Valle. Meio a um calor infernal, fumaça, desconforto e falta de lugares, Maria Bethânia, durante mais de uma hora, fez com que a atenção de todo mundo se concentrasse nela e de tal forma, que ali havia muito menos a cantora do que o poeta, o pessoal, o ator. Seu fenômeno maior é a concentração, a capacidade de "interpretar", de dizer cada uma das músicas dos mais diversos compositores, com aquela intenção e aquela disponibilidade que reve-



COPEG financia desenvolvimento e

# CULTURA JS



Editado pelo JORNAL DOS SPORTS / SETEMBRO 8, 1967 / n.º 26 /  
Redação e pesquisa: Ana Arruda Ferreira Gullar, Isabel Câmara, Léo Vitor,  
Oliveira Bastos, Reynaldo Jardim (direção), Vera Pedrosa (coordenação).

lam o verdadeiro intérprete. Sua música, longe de ser um conjunto de técnicas aprendidas, é aquele canto através do qual as coisas são mais reveladas que mostradas, daí poder cantar, num mesmo dia, Antônio Maria e Chico Buarque de Holanda sem que haja a menor distorção, sem que se possa sentir qualquer envelhecimento. Os que conhecem a importância de uma Billy Holiday no cenário da música norte-americana, sabem o valor de uma interpretação musical. Longe de ter a afinação e a preocupação sonora de Ella Fitzgerald e Sarah Vaughan, Billy Holiday era antes procurada pelos instrumentos, que tentavam seguir a entonação das suas palavras, a intenção da música que dela saía. Hoje em dia, no cenário da música popular brasileira e seus intérpretes, Maria Bethânia vai aos poucos significando essa mesma dramaticidade, uma criação semelhante. Não é a cantora que é subversiva, tampouco a música. O que não é entendido e que sua interpretação é sua forma de criar, e sendo forma de criar é sua maneira de ser, existir. As setecentas pessoas que superlotam o Teatro Opinião aprenderam isso: que na moça baiana havia muito mais do que voz, afinação, cuidado — havia uma irreversível e temerária coragem de comunicar uma verdade.

A sua. E' para essa cantora rude e cheia de coragem, que Reynaldo Jardim está escrevendo um livro intitulado "Maria Bethânia, Guerreira Guerrilha", cuja abertura diz: "Não se conta no escuro, no silêncio do quarto, sob o luar, na praia, no vazio, mulher que fôr assim, plena mulher feita de mil tensões. Mulher que fôr assim Bethânia toda, canta-se no palco, onde se nua e tivesse já veríamos, entre as seias azuis, um tormentoso rio".

Uma  
verdadeira  
enciclopédia  
do  
conhecimento  
moderno  
em dezembro  
nas

livrarias

ANUÁRIO  
de  
CULTURA  
JS

(\*) Consulte a Secretaria de Economia e seus órgãos COPEG e COCEA sobre como o Estado pode amparar a indústria, o comércio, as atividades rurais e o desenvolvimento cultural da Guanabara.